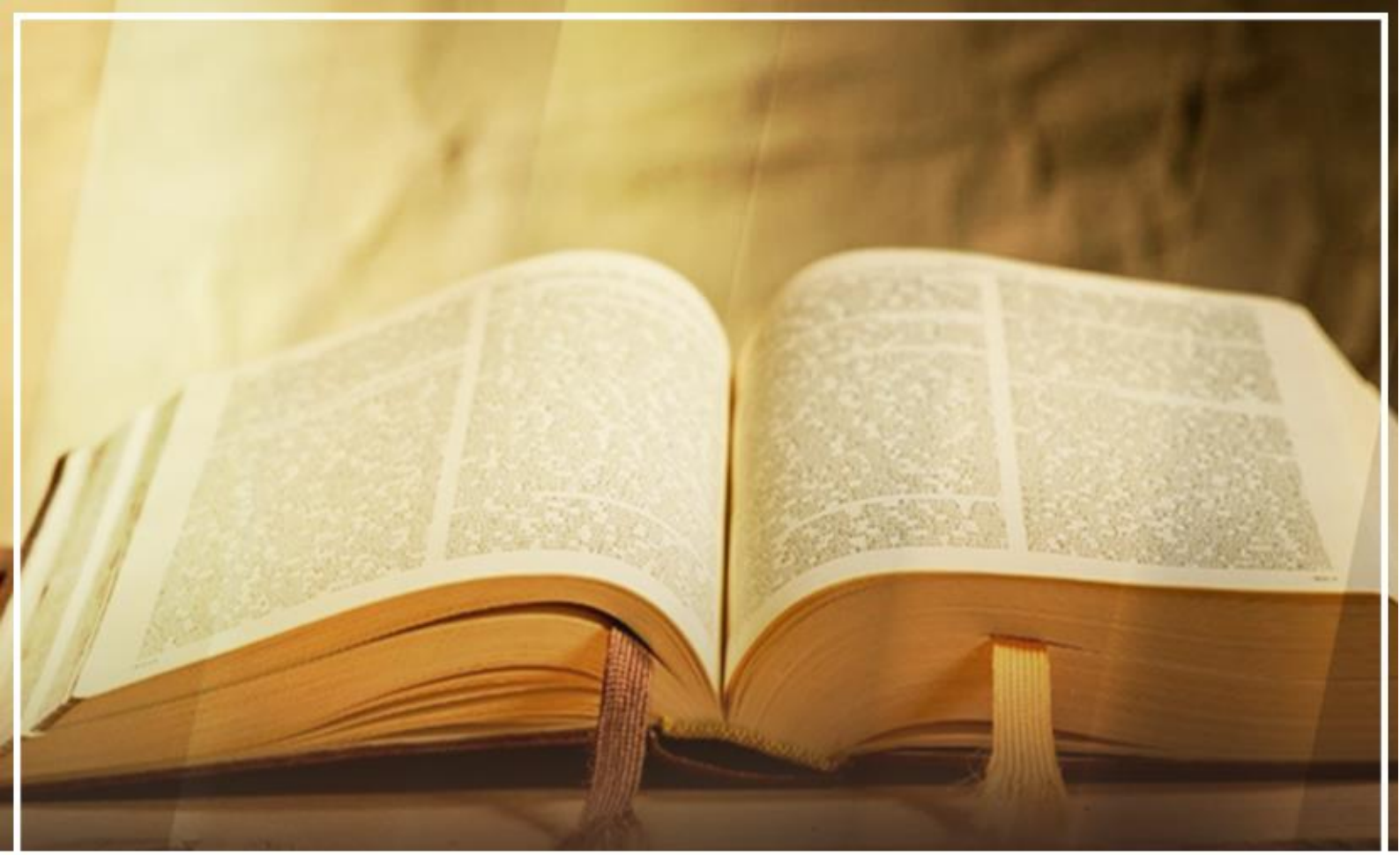

História de Israel
(I)

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA
BEREANA

Sumário

O PERÍODO DOS PRINCÍPIOS..... 1
A IDADE PATRIARCAL E OS PATRIARCAS..... 6
ISRAEL NO EGITO E O ÊXODO 14
A RELIGIÃO DE ISRAEL.....20
PREPARAÇÃO PARA A NACIONALIDADE 29
A OCUPAÇÃO DE CANAÃ.....35
TEMPOS DE TRANSIÇÃO.....53
UNIÃO DE ISRAEL SOB DAVI E SALOMÃO.....59
BIBLIOGRAFIA.....81

O PERÍODO DOS PRINCÍPIOS

O Antigo Testamento provê uma resposta ao interrogante do homem no que diz respeito ao passado. Os primeiros onze capítulos do Gênesis expõem os fatos essenciais respeito da Criação deste Universo e do homem. No registro escrito do proceder de Deus com o homem, estes capítulos penetram no passado além do que tem sido estabelecido ou corroborado definitivamente pela investigação histórica. Com razoável seguridade, contudo, o evangélico aceita inequivocamente esta parte da Bíblia como o "primeiro" (e o único autêntico) relato da Criação do Universo por Deus. Os capítulos iniciais do cânon são fundamentais para toda a revelação exposta no Antigo e Novo Testamento. Em toda a Bíblia há referências à criação e precoce história da humanidade tal como se expõe nestes capítulos introdutórios.

Como deveremos interpretar esta narração do princípio do homem e seu mundo? Ao interpretar esta seção da Bíblia, é importante aceitá-la em seus próprios termos. Sem dúvida, o autor fez uso normal de símbolos, alegorias, figuras da linguagem, poesia e outros recursos literários. Para ele, ao parecer, constituiu um registro sensível e unificado do princípio de todas as coisas, tal como lhe tinham sido dadas a conhecer por Deus.

O tempo compreendido por este período dos princípios não se indica em nenhum lugar das Escrituras. Tentativas de interpretar as referências genealógicas como uma cronologia completa e exata, não parecem razoáveis à luz da história secular. Embora a narrativa segue, em geral, uma ordem cronológica, o autor do Gênesis não sugere em forma alguma uma data para a criação.

Tampouco nos são conhecidos os detalhes geográficos deste período. É improvável que cheguem a ser identificadas as situações do Éden e alguns dos rios e nações mencionados.

Não se indicam as mudanças geográficas acontecidas com a expulsão do homem do Éden e com o diabo. Segundo parece, estão além dos limites da pesquisa humana.

Ao ler os onze capítulos do Gênesis, podem suscitar-se questões que a narrativa deixa sem resposta. De maior importância, contudo, é a consideração do que se afirma; porque este material provê o fundamento e fundo para uma maior e mais completa revelação de Deus, como se manifesta de forma progressiva em capítulos subsequentes.

O relato da Criação Gn 1.1 – 2.25

"No princípio" introduz o desenvolvimento na preparação do Universo e a criação do homem. Se este tempo sem data se refere à criação original ou ao ato inicial de Deus na preparação do mundo para o homem, é questão de interpretação. Em todo caso, o narrador começa com Deus como criador, neste breve parágrafo introdutório (1.1-2) em relação com a existência do homem e do Universo.

Ordem e progresso marcam a era da criação e organização (1.3 – 2.3). No período designado como de seis dias prevaleceu a ordem no Universo relativa à terra. No primeiro dia foram ordenadas a luz e as trevas para proporcionar períodos de dia e de noite. No segundo dia foi separado o firmamento para ser a expansão da atmosfera terrestre. Segue-se na ordem, a separação da terra e a água, assim a vegetação apareceu a seu devido tempo. O quarto dia começaram a funcionar as luminárias no céu em seus respectivos lugares, para determinar as estações, anos e dias para a terra. O quinto dia trouxe à existência a criaturas vivas para povoar as águas de baixo e o céu acima. Culminante nesta série de acontecimentos criativos foi o dia sexto. Foram ordenados os animais terrestres e o homem para a ocupação da terra. O último dia foi distinguido dos primeiros confiando-lhe a responsabilidade de ter domínio sobre toda vida animal. A vegetação foi a provisão de Deus para seu mantimento. No sétimo dia Deus terminou seus atos criativos e o santificou: como período de descanso.

O homem é imediatamente distinguido como o mais importante de toda a criação de Deus (2.4b-25). Criado a imagem de Deus, o homem se converte no ponto central de seu interesse ao continuar o relato. Aqui se dão mais detalhes de sua criação: Deus o formou do pó da terra e soprou nele o fôlego da vida, fazendo-o um ser vivente. Ao homem, não só lhe foi confiada a responsabilidade de cuidar dos animais, sena que também lhe foi encomendado que lhes colocasse nome. A distinção entre o homem e os animais se faz mais evidente pelo fato de que não se achou companhia satisfatória, até que Deus criou a Eva como sua ajuda idônea.

Como habitação do homem, Deus preparou o jardim do Éden. Encarregado do cuidado deste jardim, ao homem foi confiado o desfrute completo de todas as coisas que Deus tinha provido abundantemente. Havia unicamente uma restrição: o homem não devia comer da árvore do conhecimento do bem e do mal.

A queda do homem e suas consequências Gn 3.1 – 6.10

O ponto mais crucial na relação do homem com Deus é a mudança drástica que se precipitou pela desobediência do primeiro (3.1-24). Como o mais trágico desenvolvimento na história da raça humana, constitui um tema recorrente na Bíblia.

Enfrentada com uma serpente que falava, Eva começou a duvidar da proibição de Deus e deliberadamente desobedeceu. Por sua vez, Adão cedeu à persuasão de Eva.

Imediatamente se acharam cônscios de sua decepção e do engano produzido pela serpente e de sua desobediência a Deus. Com folhas de figueira tentaram cobrir suas vergonhas. Face a face com o Senhor Criador, todas as partes implicadas nesta transgressão foram julgadas solenemente. A serpente foi amaldiçoada por acima de todos os animais (3.14). A inimizade seria colocada como relação perpétua entre a semente da serpente, que representava mais que o réptil presente, e a semente da mulher. A respeito de Adão e de Eva, o juízo de Deus tem um caráter de misericórdia, ao assegurar a definitiva vitória para o homem através da semente da mulher (3.15). Todavia, a mulher foi condenada ao sofrimento de criar seus filhos e o homem sujeito a uma terra maldita. Deus proveu peles para suas vestes, que implicava matar animais como consequência de ser homem pecador. Conscientes do conhecimento do bem e do mal, Adão e Eva foram imediatamente expulsados do jardim do Éden, por medo a que comessem da árvore da vida e assim ficassem para sempre perdido o habitat da eterna felicidade, o homem encarou as consequências da maldição, com a só promessa de um eventual consolo através da semente da mulher, que aliviaria seu destino.

Dos filhos nascidos a Adão e Eva, somente três são mencionados por seu nome, as experiências de Caim e Abel revelam a condição do homem em seu novo estado mudado.

Ambos adoravam a Deus trazendo-lhe ofertas. Enquanto que o sacrifício de um animal de Abel era admitido, a oferta de vegetais de Caim era rejeitada. Irritado por isso, Caim matou a seu irmão.

Já que tinha sido advertido por Deus, Caim adotou uma atitude de deliberada desobediência, convertendo-se assim no primeiro assassino da humanidade. Não é falto de razão chegar à conclusão de que esta mesma atitude prevaleceu quando levou sua oferta, que Deus tinha rejeitado.

A civilização de Caim e seus descendentes se reflete numa genealogia que sem dúvida alguma representa um muito longo período de tempo (4.17-24). O próprio Caim fundou uma cidade.

Uma sociedade urbana na antiguidade, certamente, implicava o crescimento de rebanhos e manadas de animais. As artes se desenvolveram com a invenção e produção de instrumentos musicais. Com o uso do ferro e do bronze chegou a ciência da metalurgia. Esta avançada cultura deu aparentemente ao povo um falso senso de segurança. Isto se vê numa atitude de despreocupação e fanfarronaria ostentada por Lameque, o primeiro polígamo. Teve o orgulho de utilizar armas superiores para destruir a vida. Caracteristicamente ausente, por contraste, esteve qualquer reconhecimento de Deus pela descendência de Caim.

Depois da morte de Abel e sua perda e da decepção a respeito de Caim como assassino, os primeiros pais tiveram uma nova esperança com o nascimento de Sete (4.25ss).

Foi nos dias do filho de Sete, Enos, que os homens começaram a voltar-se para Deus. Com o passar de numerosas gerações e muitos séculos, outro signo de aproximação a Deus foi exemplificado

em Enoque. Esta notável figura não experimentou a morte; sua vida de piedade filial com Deus terminou com sua ascensão. Com o nascimento de Noé, a esperança reviveu mais uma vez.

Lameque, um descendente de Sete, antecipou que através de seu filho, o gênero humano seria consolado da maldição e relevado dela, pela qual tinha sofrido desde a expulsão do homem do Jardim do Éden.

Em dias de Noé, o crescente ateísmo da civilização alcançou uma verdadeira crise.

Deus, que tinha criado o homem e seu habitat, estava decepcionado com sua prevalecente cultura.

Os matrimônios entre os filhos de Deus e as filhas dos homens o haviam desgostado. A corrupção, os vícios e a violência se incrementaram até o extremo de que todos os planos e ações dos homens estavam caracterizados pelo mal. A atitude de lamentação de Deus em ter criado o gênero humano resultava aparente no plano de retirar seu espírito do homem. Um período de cento e vinte anos de aviso precedeu o juízo que pendia sobre a raça humana. Somente Noé encontrou favor aos olhos de Deus. Justiceiro e sem mácula, se manteve numa aceitável relação com o Deus Criador.

O Dilúvio: Juízo de Deus sobre o homem Gn 6.11 – 8.19

Noé era um homem obediente. Quando lhe foi ordenado que construísse a arca, ele seguiu as instruções (6.11-22). As medidas da arca ainda representam as proporções básicas utilizadas na construção de embarcações. Não sendo desenhada para navegar a velocidade, a arca foi construída para acomodar nela todas as formas de vida que deveriam ser conservadas durante a crise do juízo do mundo. Foi provido amplo lugar para Noé, sua esposa e seus três filhos e suas esposas, uma representação de cada animal básico e ave, e alimento para todos eles. Durante aproximadamente um ano, Noé ficou confinado na arca, enquanto o mundo estava sujeito ao juízo divino. O propósito de Deus de destruir a pecadora raça humana se cumpriu. Tanto se o dilúvio foi local ou a escala mundial, resulta de importância secundaria, pelo fato de que o dilúvio se estendeu o bastante para incluir toda a raça humana. Chuvas incessantes e águas procedentes de fontes subterrâneas elevaram o nível das águas por acima dos cumes das mais altas montanhas. A seu devido tempo, a água foi cedendo. A arca acabou descansando sobre o monte Ararate. Uma vez que o homem abandonasse a arca, enfrentou-se com uma nova oportunidade num mundo renovado.

O novo princípio do homem Gn 8.20 – 11.32

Deus fez um convenio com Noé e seus descendentes. Jamais o mundo voltaria a ser destruído com um novo dilúvio. O arco-íris no céu se converteu no sinal perpétuo da aliança eterna de Deus com o homem. Abençoando a Noé, Deus o comissionou para povoar a apropriar-se de toda a terra.

Os animais, devidamente sacrificados, igual que a vegetação, ficaram como fontes de alimento. O homem, contudo, ficava estritamente a disposição de Deus, a cuja imagem tinha sido criado, para evitar o derramamento de seu sangue.

Voltando a um propósito agrário, Noé semeou uma vinha. Sua indulgência com a ingestão do vinho obtido deu como resultado que Cão e provavelmente seu filho Canaã lhe faltassem o respeito que lhe deviam. Este incidente deu ocasião aos pronunciamentos paternais de maldições e bênçãos feitas por Noé (9.20-28). O veredicto de Noé foi profético em seu alcance. Antecipou a pecaminosa atitude de Cão refletida na linha de Canaã, um dos quatro filhos de Cão. Séculos mais tarde, os ímpios cananeus foram objeto do severo juízo com a ocupação de suas terras pelos israelitas. Sem e Jafé, os outros filhos de Noé, receberam as bênçãos de seu pai.

Sendo uma só, racial e linguisticamente, a raça humana permaneceu num lugar por um período indefinido (11.1-9). Sobre a planície de Sinar, empreendeu o projeto de construir um tremendo edifício. A construção da Torre de Babel representava o orgulho nos logros humanos ao mesmo tempo em que um desafio do mandado de Deus para povoar a terra. Deus, que continuamente tinha demonstrado interesse pelo homem, constantemente, desde sua criação, não podia ignorá-lo. Aparentemente a torre não foi destruída, porém Deus terminou com a tentativa por meio da confusão das línguas. Isto deu como resultado a dispersão da raça humana.

A distribuição geográfica dos descendentes de Noé se dá num breve sumário (10.1-32). Esta genealogia, que representa uma longa era, sugere áreas para as quais emigraram as diversas famílias. Jafé e seus filhos situaram-se nas proximidades dos mares Negro e Cáspio, estendendo-se para o oeste na direção da Espanha (10.2-5). Muito verossimilmente os gregos, os povos indo-germânicos e outros grupos relacionados por parentesco entre si, descendem de Jafé.

Os três filhos de Cão desceram para a África (10.6-14). Subsequentemente, se espalharam para o norte e para as terras de Sinar e da Assíria, construindo cidades tais como Nínive, Calá, Babel, Acade e outras. Canaã, o quarto filho de Cão, se estabeleceu ao longo do Mediterrâneo, estendendo-se desde Sidom a Gaza a para o leste. Embora camitas de origem racial, os cananeus utilizavam uma língua muito relacionada de perto com a dos semitas.

Cão e seus descendentes ocuparam a área norte do Golfo Pérsico (10.21-31). Elão, Assur, Arã, e outros nomes de cidades estavam associados com os semitas. Depois de 2000 anos a.C. tais cidades como Mari e Naor se fizeram centros sobressalentes de cultura dos semitas.

Para concluir o período dos princípios, o fim dos desenvolvimentos se reduz para os semitas (11.10-32). Por meio de uma estrutura genealógica que utiliza dez gerações, o registro finalmente se enfoca sobre Terá, que emigrou desde Ur a Harã. O clímax é a apresentação de Abrão, depois

conhecido como Abraão (Gn 17.5), que encarna o começo de uma nação escolhida, a nação de Israel, que ocupa o centro de interesse em todo o resto do Antigo Testamento.

A IDADE PATRIARCAL E OS PATRIARCAS

O mundo dos patriarcas tem sido por ponto focal do intensivo estudo das recentes décadas. Novos descobrimentos arqueológicos iluminaram as narrações bíblicas, ao fornecer um extenso conhecimento das culturas contemporâneas do Próximo Oriente.

Geograficamente, o mundo dos patriarcas está identificado como o do Crescente Fértil. Estendendo-se para o norte desde o Golfo Pérsico, ao longo das correntes do Tigre e do Eufrates e suas bacias, e depois para o sudoeste através do Canaã para o fértil Nilo e seu vale, esta zona foi o berço das civilizações pré-históricas. Quando os patriarcas surgem na cena, no segundo milênio a.C., as culturas da Mesopotâmia e o Egito já ostentavam de um passado milenar. Com Canaã como o centro geográfico dos começos de uma nação, o relato do Gênesis está inter-relacionado com o ambiente de duas precoces civilizações que começam com Abraão na Mesopotâmia e terminam com José no Egito (Gn 12 – 50).

Canaã

O nome de "Canaã" se aplica à terra que existe entre gaza ao sul e Hamã no norte, ao longo da costa oriental do Mediterrâneo (Gn 10.15-19). Os gregos, em seu comércio com Canaã, durante o primeiro milênio a.C. se referem a seus habitantes como fenícios, um nome que provavelmente teve origem na palavra grega para designar a "púrpura", uma tintura têxtil de cor avermelhada desenvolvida em Canaã. Já no século XV a.C. o nome "Canaã" se aplicava em geral à província egípcia na Síria ou pelo menos à costa fenícia, um centro da indústria da púrpura. Consequentemente, as palavras "cananeu" e "fenício" têm a mesma origem cultural geográfica e histórica. Mais tarde, esta zona se conheceu como Síria e Palestina. A designação "Palestina" tem sua origem no nome "filisteu".

Com a emigração de Abraão para o Canaã, esta terra chegou a ser o ponto focal do interesse no desenvolvimento histórico e geográfico dos tempos da Bíblia. Estando estrategicamente localizado entre os dois grandes centros que acalentavam as primitivas civilizações, Canaã serviu como uma ponte natural que agia de ligação entre o Egito e a Mesopotâmia.

Consequentemente, não é surpreendente achar uma população misturada naquela terra. Cidades de Canaã, tais como Jericó, Dotã e outras, foram ocupadas séculos antes dos tempos

patriarcais. Com o primeiro grande movimento semítico (amorreu) na Mesopotâmia, parece provável que os amorreus estenderam seus estabelecimentos para a Palestina. Durante o Reino Médio os egípcios avançaram seus interesses políticos e comerciais até chegar na Síria pelo norte. Muito antes de 1500 a.C., o povo de Caftor ficou estabelecido sobre a Planície Marítima. Não menos entre os invasores, foram os hititas, que penetraram no Canaã procedentes do norte e apareceram como cidadãos bem estabelecidos quando Abraão comprou a cova de Macpela (Gn 23). Os refains, um povo, tem sido recentemente identificados na literatura ugarítica. Se conhece muito pouco a respeito dos outros habitantes que se anotam no relato do Gênesis. A designação "cananeu" muito verossimilmente abraça a mistura composta de gentes que ocupavam a terra na época patriarcal.

O relato bíblico – Gênesis 12 – 50

O atual consenso dos eruditos concede aos patriarcas um lugar na história do Crescente Fértil, na primeira metade do segundo milênio a.C. A asserção de que o relato bíblico consiste em nada mais que uma lenda fabricada, tem sido substituída por um respeito geral para a qualidade histórica do Gênesis 12 – 50. Em grande medida, o responsável desta revolucionária mudança, foi o descobrimento e publicação das tabuinhas de Nuzi, o mesmo que outras informações arqueológicas que saíram à luz desde 1925. Embora não haja uma evidência concreta para identificar qualquer nome específico ou acontecimentos procedentes de fontes externas ao mencionado nos relatos do Gênesis sobre os patriarcas, se percebe que as descrições das tabuinhas de Nuzi são semelhantes ao contexto histórico dos patriarcas no século XVII. A evidência para a existência de Abraão procede da narrativa hebraica, mas muitos eruditos do Antigo Testamento reconhecem agora sua pessoa pelo lugar que ocupa nos princípios da história hebraica. A cronologia dos patriarcas ainda permanece como um ponto discutível. Dentro deste período especial, a data sugerida para Abraão varia desde o século XXI ao XV a.C.

Sobre a base de certas anotações cronológicas dadas nas Escrituras, a entrada de Abraão em Canaã se calcula que teve lugar no ano 2091 a.C. Isto permite 215 anos para a vida patriarcal em Canaã, 430 anos para o cativeiro no Egito e uma adiantada data para o Êxodo do Egito (1447 a.C.). A correlação entre os acontecimentos seculares e bíblicos baseados sobre esta cronologia foi sujeitada a um novo ajuste de cálculo. A teoria, identificando a Anrafel (Gn 14) com Hamurabi, exige uma reinterpretação dos dados bíblicos com a aceitação de uma cronologia babilônica mais baixa. A Idade Patriarcal parece encaixar melhor no período aproximado de 2000-1750 a.C., de acordo com Kenneth A. Kitchen. Ressalta que os principais acontecimentos e história externa, tais como a densidade da população, os nomes dos Reis Orientais (ver Gn 14) e o sistema de alianças mesopotâmicas e egípcias deste período.

Uma data razoável para a emigração de Abraão a Canaã é a princípios do século XIX a.C. em vista da cronologia reajustada recentemente para o Crescente Fértil, esta data parece permitir uma melhor correlação entre os sucessos bíblicos e os seculares. Isto igualaria a entrada de Jacó e José em Egito com o período dos hicsos e levaria o tempo de Abraão, Isaque e Jacó a uma mais próxima associação com a era de Hamurabi e a cultura refletida em Nuzi e nos documentos Mari. Os documentos Mari revelam a situação política na Mesopotâmia por volta de 1750-1700 a.C. Enquanto que as tabuinhas de Nuzi refletem as instituições sociais entre os humanos (os horeus bíblicos), por volta de 1500 a.C., se conhece que alguns desses costumes provavelmente prevaleceram na cultura da Mesopotâmia do norte, já para o ano 2000 a.C. A presença de uma colônia hitita nos dias de Abraão, também aponta a uma data posterior ao 1900 a.C. (Gn 23). Embora não se encontra resposta a nenhum problema na data do século XIX para Abraão, esta perspectiva parece ter o mais importante a seu favor.

Sobre a base dos personagens importantes da narrativa da idade patriarcal, pode convenientemente ser dividida como segue: Abraão, Gn 12.1-25.18; Isaque e Jacó, Gn 25.19-36.43; José, Gn 37.1-50.26.

Mesopotâmia, a terra entre dois rios, foi o lar e a pátria de Abraão (Gn 12.6; 24.10 e At 7.2). Situada sobre o rio Balik, um afluente do rio Eufrates, Harã constituiu o centro de cultura onde viveu com seus parentes. Os nomes da parentela de Abraão, Terá, Nacor, Peleg, Serug e outros, estão testemunhados nos documentos Mari e assírios como nomes de cidades nesta zona. Em obediência ao mandado de Deus, de deixar a terra e parentela, Abraão deixou Harã para estabelecer-se com um novo lar na terra de Canaã.

Abraão tinha vivido em Ur dos caldeus antes de chegar a Harã (Gn 11.28-31). A identificação mais geralmente aceitada de Ur é a moderna Tell el-Muqayyar, que está situada a 14 quilômetros a oeste de Nasiriyeh, sobre o rio Eufrates, ao sul do Iraque. A deusa-lua Nannar que foi adorada em Ur foi também a principal deidade em Harã.

Geograficamente se podem traçar os movimentos de Abrão começando com a cidade altamente civilizada de Harã. Deixando seus parentes, embora acompanhado de Ló, seu sobrinho, viajou por volta de 647 quilômetros até a terra de Canaã, onde se deteve em Siquem, aproximadamente a 48 quilômetros ao norte de Jerusalém. Além de uma excursão ao Egito obrigado pela fome, Abraão se deteve em lugares tão bem conhecidos como Betel, Hebrom, Gerar e Berseba. Sodoma e Gomorra, as cidades da planície para as quais emigrou Ló, estavam diretamente espalhadas ao leste do País do Sul ou Negueve, onde se estabeleceu Abraão.

Frequentes referências indicam que Abraão foi um homem de considerável riqueza e prestigio. Longe de ser um nômade errabundo no sentido beduíno, Abraão dispunha de interesses mercantis.

Embora a valoração de suas possessões seja modestamente resumida e expressada numa simples declaração "todas as coisas que haviam reunido e as almas que haviam conseguido em Harã" (12.5) é muito verossímil que esta riqueza sua estivesse representada por uma grande caravana quando emigrou à Palestina. Uma força de 318 servos utilizada para liberar a Ló (14.14) e uma caravana de dez camelos (24.10) não significa senão uma indicação dos recursos com que contava Abraão. Os servos estavam acumulados por compra, doação e nascimento (16.1; 17.23; 20.14). Seus rebanhos e manadas de gado em constante crescimento, a prata e o ouro, e os servos para cuidar tão extensas possessões, indicam que Abraão foi um homem de grandes riquezas. Os líderes palestinos reconheceram a Abraão como a um príncipe com quem podiam fazer alianças e concluir tratados (Gn 14.13; 21.22; 23.6).

Desde o ponto de vista das instituições sociais, o relato do Gênesis de Abraão resulta um estudo fascinante. Os planos de Abraão para fazer de Eliézer herdeiro de suas possessões, já que não tivera um filho (Gn 15.2) refletem as leis de Nuzi, que determinavam que um casal sem filhos podia adotar como filho um servo fiel, que pudesse ostentar direitos legais e quem podia ser recompensado com a herança, como pagamento por seus cuidados constantes e o enterro em cãs de falecimento. Os costumes maritais de Nuzi, o mesmo que o código de Hamurabi, proviam que, se a esposa de um homem casado não tinha filhos, o filho de uma criada podia ser reconhecido como legítimo herdeiro. A relação de Agar com Abraão e Sara é algo típico dos costumes que prevaleciam na Mesopotâmia. A preocupação de Abraão pelo bem-estar de Agar pode também ser explicada pelo fato de que legalmente uma criada que parisse um filho não podia ser vendida para a escravidão.

Um estudo devocional de Abraão pode resultar altamente proveitoso. A promessa feita ao patriarca tem um grande alcance nas implicações da história. A promessa de Deus de fazer dele uma grande nação se realiza subsequentemente nos acontecimentos do Antigo Testamento. "Eu te abençoarei", logo se tornou uma realidade em sua experiência pessoal.

O nome de Abraão se fez grande não somente como pai dos israelitas e maometanos, senão também como o grande exemplo de fé para os crentes cristãos, segundo os escritos do Novo Testamento, em Romanos, Gálatas, Hebreus e Tiago. Além disso, a atitude do homem para Abraão e seus descendentes teria uma direta influência na bênção ou maldição sobre o gênero humano; isto assegurou a Abraão um lugar único no desígnio providencial para a raça humana. Certamente, a promessa de que Abraão seria bendito foi literalmente cumprida durante sua vida, o mesmo que nos tempos subsequentes. Finalmente, a promessa de abençoar todas as famílias da terra se descobre em seu alcance a escala mundial quando Mateus começa seu relato da vida de Jesus Cristo, estabelecendo que Ele é o "filho de Abraão".

A aliança joga um papel importante na experiência de Abraão. Notem-se as sucessivas revelações de Deus após a promessa inicial à qual Abraão responde com obediência. A medida que Deus acrescenta sua promessa, Abraão exerceu a fé, que lhe foi reconhecida como justiça em Gênesis 15. Nesta aliança, a terra de Canaã foi especificamente dada em prenda aos descendentes de Abraão. Com a promessa do filho, a circuncisão se converte no sinal do pacto (Gn 17). Esta promessa da aliança foi selada finalmente no ato de obediência de Abraão, quando esteve disposto a executar o sacrifício de seu único filho Isaque (Gn 22).

A religião de Abraão é um tema vital nos relatos bíblicos, patriarcais. Procedente de um fundo politeísta onde a deusa-lunar Nannar era reconhecida como o deus principal na cultura de Babilônia, Abraão chega a Canaã. Que sua família serviu a outros deuses fica claramente estabelecido em Josué 24.2. Em Canaã, e em meio de um entorno idólatra e pagão, a meta de Abraão foi a de "construir um altar ao Senhor". Depois de resgatar a Ló e ao rei de Sodoma, recusou uma recompensa, reconhecendo que ele estava por completo dedicado por devoção única a Deus, o "fazedor dos céus e da terra". A íntima comunhão e camaradagem existente entre Deus e Abraão estão belamente retratadas no capítulo 18, onde ele intercede por Sodoma e Gomorra. Talvez seja sobre a base de Is 41.8 e Tg 2.23 que a Septuaginta inseriu as palavras "meu amigo" em 18.17. Através dos séculos, a porta meridional de Jerusalém, que conduz a Hebrom e Berseba, tem sido sempre citada como a "porta da amizade", em memória da relação íntima entre Deus e Abraão.

Isaque, o filho prometido, foi o herdeiro de tudo o que Abraão possuía. Outros filhos de Abraão, tal como Ismael, de onde descendem os árabes e Midiã, o pai dos midianitas, receberam presentes quando partiram de Canaã, deixando o território a Isaque. Antes de sua morte, Abraão deixou a Rebeca por esposa de Isaque. Abraão também comprou a cova de Macpela, que se converteu no sepulcro de Abraão, Isaque e Jacó, assim como o de suas esposas.

O caráter de Isaque, segundo se descreve no Gênesis, está em certa forma escurecido pelos acontecimentos da vida tanto do pai como do filho. Com o anúncio da morte de Abraão, o leitor fica imediatamente apresentado a Jacó, quem emerge como o elo da sucessão patriarcal. Pode ser que muitas das experiências de Isaque fossem similares às de Abraão, pelo que haja pouco que narrar ao respeito.

Embora Isaque herdou a riqueza de seu pai e continuou a mesma pauta de vida, é interessante notar que se comprometeu em questões de agricultura perto de Gerar (26.12). Abraão em certa ocasião tinha-se detido em Gerar, em território filisteu, mas passou muito tempo nas redondezas de Hebrom. Quando Isaque começou a cultivar a terra, obteve colheitas que lhe proporcionaram o cento por um. Aquele êxito tão pouco comum nas lavouras do campo excitou a inveja dos filisteus de Gerar, de

forma que Isaque teve de deslocar-se, por considerá-lo necessário, rumo a Berseba, com objeto de manter relações pacíficas.

Polemico em conduta, Jacó surgiu como herdeiro da aliança. De acordo com os costumes de Nuzi, negociou com Esaú para assegurar-se a herança e seus direitos. Sua capacidade de negociador fica logo aparente em sua aquisição dos direitos de primogenitura pelo escasso preço de um prato de lentilhas. O irreal sentido de Esaú do valor das coisas pôde ter sido provocado pela fatiga temporária e à exaustão de uma expedição de caça que não teve recompensa alguma. Além disso, Jacó ganhou a bênção no leito de morte, usando um truque e a decepção, instigado por Rebeca, sua mãe. O significado desta aquisição se compreende melhor por comparação com as leis contemporâneas que faziam tais bênçãos orais legalmente válidas.

Temendo o provável matrimônio de Jacó com mulheres hititas, tanto como a vingança de Esaú, Rebeca concebeu e instrumentou um plano para enviar a seu filho favorito a Padã-Harã. De caminho, Jacó responde a um sono em Betel com uma promessa condicional para servir a Deus e uma tentativa de dar o dizimo de suas rendas. Tendo recebido uma cordial acolhida em seu lar ancestral, Jacó entra num acordo com Labão, irmão de Rebeca. De acordo com os costumes de Nuzi, isto poderia ter sido mais que um simples contrato para o matrimônio. Aparentemente, Labão não tinha um filho naquela época, pelo que Jacó foi instituído como herdeiro legal. Típico da época foi o presente de Labão de uma criada a cada uma de suas filhas, Raquel e Lia. A esposa de Labão deu a luz mais tarde a outros filhos, pelo que Jacó deixou de ser o herdeiro principal. Aquela mudança nos assuntos não foi do agrado de Jacó; desejou ir embora, porém foi dissuadido por um novo contrato que lhe abria a possibilidade de obter riqueza mediante os rebanhos de Labão. Com o passar do tempo, Jacó chegou a ser tão próspero, apesar do reajuste de contrato de Labão, que a relação existente entre o pai e o genro se alterou.

Alentado por Deus para voltar à terra de seus pais, Jacó reuniu todas suas possessões e partiu no momento oportuno, quando Labão estava ausente num negócio de gado. Três dias mais tarde Labão soube da partida de Jacó e mandou em sua busca. Após sete dias lhe deu alcance nas colinas de Gileade. Labão estava profundamente perturbado pela desaparição de seus deuses-lar. O terafim, que Raquel tinha escondido com êxito enquanto Labão buscava nas possessões de Jacó, pôde ter sido mais legal que de significação religiosa para Labão. De acordo com a lei Nuzi, um genro que tiver em seu poder os deuses-lar poderia reclamar a herança da família ante um tribunal. Dessa forma Raquel tentava obter certa vantagem para seu marido, ao rouba-lhe os ídolos. Porém Labão anulou qualquer benefício dessa índole por um convenio com Jacó antes de separar-se.

Continuando rumo a Canaã, Jacó antecipou o terrível encontro com Esaú. O temor o venceu, ainda que toda crise do passado tivesse acabado com vantagem para ele. A ponto de não voltar, Jacó

encarou-se com uma crucial experiência (32.1-32). Jacó, em preparação para o encontro com Esaú, se voltou a Deus em oração.

Reconheceu humildemente que era imerecedor de todas as bênçãos que Deus lhe havia outorgado. Mas de face para o perigo, suplicou por sua liberação. Durante a solidão da noite, lutou a braço partido com um homem. Nesta estranha experiência, na qual reconheceu um encontro divino, seu nome foi mudado pelo de "Israel" em lugar de continuar chamando-se Jacó. Depois disso, Jacó não foi o impostor.

Quando chegou Esaú, Jacó se prostrou sete vezes —outra antiga tradição mencionada nos documentos ugaríticos e de Amarna—, e recebeu a seguridade do perdão de seu irmão.

Declinando cortesmente a generosa ajuda oferecida por Esaú, Jacó continuou lentamente para o Sucote, enquanto Esaú voltava ao Seir.

A caminho para o Hebrom, Jacó acampou em Siquem, Betel e Belém. Embora adquiriu algumas terras em Siquem, o escândalo e a deslealdade de Levi e Simeão tornaram impossível continuar vivendo naquela região (34.1-31). Este incidente, o mesmo que o ofensivo de Rubem (35.22), teve a ver com a bênção de Jacó para seus filhos (49).

Quando recebeu instruções de Deus para trasladar-se a Betel, Jacó se preparou para sua volta àquele lugar sagrado suprimindo a idolatria de seu lar. Em Betel erigiu um altar. Ali, Deus renovou a aliança com a seguridade de que não só uma nação, senão um grupo de nações e reis surgiriam de Israel (35.9-15).

Enquanto viajavam para o sul, Raquel morreu ao dar à luz a Benjamim. Foi enterrada na vizinhança de Belém, num lugar chamado Efrata. Seguindo sua viagem com seus filhos e possessões, Jacó chegou finalmente ao Hebrom, ao lar de seu pai Isaque. Quando morreu Isaque, Esaú voltou desde Seir para reunir-se com Jacó no sepultamento de seu pai.

Numa das mais dramáticas narrações da literatura mundial, as experiências de José entretecem a vida patriarcal no Egito. Enquanto os contatos anteriores tinham sido primariamente com o ambiente da Mesopotâmia, a transição ao Egito resultou numa mistura de costumes, consequência daquelas duas formas tão adiantadas de civilização. Nesta narrativa, percebemos a continuidade da antiga influência, a adaptação ao ambiente egípcio e, acima de tudo, toda a guia protetora e o controle de Deus nas fascinantes riquezas de José e seu povo.

José, o filho de Raquel, foi o orgulho e a alegria de Jacó. Para mostrar seu favoritismo, Jacó o adornou com uma túnica, aparentemente a marca externa de um chefe de tribo. Seus irmãos, que já estavam ressentidos contra José pelos maus informes que lhes concerniam, foram incitados por este fato a um ódio extremo. A questão chegou a um ponto quando José lhes relatou dois sonhos

prognosticando sua exaltação. Os irmãos mais velhos deram liberdade a seu rancor jurando tirar-se de cima a José na primeira ocasião.

Enviado por seu pai a Siquem, José não pôde achar a seus irmãos até que entrou em Dotã, aproximadamente a 130 quilômetros ao norte do Hebrom. Após submetê-lo ao ridículo e ao abuso, os irmãos o venderam aos mercadores midianitas e ismaelitas, em quem consequência, dispuseram dele como de um escravo para Potifar no Egito. Ao mostrar-lhe a capa que vestia José, suja de sangue, Jacó chorou e se enlutou pela perda de seu filho favorito na crença de que tinha sido morto pelas bestas selvagens.

O leitor fica em suspense pelo bem-estar de José com o episódio de Judá e Tamar (38.1-30). Este relato tem significação histórica, já que fornece o passado genealógico da linha davídica (Gn 38.29; Rt 4.18-22; Mt 1.1). Além disso, a despeito da conduta pouco exemplar de Judá, a prática do levirato é mantida no matrimônio. A demanda de Judá de que Tamar fosse queimada pelo delito de prostituição, pode refletir um costume levado a Canaã pelos indo-europeus, tais como os hititas e os filisteus. As fontes ugaríticas e mesopotâmicas testemunham o uso de três artigos para significar a identificação pessoal. Tamar estabeleceu a culpabilidade de Judá ao utilizar seu selo, seu cordão e seu cajado como prova.

As experiências de José na terra do Nilo foram demonstradas como autênticas em muitos detalhes (39-50). Os nomes egípcios e títulos aconteceram, como podia esperar-se. Potifar é designado como "capitão da guarda" ou "chefe dos executores", que era usado como o título que se dava à guarda pessoal do rei. Azenate (nome egípcio), a filha de um sacerdote de Om (Heliópolis), se converteu na esposa de José.

Oficiais importantes da corte egípcia estão apropriadamente identificados como "chefe de mordomos" e "chefe dos padeiros". Os costumes egípcios estão igualmente refletidos.

Sendo José um semita, levava barba; porém para sua presença ante o Faraó, teve de ser raspado de conformidade com as formas egípcias. A fina roupa de linho, o colar de ouro e o anel com o selo enfeitaram a José na típica forma egípcia quando assumiu o mando administrativo sob a divina autoridade do Faraó. O embalsamamento de Jacó e a mumificação de José também seguiam as normas egípcias do cuidado próprio dos falecidos.

São também de grande valor os paralelos na vida de José e na literatura egípcia. A transição de José desde ser um escravo a converter-se num governante, tem um grande parecido com o clássico egípcio, "O camponês eloquente". Os sete anos de abundância, nos sonhos do Faraó, comportam igualmente uma grande similitude com uma velha tradição egípcia. A todo o longo desses anos de adversidade, sofrimentos e êxito, a relação humano-divina é claramente aparente. Tentado pela esposa de Potifar, José não cedeu. Não queria pecar contra Deus (Gn 39.9). Em prisão, José confessou

abertamente que a interpretação dos sonhos somente correspondia a Deus (40.8). Quando apareceu frente ao Faraó, José reconheceu que Deus se valia dos sonhos para revelar o futuro (41.25-36). Inclusive no fato de dar nome a seu filho, Manassés, José reconheceu a Deus como a fonte de sua promoção e o alívio de suas dores (41.51). Também tomou a Deus em consideração em sua interpretação da história: ao revelar sua identidade a seus irmãos, humildemente deu crédito a Deus por levá-lo a ele ao Egito. Não disse em nenhum momento que eles o haviam vendido como escravo (41.4-15). Depois da morte de Jacó, José voltou, mais uma vez, a dá-lhes a segurança de que não buscaria vingança. Deus tinha ordenado os eventos da história para o bem de todos (50.15-21).

O engrandecimento feito de Deus por José através de muitas vicissitudes, foi recompensado por sua própria elevação. Na casa de Potifar, foi tão fiel e tão notável e eficiente que foi elevado à categoria de superintendente. Lançado na prisão por falsas acusações, José logo foi considerado com responsabilidades de supervisão que utilizou sabiamente para ajudar a seus companheiros de encarceramento. Através do mordomo, que por dois anos falhou em lembrar sua ajuda, José foi levado subitamente na presença do Faraó para interpretar os sonhos do rei. Foi certamente um momento oportuno: o governante do Egito tinha a necessidade de contar com um homem como José, que provou sua valia. Como chefe administrador, não somente guiou o Egito através dos anos cruciais da abundância e da fome, senão que foi o instrumento adequado para salvar a sua própria família. A posição de José e seu prestígio fizeram possível o distribuir a terra do Gósen aos israelitas quando emigraram ao Egito. Aquilo foi uma enorme vantagem para eles, pois eram criadores de gados.

As bênçãos de Jacó formam uma conclusão que encaixa na idade patriarcal do relato do Gênesis. Em seu leito de morte, pronunciou sua última vontade e seu testamento. Ainda se achasse no Egito, suas bênçãos refletem o costume da Mesopotâmia, o lar original, onde os pronunciamentos orais eram reconhecidos como fiel testemunho de fé ante um tribunal.

Mantendo as promessas divinas feitas aos patriarcas, as bênçãos de Jacó, dadas em forma poética, tiveram uma significação profética.

ISRAEL NO EGITO E O ÊXODO

Os séculos se passaram em silêncio desde a morte de José, até o amanhecer da consciência nacional, sob Moisés. A História Sagrada, não obstante, se refere a novas e excitantes dimensões com a única transição dos israelitas desde as garras faraônicas da escravidão à situação de uma nação independente como povo escolhido de Deus. Superaram e obtiveram uma miraculosa libertação do imperador mais poderoso da época, receberam uma divina revelação que os fez conscientes de serem

o povo da aliança de Deus, e lhes foi transmitido um código de leis em preparação para ocupar a terra da promessa dos patriarcas. Não é surpreendente que esta notável experiência fosse recordada e volta a viver anualmente na observância da Páscoa dos judeus. Repetidamente os profetas e salmistas aclamam a libertação de Israel do poder do Egito como o mais significativo milagre de sua história.

Tão cheia de significado foi aquela emancipação e tão vital foi aquela interpretação entre Deus e Israel para as gerações vindouras, que quatro quintas partes do Pentateuco, ou mais de um sexto da totalidade do Antigo Testamento está dedicado a este curto período na história de Israel. Depois dos anos da opressão egípcia, que recebe uma breve consideração nos capítulos introdutórios, os acontecimentos destes quatro livros, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, estão confinados a menos de cinco décadas. No esboço seguinte se lembra sumariamente o material de referência:

Desde o Egito até o Monte Sinai	Êx 1-18
Acampamento no Sinai	Êx-19-Nm 10
Recorridos pelo deserto	Nm 10-21
Acampamento ante Canaã	Nm 22-Dt 34

Acontecimentos contemporâneos

Não existe desacordo entre os eruditos, que aceitam a historicidade do cativeiro de Israel no Egito e que o Êxodo teve lugar durante a era do Novo Reino do Egito. Já que os capítulos que encerram o Gênesis já relatam a imigração de Israel para o Gósen, os acontecimentos contemporâneos no Egito são de primordial importância.

A data do Êxodo

Que Israel abandonasse a escravidão durante a última metade do segundo milênio a.C. é algo que está sujeito sem dúvidas e discussões. Muito poucos eruditos poderiam datar o Êxodo além de uma duração de tempo de dois séculos e meio (1450-1200). Dado que não há referências ou incidentes no livro do Êxodo que possam ser definitivamente relacionados com a história do Egito, poder datar o momento demanda subsequentes pesquisas.

A respeito de uma data mais específica da era mosaica, duas classes de evidências podem garantir uma cuidadosa investigação e minucioso exame: a arqueologia e a bíblica. Até agora, nenhuma tem proporcionado uma conveniente resposta que obtenha o apoio dos eruditos do Antigo Testamento.

A queda de Jericó, que aconteceu dentro do meio século seguinte ao Êxodo, está ainda sujeita a uma datação arqueológica que se balanceia entre aproximadamente dois séculos (1400-1200). As recentes escavações confirmaram antigos achados e conclusões para seu re-exame.

Garstang, quem escavou Jericó (1930-36), arrazoou que a invasão de Josué está melhor datada por volta de 1400 a.C. Kathleen Kenyon mantém que os achados sobre os quais estavam baseadas estas conclusões procedem da primitiva Idade do Bronze (terceiro milênio), e que virtualmente não resta nada dos séculos durante os quais se datam a ocupação israelita (1500-1200). Em consequência, ela afirma que sua recente escavação (1952-56) não brinda luz alguma sobre a destruição de Jericó. Enquanto que Garstang datou a última cerâmica procedente da Idade do Bronze não mais tarde de 1385 a.C., Kenyon prefere uma data mais tardia (1350-1325 a.C.). Já que isto representa a ocupação da Idade do Bronze, ela data a destruição de Jericó pelos israelitas no terceiro quarto do século XIV. Albright, Vincent e Vaux, e Rowley estão a favor da última metade do século XIII para a queda de Jericó sob Josué. Os exames da superfície da cerâmica na Arábia e na Transjordânia, indicam que os reinos moabitas, amonitas e edomitas não foram estabelecidos até o século XIII. Tudo isto não tem sido confirmado pelas extensas escavações, pelo que essa cerâmica que corresponde a essa zona ainda pode estar sujeita a posteriores reajustes cronológicos. Comparativamente se conhece pouco a respeito das condições de vida do povo a quem os israelitas acharam em seu caminho rumo o Canaã. Embora Glueck não achou evidência de habitantes na Transjordânia para o período anterior ao século XIII, é possível que esse povo estivesse vivendo em cidades feitas com tendas, mas cujo caso, naturalmente, não restariam ruínas.

Tampouco tem a identificação das cidades de Píton e Ramsés uma resposta conclusiva para evidenciar a data da partida de Israel do Egito. Essas cidades poderiam ter sido construídas pelos israelitas, porém construídas novamente, e assim terem recebido novos nomes por Ramsés durante seu reinado. Em consequência, a evidência arqueológica, que de momento está sujeita a várias interpretações, não oferece uma prova conclusiva para a precisa datação cronológica do Êxodo.

Os informes bíblicos provêm dados limitados para o estabelecimento de uma data definitiva para a época da escravidão de Israel. Somente uma referência cronológica, especificamente, liga a era salomônica — que tem datas bem estabelecidas — com o Êxodo. A suposição de que os 480 anos anotados em 1 Rs 6.1 provêm uma base para a datação exata, proporciona uma data para o Êxodo, aproximadamente no 1450 a.C.

Mais numerosas são as anotações bíblicas que aproximam o período que antecedeu o Êxodo. Apesar de que os problemas de interpretação estejam ainda sem resolver-se, tudo conduz à impressão de que os israelitas passaram vários séculos no Egito. As referências genealógicas podem sugerir um período comparativamente curto de tempo entre José e Moisés; porém o uso de uma genealogia como

base para uma aproximadamente de tempo está ainda sujeito a discussão. As genealogias com frequência têm amplas lagoas que as fazem inutilizáveis para a fixação de uma cronologia. O crescimento dos israelitas desde setenta até uma grande multidão, que ameaçava a ordem egípcia, favorece igualmente o lapso de séculos para a residência de Israel na terra do Nilo.

As considerações bíblicas indicam cronologias mais extensas antes e depois do Êxodo. Sobre esta base, é razoável considerar 1450 como uma data apropriada para o Êxodo e permite a migração de Jacó e seus filhos na era dos ossos e de sua supremacia no Egito.

O relato bíblico

A dramática fuga da escravidão egípcia está vividamente retratada em Êx 1.1-19.2. começando com uma breve referência a José e à adversa fortuna de Israel, os acontecimentos centrados por volta de Moisés culminam na emancipação de Israel.

Nos dias de José, os israelitas, que tinham interesses pastoris, receberam permissão de desfrutar a terra mais fértil do Delta do Nilo. Os invasores hicsos, povo também de pastores, muito verossimilmente estiveram favoravelmente dispostos para os israelitas. Com a expulsão dos hicsos, os governantes egípcios assumiram mais poder e com o tempo, começou a opressão dos israelitas. Um novo governante, não familiar a José, não tinha interesse pessoal em Israel; senão que introduziu uma série de medidas que tinham como fim aliviar o temor de uma rebelião israelita. Consequentemente, o povo escolhido foi destinado a uma dura lavoura construindo cidades, tais como Píton e Ramsés (Êx 1.11). Um édito real ordenou aos egípcios que matassem, a seu nascimento, a todos os varões nascidos aos israelitas. Este foi o desígnio do Faraó para frear a bênção de Deus sobre Israel conforme o povo crescia e aumentava e prosperava (Êx 1.15-22). Anos depois, quando Moisés desafiou o poder do Faraó, a opressão foi intensificada, retendo aos escravos israelitas a palha tão útil na produção de tijolos (Êx 5.1-21).

A preparação de um líder

Moisés nasceu em tempos perigosos. Foi adotado pela filha do Faraó e lhe deram facilidades e vantagens no mais importante centro daquela civilização.

Embora não esteja mencionado no Êxodo, Estevão, dirigindo-se ao Sinédrio em Jerusalém, se refere a Moisés como tendo sido instruído na sabedoria egípcia (Atos 7.22).

O corajoso intento de Moisés de ajudar a seu povo finalizou no fracasso. Temendo a vingança do Faraó, fugiu para a terra de Midiã, onde passou os seguintes quarenta anos.

Ali foi favoravelmente acolhido no lar de Reuel, um sacerdote de Midiã, que era também conhecido como Jetro. Com o passar do tempo, Moisés tomou por esposa a filha de Zípora, e se

estabeleceu dedicando-se à vida dos pastores no deserto de Midiã. Através da experiência adquirida do pastoreio na zona que rodeava o Golfo de Ácaba, Moisés indubitavelmente adquiriu um grande conhecimento daquele território. Sem estar ciente de sua importância, recebeu uma excelente preparação para conduzir a Israel através daquele deserto muitos anos mais tarde.

O chamamento de Moisés é certamente significativo à luz do passado e seu treinamento (Êx 3-4). Na corte do Faraó percebeu que haveria de contender com a autoridade. Não sem razão solicitou a liberdade dos israelitas. Deus assegurou a Moisés a divina ajuda, e que proveria sua atuação com três milagres que lhe dariam crédito ante os israelitas: a vara que se converteu em serpente, a mão do leproso e a água que se converteria em sangue. Isto proporcionou uma base razoável para que os israelitas acreditassem que Moisés estava comissionado pelo Deus dos patriarcas. Tendo recebido a certeza de que Arão seria seu porta-voz, Moisés cumpriu com a chamada de Deus e voltou ao Egito.

A confrontação com o Faraó

Durante o período do Novo Reino, o poder do Faraó era soberano e não ultrapassado por nenhuma nação contemporânea. Seu domínio, às vezes, se estendia tão longe como o Eufrates. A aparição de Moisés na corte real, demandando a liberação de seu povo de Israel, significava um desafio ao poder de Faraó.

As pragas, que aconteceram durante um período relativamente curto, demonstraram o poder do Deus de Israel, não só ao Faraó e aos egípcios, senão também aos próprios israelitas. A atitude do Faraó desde o princípio é a do desafio expressado na pergunta: "*Quem é esse Senhor cuja voz eu deveria obedecer para deixar a Israel ir embora?*" (Êx 5.2). O propósito das pragas —claramente estabelecidas em Êx 9.16— é mostrar ao Faraó o poder de Deus em nome de Israel. O governador do Egito era assim desafiado pelo poder sobrenatural. De que modo foram afetados os egípcios pelas pragas, não está totalmente declarado.

A última praga consistia em levar a juízo a todos os deuses do Egito (Êx 12.12). A incapacidade do Faraó e de seu povo para repelir aquelas pragas deve ter demonstrado aos egípcios a superioridade do Deus de Israel em comparação com os deuses que eles adoravam. Aquilo foi a causa de que alguns egípcios chegassem ao conhecimento do Deus de Israel (Êx 9.20).

Israel se fez consciente, do mesmo modo, da divina intervenção. Tendo permanecido na escravidão e o cativeiro por diversas gerações, os israelitas não tinham tido testemunhos de uma demonstração do poder de Deus em sua época. Cada praga triunfante aportava uma maior manifestação do sobrenatural, de modo tal que com a morte do primogênito, os israelitas comprovaram que estavam sendo liberados por Um que era onipotente.

As pragas estão melhor explicadas como uma manifestação do poder de Deus, através de fenômenos naturais. Nem o elemento natural, nem o sobrenatural, deveriam ser excluídos. Todas as pragas tinham elementos comumente conhecidos pelos egípcios, tais como as rãs, os insetos e as enchentes do Nilo. Porém, a intensificação daquelas coisas que eram naturais, a exata predição da chegada e desaparição das mesmas, o mesmo que a discriminação mediante a qual os israelitas foram excluídos de certas pragas, foram sucessos que devem ter causado o reconhecimento do sobrenatural.

A Páscoa dos judeus

Os israelitas receberam instruções específicas por Moisés a respeito da última praga (Êx 12.1-51). A morte do primogênito não afetou àqueles que cumpriram com os divinos requerimentos.

Um cordeiro ou cabrito, sem mácula, foi escolhido no décimo dia de Abibe. O animal foi morto no dia décimo quarto perto do pôr-do-sol e seu sangue aplicado nas ombreiras e na verga das portas de cada casa. Com a preparação para a partida completada, os israelitas comeram o alimento da Páscoa que consistia em carne, pão sem fermento e ervas amargas. Abandonaram o Egito imediatamente após que o primogênito de cada lar egípcio tiver morrido.

Para os israelitas o Êxodo da terra do Egito foi o maior dos acontecimentos do Antigo Testamento e sua época. Quando o Faraó comprovou que o primogênito de cada lar tinha morrido, ficou conforme com a partida dos israelitas. A observância da Páscoa foi uma rememoração anual de que Deus os tinha deixado em liberdade do cativeiro

O mês de Abibe, mas tarde conhecido como Nisã, marcou desde então o começo de seu ano religioso.

A rota para o monte Sinai

A viagem de Israel para o Canaã por via da península do Sinai foi divinamente ordenada. Não havia dúvida do caminho direto —um caminho em bom uso utilizado para propósitos comerciais e militares— e que os deveria levar a terra prometida numa quinzena. Para uma desorganizada multidão de escravos liberados, o desvio sinaítico não só tinha uma vantagem militar, senão que também os provia de tempo e oportunidade para sua organização.

O incrementado conhecimento arqueológico e topográfico tem dissipado as antigas disputas a respeito da historicidade deste caminhar rumo ao sul, inclusive apesar de que algumas identificações geográficas sejam ainda incertas. A imprecisa significação de nomes de lugares tais como Sucote, Etã, Pi-Hairote, Baal-Zefom e Migdol, dá margem a diversas teorias que concernem à rota exata. Os Lagos Amargos podem ter estado relacionado com o Golfo de Suez, pelo que este canal lamacento poderia ser "mar das Canas" (*Yam Suph*). É muito provável que os egípcios tivessem uma

linha de fortificações mais ou menos parecidas com o Canal de Suez para protegê-los dos invasores asiáticos.

O ponto exato da passagem das águas por Israel é de importância secundária, pelo fato que esta massa de água, além de ter afogado os egípcios perseguidores, abasteceu uma infranqueável barreira entre os israelitas e a terra do Egito. Um forte vento do leste abre as águas para a passagem das gentes de Israel. Embora isto possa ter similar em algum fenômeno natural, o elemento tempo claramente indica uma intervenção sobrenatural realizada em seu favor (Êx 14.21). A proteção divina foi aparente também quando a coluna em forma de nuvem os ocultou dos egípcios e evitou que estes os atacassem antes que as águas se abrissem. Após esta triunfal libertação, Israel tinha razão para dar graça a Deus (Êx 15).

Uma jornada de três dias através do deserto de Sur levou Israel a Mara onde as águas amargas se converteram em águas doces. Avançando rumo ao sul, os evadidos acamparam no Elim, onde desfrutaram da comodidade de doze mananciais de água e de setenta palmeiras. No deserto de Sim, Deus miraculosamente os proveu de maná, que lhes serviu de alimento diário até que entraram no Canaã. As codornas também foram subministradas em abundância quando os israelitas tiveram necessidade de carne. Em Refidim aconteceram ter coisas significativas: a água que brota da rocha quando Moisés a toca com sua vara, Amaleque foi rejeitado pelo exército israelita sob o mando de Josué enquanto Moisés orava, e Moisés delegando seus deveres de administração aos anciãos, de acordo com o conselho de Jetro.

Em menos de três meses, os israelitas chegaram ao Monte Sinai (Horebe). Ali permaneceram acampados por aproximadamente um ano.

A RELIGIÃO DE ISRAEL

O acampamento no monte teve um propósito. Em menos de um ano, o povo da aliança com Deus se converteu numa nação. A aliança estabeleceu com o Decálogo as leis para uma vida santificada, a construção do Tabernáculo, a organização do Sacerdócio, a instituição das ofertas e as observâncias das festas e estações do ano, todo o qual capacitava a Israel para servir a Deus de uma forma efetiva (Êx 19.1 e Nm 10.10).

A religião de Israel foi uma religião revelada. Durante séculos, os israelitas tinham sabido que Deus fez um pacto com Abraão, Isaque e Jacó, ainda que experimentalmente não tivessem sido conscientizados de seu poder e manifestações feitas em seu nome. Deus realizou um propósito

deliberado com esta aliança ao liberar a Israel do cativeiro egípcio e da escravidão (Êxodo 6.2-9). E foi no monte Sinai onde o próprio Deus se revelou a si mesmo ao povo de Israel.

A experiência de Israel e a revelação de Deus naquele acampamento estão registradas em Êxodo 19 e até Levítico 27.

A aliança

Tendo permanecido em cativeiro e num entorno idolátrico, Israel a partir de então seria um povo totalmente devotado a Deus. Por um ato sem precedentes na história, nem repetido desde então, foi repentinamente mudado desde uma situação de escravidão à de uma nação livre e independente. Ali, no Sinai, sobre a base de sua liberação, Deus fez uma aliança pela qual Israel seria sua nação sagrada.

Israel foi instruído para preparar três dias para o estabelecimento desta aliança. Através de Moisés, Deus revelou o Decálogo, outras leis e instruções para a observação de festas sagradas. Sob a liderança de Arão, dois de seus filhos e setenta anciãos, o povo adorou a Deus com oferendas de fogo e de paz. Após de Moisés ter lido o livro da aliança, eles responderam aceitando seus termos. A aspersão do sangue sobre o altar e sobre o povo selou o acordo. Israel teve a seguridade de que seria levado à terra de Canaã a seu devido tempo. A condição da aliança era a obediência. Os membros individuais da nação podiam perder seus direitos à aliança pela desobediência. Sobre as planícies de Moabe, Moisés conduziu os israelitas a um ato público de renovação de tudo aquilo antes de sua morte (Dt 29.1).

O Decálogo

As dez palavras ou dez mandamentos constituem a introdução à aliança.

Distribuindo os dez mandamentos em duas tábuas, os judeus desde Filo até o presente, as dividem em dois grupos de cinco cada. Já que a primeira tabuada é quatro vezes tão longa como a segunda, esta divisão pode estar sujeita a discussão. Agostinho designou três à primeira tábua e sete à segunda, começando a última com o mandamento de honrar pai e mãe. Calvino e muitos outros, que seguiram a enumeração de Josefo, utilizam a mesma divisão em duas partes, com quatro na primeira tábua e seis na segunda. Esta divisão em duas partes por Agostinho e Calvino, assina todos os deveres para com Deus na primeira tábua. Os deveres para com os homens ficam consignados na segunda. Quando Jesus reduziu os dez mandamentos em dois, em Mateus 22.34-40, pôde ter aludido a tal divisão.

No Egito eram adorados muitos deuses. As pragas foram dirigidas contra os deuses egípcios. Os habitantes de Canaã também eram politeístas. Israel ia ser distinto e único como o próprio povo de Deus, caracterizado por uma singular devoção a Deus e somente a Deus.

Consequentemente, a idolatria era uma das piores ofensas na religião de Israel.

Deus entregou a Moisés a primeira cópia do decálogo no monte Sinai. Moisés rompeu aquelas tábuas de pedra sobre as quais foram escritos os dez mandamentos pelo dedo de Deus, quando comprovou que seu povo estava rendendo culto ao bezerro de ouro fundido. Após que Israel fosse devidamente castigado, porém salvado do aniquilamento mediante a oração intercessora de Moisés, Deus lhe ordenou que proporcionasse duas tábuas de pedra (Dt 10.2-4). Sobre tais tábuas, Deus escreveu mais uma vez o decálogo. Aquelas tábuas foram mais tarde colocadas na Arca da Aliança.

As leis para um viver santo

A expansão das leis morais e suas normas adicionais para um viver santo foram instituídas para guiar os israelitas em sua conduta como "povo santificado por Deus" (Êx 20-24, Lv 11-26). A simples obediência a essas leis morais, civis e cerimoniais, os distinguiriam de todas as nações que os circundavam.

Essas leis para Israel podem ser entendidas melhor à luz das culturas contemporâneas de Egito e Canaã. O matrimônio entre irmão e irmã, que era coisa comum no Egito, ficava proibido. As ordenações concernentes à maternidade e ao nascimento dos filhos, não somente lembravam que o homem é uma criatura pecadora, senão que se erigia contra a perversão sexual como contraste, contra a prostituição e o sacrifício de crianças, associados com seus rituais religiosos e com as cerimônias dos cananeus. As leis do alimento purificado e as restrições concernentes ao sacrifício de animais, tinham como finalidade evitar que os israelitas se conformassem com os costumes egípcios, associados com rituais idolátricos. Os israelitas, tendo vivido e conservando frescas as memórias e lembranças da escravidão, deviam ser instruídos em deixar algo para os pobres em tempos das colheitas, prover para os sem ajuda, honrar os anciãos, e render um constante exemplo de justiça em todas suas relações humanas.

As leis morais eram permanentes, porém muitas das civis e cerimoniais eram temporárias em natureza. A lei que limitava o sacrifício de animais para alimento destinado ao santuário central, foi ab-rogada quando Israel entrou em Canaã (comparar Lv 17 e Dt 12.20-24).

O santuário

Até aquele momento, o altar tinha sido o lugar do sacrifício e do culto. Um dos costumes dos patriarcas era que deveriam erigir um altar ali onde fossem. Lá no monte Sinai, Moisés construiu um

altar, com doze pilares representando as doze tribos, sobre o qual os jovens de Israel ofereciam sacrifícios para a ratificação da aliança (Êx 24.4ss). um "Tabernáculo de Reunião" que se menciona em Êx 33, foi erigido "fora do acampamento".

Aquilo servia temporariamente somente como o lugar de reunião para todo o Israel, mas também como o lugar da divina revelação. Já que nenhum sacerdócio tinha sido organizado, Josué foi o único ministro. Seguindo imediatamente a ratificação da Aliança, Israel recebeu a ordem de construir um tabernáculo de forma tal que Deus pudesse "habitar em meio deles" (Êx 25.8). Em contraste com a proliferação de templos no Egito, Israel tinha um único santuário. Os detalhes se dão explicitamente em Êx 25-40.

Bezaleel, da tribo de Judá, foi nomeado chefe responsável da construção. Trabalhando junto a ele estava Aoliabe, da tribo de Dã. Esses homens estavam especialmente insuflados com o "Espírito de Deus" e capacidade e inteligência para supervisionar o edifício do lugar do culto (Êx 31, 35-36). Assistindo-os, se encontravam muitos outros homens que estavam divinamente motivados e dotados com capacidade para executar suas tarefas particulares. Os oferecimentos pela livre vontade do povo subministravam material mais que suficiente para o proposto.

O sacerdócio

Anterior aos tempos de Moisés, as ofertas eram usualmente feitas pelo cabeça da família, que oficialmente representava a sua família no reconhecimento e a adoração a deus. Exceto pela referência de Melquisedeque como sacerdote de deus em Gn 14.18, não se menciona oficialmente o ofício ou cargo de sacerdote.

Deus desejou que Israel fosse uma nação santa (Êx 19.6). Para uma ministração adequada e uma adoração e culto efetivos, Deus designou a Arão para servir como sumo sacerdote durante a permanência de Israel no deserto. Assistindo-o, estavam seus quatro filhos: Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar. Os dois primeiros mas tarde serão castigados em juízo por levar fogo não sagrado ao interior do tabernáculo (Lv 8.10; Nm 10.2-4). Em virtude de ter escapado da morte no Egito, o primogênito de cada família pertencia a Deus. Escolhidos como substitutos pelo filho mais velho de cada família, os levitas auxiliavam os sacerdotes em seu ministério (Nm 3.5-13; 8.17). Desta forma, a totalidade da nação estava representada no ministério sacerdotal.

As funções dos sacerdotes eram várias. Sua primeira responsabilidade era mediar entre Deus e o homem. Oficiando nas ofertas prescritas, eles conduziam o povo assegurando-lhe a expiação pelo pecado (Êx 28.1-43; Lv 16.1-34). O discernimento da vontade de Deus para o povo era a mais solene obrigação (Nm 27.21; Dt 33.8). Sendo guardadores da lei, também estavam comissionados para instruir os leigos. O cuidado e a administração do tabernáculo também ficavam em seu embargo sua

jurisdição. Consequentemente, os levitas estavam facultados para assistirem os sacerdotes na execução das muitas responsabilidades designadas a eles.

A santidade dos sacerdotes é aparente nos requerimentos para um viver santo, os pré-requisitos para o serviço (Lv 21.1-22.10). A exemplaridade na conduta era especialmente aplicada pelos sacerdotes como obrigação de ter um especial cuidado em questões de matrimônio e de disciplina da família. Enquanto que as falhas físicas os excluíam permanentemente do serviço sacerdotal, a falta de limpeza cerimonial resultante da lepra, ou de contatos proibidos, os desqualificava temporariamente do ministério. Os costumes pagãos, a profanação das coisas sagradas, e a contaminação eram coisas que deviam ser evitadas pelos sacerdotes em todas as ocasiões. Para o sumo sacerdote as restrições eram ainda muito mais exigentes (Lv 21.1-15).

A santidade peculiar para os sacerdotes também estava indicada pelos ornamentos que tinham instruções de vestirem. Feitos de materiais escolhidos e do melhor trabalho artesanal, tais vestiduras enfeitavam os sacerdotes em beleza e dignidade. O sumo sacerdote se distinguia por ornamentos adicionais que consistiam numa túnica bordada, um éfode, um peitoral e uma mitra para a cabeça (Êx 28.4-39).

Numa elaborada cerimônia de consagração, os sacerdotes estavam colocados aparte para seu ministério (Êx 29.1-37; 40.12-15; Lv 8.1-36). Após uma lavagem com água, Arão e seus filhos eram vestidos com os ornamentos sacerdotais e ungidos com óleo. Com Moisés oficiando como mediador, se oferecia um boi jovem como oferta pelo pecado, somente para Arão e seus filhos, senão para a purificação do altar dos pecados associados com seu serviço. Isto costumava ir seguido por um holocausto onde se sacrificava um carneiro de acordo com o ritual usual. Outros destes animais eram então apresentados como oferta pacífica numa cerimônia especial. Moisés aplicava o sangue ao dedo polegar da mão direita, a orelha direita e o polegar do pé direito de cada sacerdote. Depois tomava "a gordura, a cauda, e toda a gordura que está na fressura, e o redenho do fígado, e ambos os rins, e a sua gordura e a espádua direita" (Lv 8.25, ACF), e os apresentava a Arão e a seus filhos, os quais faziam com eles certos sinais e movimentos antes de ser consumido sobre o altar. Após ser apresentado como oferta, o peito era fervido e comido por Moisés e os sacerdotes. Precedendo esta comida sacrificial, Moisés aspergia o azeite da unção e o sangue sobre os sacerdotes e suas vestes. Esta impressionante cerimônia de ordenação era repetida um de cada setembro dias sucessivos, santificando os sacerdotes por seu ministério no tabernáculo. Desta forma, a totalidade da congregação se conscientizava da santidade de deus quando o povo chegava até os sacerdotes com suas ofertas.

As ofertas

As leis sacrificiais e instruções dadas no Monte Sinai não implicavam a ausência das ofertas anteriormente a este tempo. Se pode ou não ser discutida a questão das várias classes de ofertas no sentido de que fosse claramente distinguidas e conhecidas pelos israelitas, a prática de realizar sacrifícios era indubitavelmente familiar, o que se deduz do registrado acerca de Caim, Abel, Noé e os patriarcas. Quando Moisés apelou a Faraó para deixar em liberdade o povo de Israel, já havia antecipado as ofertas e sacrifícios, fazendo-o assim antes de sua partida do Egito (Êx 5.1-3; 18.12, 24.5).

Agora que Israel era uma nação livre e em eleição da aliança com Deus, se deram instruções específicas que concerniam às várias classes de ofertas. Levando-as como estavam prescritas, os israelitas tinham a oportunidade de servir a Deus de maneira aceitável (Lv 1.7).

Quatro classes de ofertas implicavam o espargir do sangue: a oferta que devia ser queimada, a oferta pacífica, a oferta pelo pecado e a oferta pela expiação da culpa. Os animais estimados como aceitáveis para o sacrifício eram animais limpos de manchas cujo carne podia ser comido, tais como cordeiros, cabras, bois ou vacas, velhos ou jovens. Em caso de extrema pobreza, estava permitida a oferta de rolas ou pombinhos.

As regras gerais para realizar o sacrifício eram como se segue:

1) Apresentação do animal no altar.

2) A mão do oferente se colocava sobre a vítima.

3) A morte do animal.

4) A aspersão do sangue sobre o altar.

5) Queima do sacrifício.

Quando um sacrifício era oferecido para a nação, oficiava o sacerdote. Quando o indivíduo sacrificava por si mesmo, levava o anima, colocava sua mão sobre ele e o matava. O sacerdote, então, aspergia o sangue e queimava o sacrifício. O que oferecia não podia comer a carne do sacrifício, exceto no caso de uma oferta pacífica. Quando se produziam vários sacrifícios ao mesmo tempo, a oferta do pecado precedia sempre ao holocausto e à oferta pacífica.

OS SACRIFÍCIOS DE LEVÍTICO

NOME	REF.	OCASIÃO	OFERTA	DISPOSIÇÃO
Holocausto (*'ōlâ*)	1:1-17	Obtendo favor divino	Macho sem mácula. As posses do indivíduo determinavam o tipo de oferta	Tudo queimado
Oferta de manjares (*minḥâ*)	2:1-16	Ações de graças e obtenção da boa vontade divina	Bolos asmos salgados ou cereais	Parte queimada para Deus; resto dado aos sacerdotes
Sacrifícios pacíficos (*zebaḥ šᵉlāmîm*)	3:1-17 22:18-30	Gratidão a Deus: comunhão com Ele; júbilo público; desobrigação de votos	Animal macho ou fêmea, sem mácula, cf. as posses do indivíduo	Gordura queimada; resto comido pelo sacerdote e adorador em refeição de comunhão
Oferta pelo pecado (*hattā't*)	4:1 – 5:13	Necessidade de purificação do pecado ou da imundícia	Novilho (sacerdote ou congregação); bode (príncipe); cabra, cordeiro, duas rolas ou pombinhos; oferta de manjares individual)	Gordura queimada para Deus; resto comido por sacerdotes
Sacrifício pelo sacrilégio (*'āšām*)	5:14-19	Culpa por tirar das coisas sagradas, ou por alguma perda ao santuário	Carneiro sem mácula	Gordura queimada; restante comido pelos sacerdotes

HARRISON, R. K. Levítico. Mundo Cristão: 1983. Pág.

Sistema sacrificial

NOME	PORÇÃO QUEIMADA	DEMAIS PORÇÕES	ANIMAIS	OCASIÃO OU MOTIVO	REFERÊNCIAS
Holocausto	Tudo	Nenhuma	Macho sem defeito; animal segundo as posses	Propiciação pelo pecado em geral; demonstra dedicação	Lv 1
Oferta de cereal ou tributos	Porção simbólica	Comidas pelo sacerdote	Bolos asmos ou cereais, devendo conter sal	Gratidão pelos primeiros frutos	Lv 2
Oferta de comunhão **a. gratidão** **b. cumprimento de voto** **c. voluntária**	Gordura	Partilhadas em uma refeição de comunhão pelo sacerdote e pelo ofertante	Macho ou fêmea sem defeito segundo as posses; voluntária: pequenos defeitos permitidos	Comunhão a. por bênção inesperada b. por cumprir um voto sob essa condição c. por ação de graças em geral	Lv 3; 22.18-30
Oferta pelo pecado	Gordura	Comidas pelo sacerdote	Sacerdote ou congregação: novilho; rei: bode; indivíduo: cabra	Aplica-se à situação em que era necessária uma purificação	Lv 4
Oferta pela culpa	Gordura	Comidas pelo sacerdote	Carneiro sem defeito	Aplica-se à situação em que houve uma profanação de algo santo ou quando há culpa objetiva	Lv 5-6.7

Por meio das festas e estações designadas, os israelitas lembravam constantemente que eles eram o povo de Deus. Na aliança com Israel, que este ratificou no Monte Sinai, a fiel observância dos períodos estabelecidos era uma parte do compromisso adquirido.

Festas anuais

As três observações anuais celebradas como festas eram:

1) A Páscoa e festa dos pães ázimos,

2) A festa das semanas, primícias ou ceifa,

3) A festa dos tabernáculos ou colheita.

Tinham tal significação estas festas que todos os israelitas varões eram requeridos para sua devida atenção e celebração (Êx 23.14-17).

Datas comemorativas judaicas

DIAS ESPECIAIS	NOMES HEBRAICOS	DIA	REFERÊNCIA	LEITURA (*MEGILOT*)	COMEMORAÇÃO
Páscoa (Festa dos Pães Asmos)	*Pessach*	14 de nisã	Êx 12 (Lv 23.4-8)	Cântico dos Cânticos	O povo de Israel é liberto do Egito
Pentecostes	*Shavuoth*	6 de sivã	Dt 16.9-12 (Lv 23.9-14)	Rute	Festa da Colheita
9 de ave	*Tish' ah be' ab*	9 de ave	Não há referência direta	Lamentações	Destruição do templo 585 a. C., 70 d.C.
Dia da Expiação	*Yom Kippur*	10 de tisri	Lv 16 (23.26-32)		Sacrifícios pelos pecados da nação
Festa das Cabanas	*Succoth*	15-21 de tisri	Ne 8 (Lv 23.33-36)	Eclesiastes	Peregrinação pelo deserto
Dedicação	*Chanukah*	25 de quisleu	Jo 10.22		Restauração do templo em 164 a.C.
Sortes	*Purim*	13-14 de adar	Et 9	Ester	Fracassa o plano de Hamã contra os judeus

PREPARAÇÃO PARA A NACIONALIDADE

Nas redondezas do Monte Sinai, Israel celebrou o primeiro aniversário de sua emancipação. Aproximadamente um mês mais tarde, o povo levantou acampamento, buscando a imediata ocupação da terra prometida. Uma marcha de onze dias os levou até Cades-Barnéia, onde uma crise precipitou o divino veredicto da marcha por 40 anos pelo deserto. Não foi senão até passados trinta e oito anos mais tarde que o povo chegou às planícies do Moabe (Nm 33.38), e dali ao Canaã.

Organização do Israel

Enquanto ainda estavam estacionados no Monte Sinai, os israelitas receberam detalhadas instruções (Nm 1.1-10.10), muitas das quais estavam diretamente relacionadas com sua preparação para continuar a jornada até o Canaã. Na Bíblia este material está apresentado de uma forma e numa disposição lógica antes que cronológica.

As instruções expostas nos primeiros capítulos pertencem em grande medida à questões e matérias de organização. Muito verossimilmente, o censo datado no mês da partida de Israel ao Monte Sinai representa uma tabulação da conta tomada previamente (Êx 30.11ss; 38.26). enquanto que em princípio Moisés teve como primordial preocupação a coleção do necessário para a construção do tabernáculo, depois deve ser instruído no concernente ao serviço militar. Excluídas as mulheres, crianças e levitas, o conjunto era de uns 600.000 homens. Quase quatro décadas mais tarde, quando a geração rebelde tinha perecido no deserto, a cifra era aproximadamente a mesma (Nm 26).

O passo de tão grande hoste de gente através do deserto transcende a história ordinária. Não só o fato em si deve ter requerido um subministro sobrenatural de provisões matérias de maná, codornas e água, senão uma cuidadosa organização. Tanto se estava acampado ou em marcha, a lei e a ordem eram necessárias para o bem-estar nacional do Israel.

Assim, a adequada coordenação do humano e o divino possibilitavam que tão grande nação pudesse seguir sua rota de uma forma ordenada através do deserto.

Peregrinação no deserto

Após ter acampado no Monte Sinai por quase um ano, os israelitas continuaram rumo ao norte, em direção à terra prometida. Quase quatro décadas mais tarde chegaram à margem oriental do rio Jordão. Comparativamente breve é a narração de sua viagem em Nm 10.11-22.1.

Após onze dias Israel alcançou Cades-Barnéia no deserto de Parã (Dt 1.2). marchando como uma unidade organizada, o acampamento de Judá abria a marcha, seguido pelos gersonitas e os merarítas, que tinham a seu cargo o transporte do tabernáculo. O seguinte, na ordem combinada, era

o acampamento de Rubem. Depois seguiam os coatitas, que carregavam os ornamentos da Arca e outros do tabernáculo. Completando a procissão estavam os acampamentos de Efraim e Dã. Além da divina guia, Moisés solicitou a ajuda de Hobabe, cuja familiaridade com o deserto o qualificava para proporcionar um serviço de exploração para a marcha de Israel. Aparentemente esteve conforme em acompanhá-los, já que seus descendentes mais tarde residiram em Canaã (Juízes 1.16-; 4.11).

Rumo ao seu destino, os israelitas se queixaram e se rebelaram. Perplexo e preocupado, Moisés acudiu a Deus em oração. Em resposta, lhe foram dadas instruções para escolher setenta pessoas anciãs as quais Deus tinha dotado para partilhar suas responsabilidades. Além disso, Deus enviou um forte vento que lhes aportou uma abundante quantidade de codornas para os israelitas. A intemperança e o desordem fez que a gente as comesse sem cozinhar, e assim, sua gula se converteu numa praga que causou a morte de muitos. Apropriadamente este lugar se chama "Kibrot-hataava", que significa "os túmulos da cobiça".

A insatisfação e a inveja se estenderam até os chefes. Inclusive Arão e Miriã discutiram a posição de liderança de seu irmão. Moisés foi vindicado quando Miriã foi afetada pela lepra. Arão se arrependeu imediatamente, nunca mais desafiou a autoridade de seu irmão e através da oração intercessora de Moisés, Miriã foi curada.

Desde o deserto de Parã, Moisés enviou doze espias à terra de Canaã. Quando voltaram, estavam acampados em Cades-Barnéia, aproximadamente a 80 km ao sul e um pouco ao oeste de Berseba. Os homens, unanimemente, informaram da excelência da terra e da força potencial e ferocidade de seus habitantes. Porém não estiveram de acordo com seus planos de conquista. Dez declararam que a ocupação era impossível e manifestaram publicamente seu desejo de voltar ao Egito, imediatamente. Dois, Josué e Calebe afirmaram confiadamente que com a ajuda divina a conquista seria possível. O povo, não querendo crer que o Deus que os havia recentemente liberado da escravidão do Egito fosse também capaz de conquistar e ocupar a terra prometida, promoveu um insolente motim, ameaçando apedrejar a Josué e a Calebe. Em desespero, inclusive consideraram o fato de escolher um novo líder. Deus, em seu juízo da situação, contemplava a aniquilação de Israel em rebelião.

Quando Moisés percebeu aquilo, fez a necessária intervenção e obteve o perdão para seu povo. Contudo, os dez espias sem fé morreram numa praga, e toda a gente com idade de vinte anos e mais, excetuando Josué e Calebe, ficaram sem o direito de entrar em Canaã.

Comovidos pela morte dos dez espiões e o veredicto de outro prolongado período de peregrinação no deserto, confessaram seu pecado. Que seu arrependimento não é genuíno é aparente em sua tentativa de rebelião para entrar na Palestina imediatamente. Nisto foram derrotados pelos amalequitas e os cananeus.

Enquanto os israelitas passavam o tempo no deserto (15.1-20.13), morreu uma geração inteira. As leis em Nm 15, talvez dadas logo após este punitivo veredicto anunciado, mostram o contraste entre o juízo pelo pecado voluntário e a misericórdia pelo arrependimento individual de quem havia pecado na ignorância. Além disso, as instruções para sacrificar em Canaã subministravam uma esperança para a geração mais jovem em sua antecipação de viver realmente na terra que lhes tinha sido prometida.

A grande rebelião liderada por Coré, Datã e Abirão, representava dois grupos de amotinados, mutuamente reforçados pelo seu esforço cooperativo (Nm 16.1-50). A liderança eclesiástica da família de Arão, aos que foi reduzido e restringido o sacerdócio, foi desafiado por Coré e os levitas que o apoiaram. Em juízo divino, tanto Moisés como Arão foram vindicados. A terra abriu-se para tragar a Datã e Abirão junto com suas famílias. Coré desapareceu com eles. Antes que esta rebelião cedesse, no acampamento de Israel tinham perecido 14.000 pessoas.

Após a morte dos insurretos, Israel recebeu um sinal miraculoso evitando qualquer posterior desejo de pôr em dúvida a autoridade de seus chefes (17.1-11). Entre doze varas, cada uma representando uma tribo, a de Levi produziu brotos, flores e amêndoas. Além de confirmar a Moisés e a Arão em suas nomeações, a inscrição do nome de Arão em sua vara especificamente o designou como sacerdote de Israel. A preservação daquela vara no tabernáculo servia como permanente evidência da vontade de Deus.

Para aliviar o temor do povo de aproximar-se ao tabernáculo, as responsabilidades dos sacerdotes e levitas foram reafirmadas e claramente delineadas (17.12-18.32). O sacerdócio foi restringido para Arão e sua família. Os levitas foram designados como assistentes do sacerdotes. A provisão para sua manutenção se fez através do dizimo entregue pelo povo. Os levitas davam um dizimo também de sua renda aos sacerdotes. Por esta razão, os levitas não foram incluídos no reparto da terra, quando os israelitas se assentaram em Canaã.

A poluição resultante da praga e o sepultamento de tanta gente ao mesmo tempo fez necessária uma cerimônia especial para a profecia do acampamento (19.1-22). Eleazar, um filho de Arão, oficiou. Este ritual, que de forma impressionante lembrou aos israelitas a natureza da morte (5.1-4) e proporcionou uma higiênica proteção, foi ordenado como um estatuto permanente.

As experiências dos israelitas enquanto viajavam por Eziom-Geber e Elate rumo às planícies do Moabe, estão resumidas em Nm 20.1-22-1. Antes de sua partida de Cades-Barnéia, Miriã morreu. Quando o povo se enfrentou com Moisés a causa da escassez de água, recebeu instruções de ordenar que uma rocha subministrasse o líquido elemento. Irado e impaciente, Moisés bateu na rocha e a água surgiu em abundância. Porém, pela sua desobediência, foi-lhe negado o privilégio de entrar em Canaã.

Desde Cades-Barnéia, Moisés enviou mensageiros ao rei do Edom solicitando permissão para marchar através de suas terras pelo Caminho Real. Não só lhe foi negada a permissão, senão que o exército edomita foi enviado a vigiar a fronteira. Esta inamistosa atitude foi frequentemente denunciada pelos profetas. Antes que Israel deixasse a fronteira edomita, Arão morreu na cima do monte Hor.

Eleazar foi revestido com os ornamentos de seu pai e nomeado sumo sacerdote em Israel. E antes de continuar a viagem, Israel foi atacado por um rei cananeu, mas Deus lhes deu a vitória. Aquele lugar foi chamado Horma.

Percebendo que se moviam rumo ao sul rodeando o Edom, o povo se impacientou e se queixou contra Deus tanto como contra Moisés. O castigo divino chegou em forma de uma praga de serpentes, causando a morte de muitos israelitas. Em penitência, o povo se tornou a Moisés, quem aportou o consolo mediante a ereção de uma serpente de bronze.

Qualquer um que for mordido por uma serpente, era curado com só dirigir o olhar à serpente de bronze. Jesus utilizou este incidente como um símbolo de sua morte sobre a cruz, aplicando o mesmo princípio: qualquer que se voltasse a ele não pereceria, senão que teria a vida eterna (João 3.14-16).

Israel continuou seu caminho rumo ao sul pela senda de Elate e Eziom-Geber, rodeando o Edom, e também o Moabe, e continuando para o norte pelo vale de Amom. Os três relatos, tal e como se apresentam em Números 21 e 33 e em Deuteronômio 2, referem vários lugares não identificados até o dia de hoje. Israel tinha proibido lutar contra os moabitas e os amonitas, os descendentes de Ló. Contudo, quando os dois governantes amorreus, Siom, rei de Hesbom e Ogue, rei de Basã, recusaram o passo de Israel e responderam com um exército, os israelitas os derrotaram e ocuparam a terra que havia ao norte do vale do Arnon. Ali, nas planícies do Moabe, recentemente tomadas dos amorreus, os israelitas estabeleceram seu acampamento.

Instruções para entrar em Canaã

Enquanto permaneceram acampados ao nordeste do Mar Morto, a nação de Israel recebeu as instruções finais para a conquista e ocupação total da terra prometida. O cuidado providencial de Israel nas sombras de Moabe e a cuidadosa preparação do povo na véspera da entrada em Canaã, estão registrados em Nm 22-36.

Os sutis desígnios dos moabitas sobre a nação escolhida de Deus, foram mais formidáveis que uma guerra aberta (22.2-25.18). Dominado pelo medo quando os amorreus foram derrotados, Balaque, o rei moabita, ideou planos para a destruição de Israel. Em cooperação com os anciãos de

Midiã, comprometeu ao profeta Balaão da Mesopotâmia para amaldiçoar o povo acampado através do rio Arnon.

Balaão recusou o primeiro convite, sendo explicitamente advertido de não ir e não amaldiçoar Israel. Os honorários para a adivinhação foram tão incitantes, porém, que arrastaram Balaão a aceitar o repetido convite do rei. Balaão teve a surpreendente experiência de ser audivelmente admoestado por sua própria burra. Foi-lhe lembrado de forma impressionante que ia para Moabe para falar somente da mensagem de Deus. Balaão declarou fielmente a mensagem de Deus quatro vezes. Sobre três diferentes montanhas, Balaque e seus príncipes prepararam oferendas para proporcionar uma atmosfera de maldição, porém cada vez o profeta pronunciou palavra de bênção. Profundamente decepcionado, o rei moabita o recriminou e lhe ordenou que cessasse. Embora Balaque o despediu sem nenhuma recompensa, Balaão proferiu uma quarta profecia antes de ir embora. Nela, delineou claramente a futura vitória de Israel sobre Moabe, Edom e Amaleque. Balaque teve mais êxito em seu seguinte plano contra Israel. Em lugar de regressar a seu lar na Mesopotâmia, Balaão permaneceu com os midianitas e ofereceu um mau conselho a Balaque (31.16).

Os moabitas e midianitas seguiram seu conselho e seduziram a muitos israelitas para caírem na imoralidade e a idolatria. Mediante o culto de Baal-peor com ritos imorais, os participantes incorreram na ira divina. Com objeto de salvar um grande número de pessoas do juízo, os chefes israelitas culpáveis foram imediatamente enforcados. Finéias, um filho de Eleazar, demonstrou um grande zelo e se revoltou contra aqueles que precipitaram a praga na qual morreram milhares.

Subsequentemente, os descendentes de Finéias serviram como sacerdotes em Israel. A ordem de castigar os midianitas por sua desmoralizadora influência sobre Israel, foi executada sob a liderança de Moisés (31.1-54). Não escapou do castigo dos chefes notáveis o próprio Balaão, filho de Beor.

Depois desta crise, Moisés fez a necessária preparação para condicionar a seu povo na conquista de Canaã. O censo tomado sob a supervisão de Eleazar foi em parte uma apreciação militar do potencial em homens de Israel (26.1-65). A conta total foi realmente em certo modo mais baixa que a que se havia realizado quase quarenta anos antes. Josué foi nomeado e publicamente consagrado como o novo líder (27.12-23). A solução dada ao problema da herança, surgido pelas filhas de Zelofeade, indicou a vontade de Deus de que a terra prometida seria conservada em pequenas posses que passariam a seus herdeiros. Se deram também outras instruções adicionais concernentes às oferendas regulares, festivais, e o mantimento dos votos, uma vez assentados na terra prometida (28.1-30.16).

Vendo que o terreno oriental do Jordão era um excelente território para pastoreio, as tribos de Rubem e Gade apelaram a Moisés para assentar-se nelas permanentemente. Ainda com certo

desgosto, o permitiu, acedendo a sua demanda. Para ficarem seguros de que a conquista de Canaã não seria colocada em perigo por falta de cooperação, exigiu uma prenda para garanti-lo. Aquela promessa verbal foi pronunciada duas vezes. A terra de Gileade foi então outorgada a Rubem e a Gade, e à metade da tribo de Manassés (32.1-42).

Moisés preparou também um informe escrito sobre sua jornada através do deserto (Nm 33.2). A causa de seu treinamento e experiência, parece razoável assumir que ele conservou detalhados informes e registros daquela marcha cheia de incidentes desde o Egito até o Canaã, para consideração da posteridade (33.1-49).

Pensando no futuro, Moisés se antecipou às necessidades dos israelitas quando entrassem no Canaã (33.50-36.13). Os advertiu claramente de destruírem os idólatras habitantes e possuir suas terras. Além disso, aparte de Josué e Eleazar, dez líderes tribais foram designados para a responsabilidade de dividir a terra às restantes nove tribos e meia. Nenhum dos príncipes, mencionados em Nm 1, nem nenhum de seus filhos, estão neste novo grupo. Em lugar de terras, quarenta e oito cidades situadas por todo Canaã são designadas para os levitas. Cidades de refúgio, designadas para prevenir o começo das dissensões sangrentas, foram descritas por Moisés. Antes de sua morte, deixou três cidades ao leste do Jordão para este propósito (Dt 4.41-43). No capítulo final de Números, Moisés trata da herança, limitando às mulheres a herdarem terra por matrimônio com membros de sua própria tribo.

Passado e futuro

Moisés estava advertido de que seu ministério estava quase completado. Embora não lhe foi permitido entrar na terra prometida, pediu a Deus bênçãos para os israelitas, antecipando o privilégio de sua conquista e possessão. Como chefe fiel, entregou diversas diretrizes a seu povo, admoestando-o a serem fiéis a Deus. O livro do Deuteronômio, que consiste principalmente nestes discursos de Moisés que deu a Israel prestes a entrar na Terra Prometida, era uma nova geração e precisava de orientações.

Ninguém esteve mais familiarizado com as experiências de Israel que Moisés. Tinham se passado quarenta anos desde que escapara das garras do Faraó e conduzira com êxito o povo escolhido fora do Egito. Após a única revelação de Monte Sinai feita por Deus, a ratificação da aliança, e quase um ano de preparação para ser nação, Moisés conduzira sua nação à terra de Canaã. Em lugar de avançar sobre a conquista e a ocupação da terra prometida, o tempo tinha se passado no deserto até que a geração irreligiosa e revolucionária houvesse morrido. Então Moisés dirige a nova geração que está a borda de tomar possessão da terra prometida aos patriarcas e seus descendentes.

Em vista do acontecida à precedente geração, Moisés adverte a seu povo de evitar que se cometam os mesmos erros. As condições para obter os favores de Deus são: obediência à lei e uma total devoção realizada com toda a alma e o coração para o único Deus. Se desobedecerem e se conformam com as formas idolátricas dos cananeus, os israelitas somente podem esperar o cativeiro.

Antecipando-se à residência do povo em Canaã, Moisés os instrui a respeito de sua conduta em seu estado de assentamento da terra prometida (12.1ss). A idolatria deve ser absolutamente suprimida, assim como os idólatras. Devem render culto somente a Deus, nos lugares divinamente designados, advertindo-lhes também acerca do culto que façam os habitantes da terra. Algumas das leis, tal como a de restrição de matar animais em uma praça pública (Lv 17.3-7), é revisada de novo e adaptada a novas condições. Para guiá-los em sua vida doméstica, civil e social, Moisés promulga leis e ordenanças para sua guia e ânimo. Revisa brevemente muitas das leis já dadas, e se pronuncia sobre numerosas instruções que os ajudarão a conformar-se aos desejos de Deus. Em todo seu discurso, os exorta à mais completa obediência.

Finalmente, Moisés especifica certas bênçãos e maldições (27.11.20). Pela obediência Israel prosperará, porém com a desobediência atrairá sobre si a maldição do exílio e do cativeiro, dos quais foi liberada como nação. Para impressionar mais vividamente o povo, Moisés dá instruções de que se leiam essas bênçãos e maldições antes que a inteira congregação entre no Canaã.

Ao delegar Moisés sua liderança em Josué e seu ministério de ensinar aos sacerdotes, os provê de uma cópia da lei. Não se conhece o completo conteúdo do existente naquela cópia escrita. Familiarizado com os acontecimentos instáveis da história de Israel, Moisés sem dúvida deve ter provido uns extensos informes desde que Israel trocou seu estado de escravidão pelo de nação livre. O mais provável é que tivesse sido assistido e ajudado pelos escribas. Com arranjos finais para a liderança contínua de seu povo, Moisés expressa seu louvor a Deus pelo cuidado providencial (32.1-43). Ele faz uma contagem do nascimento e da infância da nação. Os israelitas foram castigados por sua ingratidão e apostasia, porém foram depois restaurados na graça. Prevaleceu a justiça e a misericórdia de Deus, demonstrando-se em amoroso cuidado para com seu povo escolhido. Em uma declaração profética de oração e louvor, Moisés apresenta as bênçãos para cada tribo individualmente (33.1-29). Antes de sua morte, ele teve o privilégio de ver a terra prometida desde o monte Nebo.

A OCUPAÇÃO DE CANAÃ

O dia tão longamente esperado chegou ao fim. Com a morte de Moisés, Josué foi comissionado para conduzir a nação de Israel à conquista da Palestina. Tinham transcorrido séculos

desde que os patriarcas receberam a promessas de que seus descendentes herdariam a terra de Canaã. Nesse ínterim, cada geração sucessiva do povo palestino tinha sido influenciada por vários outros povos procedentes do Crescente Fértil.

Memórias do Canaã

O povo de Canaã não estava organizado em forte unidades políticas. Os fatores geográficos, igual que a pressão das nações vizinhas que a rodeavam do Crescente Fértil, e que utilizavam Canaã como um estado-tampão, fala muito a respeito do fato de que os cananeus nunca formassem um império fortemente unido. Numerosas cidades-estado controlavam tanto território local como lhes era possível, com a cidade bem fortificada para resistir um possível ataque do inimigo. Quando os exércitos marcharam sobre Canaã, estas cidades com frequência impediam o ataque mediante o pagamento de um tributo. Não obstante, quando o povo chegou para ocupar a terra, como Israel fez mandada por Josué, tais cidades formaram ligas e se uniram opondo-se ao invasor. Isto está, certamente, bem ilustrado no livro de Josué.

A localização da Palestina no Crescente Fértil e a configuração geográfica da terra em si mesma, com frequência afetaram seu desenvolvimento político e cultural. Sobre as planícies pluviais do Tigre e do Eufrates, igual que no vale do Nilo, numerosas diminutas cidades-reino, e pequenos principados ou distritos, estiveram mais de uma vez unidos numa grande nação. Isto não se efetuou facilmente na Síria-Palestina, já que a topografia era oposta à fusão. Como resultado, Canaã estava numa posição debilitada, já que nenhuma de suas cidades-reino igualava em poder as forças invasoras que vinham procedentes dos reinos mais poderosos estabelecidos ao longo do Nilo ou do Eufrates. Ao mesmo tempo, Canaã era o prêmio cobiçado por essas nações mais fortes. Achando-se situada entre dois grandes centros de civilização, Canaã com seus férteis vales estava frequentemente sujeita à invasão de forças mais poderosas. Pequenos reis não o suficientemente fortes como para enfrentar uma invasão inimiga, encontravam a solução, momentaneamente, em humilhar-se e pagar um tributo a grandes reinos como o do Egito. Com frequência, porém, quando o invasor se retirava, os "presentes" terminavam. Embora aquelas cidades-reino eram facilmente conquistadas, resultava difícil para os vencedores retê-las como possessões permanentes.

A religião de Canaã era politeísta. "El" era considerado como a principal entre as deidades cananéias. Parecido a um touro com uma manada de vacas, o povo se referia a ele como "o pai touro", e o consideravam como seu criador. Asera era a esposa de El. Nos dias de Elias, Jezabel patrocinou quatrocentos profetas de Asera (1 Reis 18.19). O rei Manassés colocou sua imagem no templo (2 Reis 21.7). Como chefe principal entre setenta deuses e deusas que eram considerados como filhos de El

e Asera, estavam Hadade, mais comumente conhecido como Baal, que significativa "senhor". Reinava como rei dos deuses e controlava o céu e a terra.

Como deus da chuva e da tormenta, era responsável da vegetação e da fertilidade. Anate, a deusa que amava a guerra, era irmã e ao mesmo tempo, sua esposa. No século IX, Astarté, deusa da estrela da manhã, era adorada como sua esposa. Mot, o deus da morte, era o chefe inimigo de Baal. Jom, o deus do mar, foi derrotado por Baal. Esses e muitos outros formam a introdução do panteão cananeu.

Já que os deuses dos cananeus não tinham caráter moral, não deve surpreender que a moralidade do povo fosse extremamente baixa. A brutalidade e a imoralidade nas histórias e relatos a respeito de tais deuses é com muito a pior de qualquer outra achada no Próximo Oriente. Visto que tudo isso se refletia na sociedade cananéia, os cananeus, nos dias de Josué, praticavam o sacrifício de crianças, a prostituição sagrada, e o culto da serpente em seus rituais e cerimônias com a religião. Naturalmente, sua civilização degenerou sob tão desmoralizadora influência.

As Escrituras testemunham esta sórdida condição por numerosas proibições dadas como aviso aos israelitas. Esta degradante influência religiosa era já aparente nos dias de Abraão (Gn 15.16; 19.5). Séculos mais tarde, Moisés encarregou solenemente a seu povo o destruir os cananeus, e não só castigá-los por sua iniquidade, senão para prevenir o povo escolhido de Deus da contaminação (Lv 18.24-28; 20-23; Dt 12.31; 20.17-18).

A era da conquista

A experiência e o treinamento tinham preparado a Josué para a missão desafiadora de conquistar Canaã. Em Refidim conduziu o exército israelita, derrotando Amaleque (Êx 17.8-16). Como espia, obteve o reconhecimento de primeira mão das condições existentes na Palestina (Nm 13-14). Sob a tutela de Moisés, Josué foi treinado para o mando e a direção da conquista e ocupação da terra prometida.

Como foi o caso no relato da peregrinação no deserto, o registro da atividade de Josué está incompleto. Não se faz menção da conquista da zona de Siquem entre monte Ebal e monte Gerizim; mas foi ali onde Josué reuniu a todo Israel para escutar a leitura da lei de Moisés (Js 8.30-35). Muito possivelmente, muitas outras zonas locais foram conquistadas e ocupadas, mesmo que não sejam mencionadas no livro de Josué. Durante a vida de Josué a terra de Canaã foi possuída pelos israelitas; contudo de jeito nenhum todos seus habitantes foram expulsos. Assim, o livro de Josué deve ser considerado somente como um relato parcial da empresa empreendida por Josué.

Não se declara a duração do tempo empregado para a conquista e divisão de Canaã. Assumindo que Josué tivesse a idade de Calebe, os acontecimentos registrados no livro de Josué aconteceram num período de vinte e cinco a trinta anos.

Entrada em Canaã

Ao assumir Josué a chefia de Israel, se assegurou por completo do total apoio das forças armadas de Rubem, dos gaditas e da tribo de Manassés, que se haviam assentado ao leste do Jordão na herança que se haviam atribuído antes da morte de Moisés. Parece completamente razoável o assumir que a petição de apoio, em Js 1.16-18, é a resposta da totalidade da nação de Israel ao ditame das ordens de Josué para a preparação da passagem do rio Jordão. Dois espias foram então enviados para Jericó, a ver a terra. Por Raabe, quem escondeu aqueles espias, soube-se que os habitantes de Canaã eram cientes do Deus do Israel e que tinha intervindo de uma forma sobrenatural em favor de Israel. Os dois homens voltaram assegurando a Josué e a Israel que o Senhor tinha preparado o caminho para uma vitoriosa conquista (Josué 2.1-24).

Como uma visível confirmação da promessa de Deus de que estaria com Josué como tinha estado com Moisés, e a certeza adicional da vitória na Palestina, Deus procurou um milagroso passo através do Jordão. Isto constituiu uma razoável base para que todos os israelitas exercessem sua fé em Deus (Js 3.7-13). Com os sacerdotes que portavam a Arca abrindo o caminho e permanecendo em meio do Jordão, os israelitas passaram por um terreno seco. De que forma as águas se detiveram para realizar esta passagem e torná-la possível, não é estabelecido no relato.

O lugar da passagem está identificado como "perto de Jericó", que estaria aproximadamente a 8 km ao norte do Mar Morto. As águas se cortaram ou se detiveram em Adão, hoje identificada com ed-Damieh, localizada a 32 km do Mar Morto ou aproximadamente a 24 km desde onde Israel cruzou realmente. O Jordão segue um curso de 322 km por uma distância de 97 km, entre o mar da Galiléia e o Mar Morto, descendo 183 metros. Em Adão, os recifes de pedra caliça salpicam os bancos da correnteza. Recentemente, em 1927, um recife de 46 m caiu no Jordão, bloqueando a água durante 22 horas. Tanto se Deus causou que isto acontecesse ou não quando Israel passou o rio, é algo que não está claramente determinado, mas já que o Senhor empregou meios naturais para fazer cumprir sua vontade em outras ocasiões (Êx 14.21), existe a possibilidade de que um terremoto possa ter sido a causa da obstrução em semelhante ocasião.

Também foi feita a provisão para que Israel não esquecesse do acontecido. Foram elevados dois memoriais para este propósito. Sob a supervisão de Josué, doze grandes pedras empilhadas uma sobre a outra, marcam o lugar onde o sacerdócio, com a arca da aliança, permaneceu em pé no meio do rio enquanto o povo marchava cruzando-o (Js 4.9). Em Gilgal, se erigiu outro memorial em forma

de amontoamento de pedras (Js 4.3, 8 e 20). Doze homens, representando as tribos de Israel, levaram doze pedras a Gilgal para este memorial que recordava às futuras gerações a provisão miraculosa que se tinha feito para os israelitas no cruzamento do rio Jordão. Assim, as ações de Deus deveriam ser lembradas pelo povo de Israel nos anos vindouros.

A conquista

Acampados em Gilgal, Israel estava realmente preparado para viver em Canaã como a nação escolhida por Deus. Durante quarenta anos, enquanto a geração incrédula morria no deserto, a circuncisão, como um sinal da aliança (Gn 17.1-27) não tinha sido observada. Mediante este rito, as novas gerações lembravam dolorosamente a aliança e a promessa de Deus feita para conduzi-los à terra que "manava leite e mel". A entrada naquela terra foi também marcada pela observância da Páscoa e o cessação da provisão do maná. O povo remido se alimentaria desde então dos frutos daquela terra.

O próprio Josué estava preparado para a conquista através de uma experiência similar à que tinha Moisés quando Deus o chamou (Êx 3). Mediante uma teofania, Deus transmitiu a Josué a consciência de que a conquista da terra dependia então não somente de sua pessoa, senão que estava divinamente comissionado e dotado dos poderes necessários. Incluso quando estava a cargo de Israel, Josué não era senão um servidor mais e sujeito ao mando do exército do Senhor (Js 5.13-15).

A conquista de Jericó foi uma simples vitória. Israel não atacou a cidade de acordo com as normas usuais de estratégia militar, senão simplesmente seguindo as instruções do Senhor. Uma vez por dia, durante seis dias, os israelitas marcharam em torno da cidade, no sétimo dia, quando marcharam sete vezes em volta das muralhas da cidade, estas caíram e os israelitas puderam entrar facilmente e apossar-se dela. Mas não se permitiu aos israelitas apropriar-se dos despojos por si mesmos. As coisas que não foram destruídas —objetos metálicos—, foram colocadas no tesouro do Senhor. Exceto Raabe e a casa de seus pais, os habitantes de Jericó foram exterminados.

A miraculosa conquista de Jericó foi uma convincente demonstração para os israelitas de que seus inimigos podiam ser vencidos. Ai foi o próximo objetivo de conquista. Seguindo o conselho de ser reconhecimento prévio, Josué enviou um exército de três mil homens, que sofreram uma grave derrota. Por meio da oração e de uma pesquisa de Josué e os anciãos, se revelou o fato de que Acã tinha transgredido na conquista de Jericó, apropriando-se de um atrativo ornamento de origem mesopotâmico, além de prata e ouro. Por esta deliberada ação de desafio às ordens emanadas do Senhor acerca dos despojos da vitória, Acã e sua família foram apedrejados no vale de Acor.

Seguro do êxito, Josué renovou seus planos de conquistar Ai. Contrariamente ao procedimento anterior, os israelitas lançaram mão do gado e de outros objetos de propriedade móvel. As forças

inimigas foram atraídas para campo aberto, de modo tal que os trinta mil homens que estavam estacionados além da cidade, durante a noite, estivessem em condições de atacar Ai desde atrás e pega-lhe fogo. Os defensores foram aniquilados, o rei foi enforcado e o lugar reduzido a ruínas.

Seguindo esta grande vitória, os israelitas erigiram um altar no monte Ebal com objeto de apresentar suas oferendas ao Senhor, de acordo com o ordenado por Moisés. Ali, Josué fez uma cópia da lei de Moisés. Com Israel dividido de forma tal que uma metade do povo permanecesse frente ao monte Ebal e a outra metade frente ao monte Gerizim, de face à arca, a lei de Moisés foi lida ao povo (Js 8.30-35). Desta maneira, os israelitas foram solenemente colocados na lembrança de suas responsabilidades, já que estavam às portas de ocuparem a terra prometida, a não ser que se afastassem do curso que Deus tinha-lhes traçado.

Quando a notícia da conquista de Jericó e de Ai se espalhou por toda Canaã, o povo, em várias localidades, organizou a resistência à ocupação de Israel (Js 9.1-2). Os habitantes de Gibeão, uma cidade situada a 13 km ao norte de Jerusalém, imaginaram astutamente um plano de engano. Fingindo serem de uma longínqua terra, através da evidência de suas vestes rotas e sujas e de seus alimentos estragados, chegaram ao acampamento israelita em Gilgal e expressaram seu temor do Deus de Israel, oferecendo-lhes serem seus servos se Josué fazia um convênio com eles. A causa de ter falhado em procurar a guia divina, os líderes de Israel caíram na armadilha e se negociou um tratado de paz com os gibeonitas. Após três dias, foi descoberto que Gibeão e suas três cidades dependentes estavam nas redondezas. Embora os israelitas murmuraram contra seus chefes, o tratado não foi violado.

Em seu lugar, os gibeonitas foram encarregados de subministrar lenha e água para o acampamento israelita. Gibeão era uma das grandes cidades da Palestina. Quando o rei de Jerusalém ficou sabendo dos acontecimentos se alarmou grandemente. Em resposta a seu chamamento, outros reis amorreus de Hebrom, Jarmute, Laquis e Eglom formaram uma coalizão com ele para atacar a cidade de Gibeão.

Tendo feito uma aliança com Israel, a cidade sitiada mandou imediatamente mensageiros em demanda de socorro para aquele lugar. Mediante a marcha de toda uma noite desde Gilgal, Josué apareceu inesperadamente em Gibeão, onde derrotou e empurrou seu inimigo através do passo de Bete-Horom, também conhecido como vale de Aijalom até Azeca e Maqueda.

A ajuda sobrenatural nesta batalha resultou numa esmagadora vitória para os israelitas. Além do elemento surpresa e pânico em campo inimigo, as pedras de saraiva provocaram enormes baixas entre os amorreus, mais das que realizaram os combatentes de Israel (Js 10.11). E também aos israelitas foi dado um longo dia para que perseguissem seu inimigo. A ambiguidade da linguagem concernente a este longo dia de Josué tem dado origem a variadas interpretações. Era esta uma linguagem poética? Solicitou Josué uma maior duração da luz do sol ou para descanso do calor do

dia? Se for uma linguagem poética, então somente se trata de uma chamada feita por Josué por ajuda e fortaleza. Como resultado, os israelitas estiveram tão cheios de fortaleza e vigor que a tarefa de um dia foi executada em só meio dia.

Aceito como uma prolongação da duração da luz, isto foi um milagre no qual o sol ou a lua e a terra ficaram detidos. Se o sol e a lua detiveram seus cursos regulares, pôde ter sido um milagre de refração ou uma miragem dada sobrenaturalmente, estendendo a luz do dia de forma tal que o sol e a lua pareceram ficar fora de seus cursos regulares. Isto proporcionou a Israel mais tempo para perseguir a seus inimigos. A chamada de Josué em favor da ajuda divina pôde ter sido uma solicitude de alívio para que diminuísse o calor do sol, ordenando que o sol permanecesse silencioso ou surdo, quer dizer, que evitasse brilhar tanto. Em resposta, Deus enviou uma tormenta de saraiva que proporcionou tanto o alívio do calor solar como a destruição do inimigo. Os soldados, refrescados, realizaram um dia de marcha em meio dia de duração desde Gibeão até Maqueda, uma distância de uns 48 km, e lhes pareceu um dia completo quando em realidade só havia transcorrido meio dia. Embora o relato de Josué não nos proporcione detalhes de como aconteceu aquilo, resulta aparente que Deus interveio em nome de Israel e a liga amorrea foi totalmente derrotada.

Em Maqueda, os cinco reis da liga amorrea foram capturados numa caverna e subsequentemente liquidados por Josué. Com a conquista de Maqueda e Libna —esta última situada na entrada do vale de Ela, onde mais tarde Davi venceu a Golias—, os reis daquelas duas cidades igualmente foram mortos. Josué, então, assaltou a bem fortificada cidade de Laquis (a moderna Tell-ed-Duweir), e ao segundo dia de assedio derrotou essa praça forte. Quando o rei de Gezer tentou ajudar Laquis, também pereceu com suas forças; contudo, não se afirma que se conquistasse a cidade de Gezer. O seguinte movimento de Israel foi a vitória ao tomar Eglom, que atualmente está identificada com a moderna Tell-el-Hesi.

Desde ali, as tropas atacaram para o leste na terra das colinas, e bloquearam o Hebrom, que não foi facilmente defendida. Então, dirigindo-se para o sudoeste, caíram como uma tromba e tomaram Debir, ou Quiriate-Sefer. Embora as fortes cidades-estado de Gezer e Jerusalém não foram conquistadas, ficaram isoladas por esta campanha, de forma tal que a totalidade da área meridional, desde Gibeão até Cades-Barnéia e Gaza ficaram sob o controle de Israel quando Josué conduziu sues guerreiros endurecidos pela batalha de novo ao acampamento de Gilgal.

A conquista e ocupação do norte de Canaã está brevemente descrita. A oposição foi organizada e conduzida por Jabim, rei de Hazor, que tinha sob seu mando uma grande força de carros de batalha. Uma grande batalha teve lugar perto das águas de Merom, com o resultado de que a coalizão cananéia foi totalmente derrotada por Josué. Os cavalos e os carros de combate foram

destruídos, e a cidade de Hazor queimada até reduzi-la a cinzas. Não se faz menção da destruição de outras cidades na Galiléia.

Depois que Josué destruísse este poderoso centro cananeu, o poder em Hazor deve ter sido restabelecido o suficiente para suprimir a Israel, até que foi novamente esmagada (Jz 4.2), após o qual Hazor foi incorporada pela tribo de Naftali.

Em forma resumida, Js 11.16-12.24 relata a conquista da totalidade da terra de Canaã para Israel. O território coberto pelas forças de ocupação estendia-se desde Cades-Barnéia ou as extremidades do Negueve, e chegava ao norte até o vale do Líbano, embaixo do monte Hermom. Sobre o lado oriental do Jordão, se divide a área que previamente tinha sido conquistada sob Moisés e que se estendia desde monte Hermom ao norte, até o vale de Arnon, ao leste do Mar Morto.

Existe uma lista de trinta e um reis derrotados por Josué. Com tantas cidades-estado, cada uma com seu próprio rei e tão pequeno território, foi possível para Josué e os israelitas o derrotarem àqueles governantes locais em pequenas federações. Todavia, embora os reis foram derrotados, nem todas as cidades foram realmente capturadas ou ocupadas. Mediante sua conquista, Josué submeteu os habitantes até o ponto de conseguir, no subsequente período de paz, que os israelitas puderam estabelecer-se na terra prometida.

A repartição de Canaã

Apesar de que os reis líderes tinham sido derrotados, e prevalecesse um período de paz, restaram muitas zonas não ocupadas na terra. Josué foi divinamente comissionado para repartir o território conquistado às nove tribos e meia. Rubem, Gade e a metade de Manassés tinham recebido suas partes ao leste do Jordão, sob Moisés e Eleazar (Js 13.8-33; Nm 32).

Durante o período da conquista, o acampamento de Israel esteve situado em Gilgal, um pouco ao nordeste de Jericó, perto do Jordão. Sob a supervisão de Josué e Eleazar, o reparto foi feito a algumas das tribos, enquanto ainda estavam ali acampadas. Calebe, que tinha sido um homem de fé incomum quarenta e cinco anos antes daquela época, quando os doze espias foram enviados a Canaã (Nm 13-14), então recebeu uma especial consideração, sendo recompensado com a cidade de Hebrom em sua herança (14.6-15). A tribo de Judá se apropriou da cidade de Belém, além da zona existente entre o Mar Morto e o Mar Mediterrâneo. Efraim e a metade de Manassés receberam a maior parte da zona ao oeste do Jordão, entre o mar da Galiléia e o Mar Morto (Js 16.17-18).

Siló foi estabelecido como o centro religioso de Israel (Js 18.1). Foi ali onde as tribos restantes foram convidadas a possuírem seus territórios já designados. Enquanto se deu a Simeão a terra ao sul de Judá, as tribos de Benjamim e de Dã receberam sua parte imediatamente ao norte de Judá. A posse

de Issacar, Zebulom, Aser e Naftali foi repartida ao norte de Manassés, começando do o vale de Megido e monte Carmelo.

As cidades para refúgio foram designadas por toda a terra prometida (20.1-9). Ao oeste do Jordão essas cidades eram Cades em Naftali, Siquem em Efraim e Hebrom em Judá. Ao leste do Jordão, em cada uma das áreas tribais estavam as seguintes: Bezer em Rubem, Ramote de Gileade dentro das fronteiras de Gade e Golã de Basã na área de Manassés. A essas cidades, qualquer podia fugir buscando segurança para caso de vingança de sangue pela morte de um homem.

A tribo de Levi não recebeu reparto territorial, já que era a responsável dos serviços religiosos em toda a nação. As outras tribos tinham a obrigação de proporcionar toda classe de facilidades aos levitas e, dessa forma, a terra de pastoreio de cada uma das quarenta e oito estavam a disposição dos levitas para que pudessem dar alimento a seus rebanhos.

Com uma recomendação por seus fiéis serviços e uma admoestação a permanecerem fiéis a Deus, Josué despediu as tribos transjordanas que haviam servido com o resto da nação, sob seu mando, na conquista do território ao oeste do Jordão. Após seu retorno à Transjordânia, erigiram um altar, uma ação que alarmou os israelitas que se tinham comportado devidamente em Canaã. Finéias, o filho do sumo sacerdote, foi enviado a Siló para encarregar-se da situação. Sua investigação lhe assegurou que o altar levantado na terra de Gileade servia ao propósito de manter um devido culto a Deus.

A Bíblia não estabelece quanto tempo viveu Josué após suas campanhas militares. Uma inferência baseada no livro de Josué, 14.6-12, é que a conquista da Canaã foi executada num período de aproximadamente sete anos. Josué pode ter morrido pouco depois disto ou pode ter vivido uns vinte ou trinta anos, como máximo. Antes de morrer a idade de 110 anos, reuniu a todo o Israel em Siquem e severamente os admoestou a temer ao Senhor. Os lembrou que Deus tinha advertido a Abraão que não servisse nenhum ídolo e tinha verificado o convênio da aliança feito com os patriarcas trazendo Israel à terra prometida. Foi realizada uma aliança pública na qual os chefes asseguraram a Josué que eles serviriam o Senhor.

Depois da morte de Josué, Israel cumpriu esta promessa só até acabar a geração mais velha.

Quando governavam os juízes

Os acontecimentos registrados no livro de Juízes estão intimamente relacionados aos dos tempos de Josué. Uma vez que os cananeus não tinham sido totalmente desalojados e a ocupação de Israel não era completa, similares condições continuaram no período dos Juízes. Em consequência, o estado de guerra continuou em zonas locais ou em cidades que foram ocupadas de novo no curso do tempo. Referências tais como as citadas em Juízes 1.1; 2.6-10 e 20.26-28 parecem indicar que os

acontecimentos em Josué e Juízes estão intimamente relacionados cronologicamente ou que são, inclusive, sincrônicos. A cronologia deste período é difícil de discernir. O fato de que tenham sido sugeridos quarenta ou 50 métodos diferentes para medir a era dos Juízes, é indicativo do problema.

Obviamente, qualquer pauta cronológica proposta para esta era dos juízes não é senão uma solução sugerida. Os dados da Escritura não são suficientes para estabelecer uma cronologia absoluta. Parece completamente certo que os autores de Josué e Juízes não tentam dar um relato que encaixe numa completa cronologia para o período em questão.

Israel não tinha capital política nos dias dos juízes. Siló, que foi estabelecido como centro religioso nos dias de Josué (Js 18.1), continuou como tal nos dias de Eli (1 Samuel 1.3). Já que Israel não tinha rei (Juízes 17.6; 18.1; 19.1; 21.25), não existia uma praça central onde um juiz pudesse oficiar. Aqueles juízes intervinham em lugares de liderança, segundo a situação local ou nacional pudesse demandar. A influência e o reconhecimento de muitos deles estava indubitavelmente limitado a sua comunidade local ou tribo. Alguns deles eram líderes militares que libertaram os israelitas do inimigo opressor, enquanto que outros foram reconhecidos como magistrados aos que o povo se dirigia para decisões políticas ou de caráter legal. Sem ter um governo central, nem capital, as tribos israelitas foram governadas sem imediata sucessão, quando um dos juízes falecia. Com alguns dos juízes restringidos a zonas locais, é também razoável supor que várias se superpuseram.

A anotação "Naqueles dias não havia rei em Israel; porém cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos" (Jz 21.25, ACF) descreve claramente as características que prevaleceram na totalidade do período dos Juízes.

O versículo que serve de abertura a Juízes sugere que este livro tem relação com os acontecimentos que tiveram lugar após a morte de Josué. O relato de Juízes 2.6-10 pode apoiar a ideia de que alguns desses acontecimentos se referem em parte à conquista de certas cidades sob o mando de Josué. A conquista de Hebrom em Jz 1.10-15 pode colocar-se como paralelo ao relato de Josué 15.14-19. Outras declarações refletem as mudanças que aconteceram num longo período de tempo. Jerusalém não foi conquistada nos dias de Josué (15.63) e, de acordo com Juízes 1.8, a cidade foi queimada pelo povo de Judá, porém no versículo está claramente estabelecido que os benjamitas não desalojaram os jebuseus de Jerusalém. A cidade não foi realmente ocupada pelos israelitas até os dias de Davi. A vitória judaica deve ter sido somente temporária.

Embora Josué havia derrotado as principais forças da oposição quando conduzia Israel rumo a Canaã e dividiu a terra nas diversas tribos, muitos locais permaneceram em mãos dos cananeus e outros habitantes. Em sua mensagem final aos israelitas, Josué advertiu ao povo de não se misturarem ou contraírem matrimônio com os habitantes locais que sobraram, senão que os admoestou a afastar

aquelas gentes idolátricas e ocuparem suas terras. Se realizaram ulteriores tentativas para desalojar essas gentes, porém segundo o escrito se deduz que os israelitas só foram parcialmente obedientes.

Enquanto conquistaram algumas zonas, certas cidades fortemente fortificadas, tais como Taanaque e Megido, permaneceram em possessão dos cananeus. Quando Israel foi o suficiente forte, quis forçar aquelas gentes ao trabalho e a pagarem tributos; mas fracassaram em seu propósito de expulsá-los fora da terra. Consequentemente, os amorreus, cananeus e outros permaneceram na terra que tinha sido entregue por completo a Israel para sua possessão e ocupação. Teria parecido completamente natural que, quando Israel se tiver debilitado, aquelas pessoas voltassem a tomar possessão de suas terras, cidades e povoados que Israel uma vez tinha conquistado deles (ver Juízes 1.34).

A ocupação parcial da terra deixou Israel em permanentes dificuldades. Mediante a fraternização com os habitantes, os israelitas participaram no culto a Baal, conforme apostatavam do culto a Deus. Os povos particularmente mencionados de serem os culpados de que Israel se afastasse de Deus, foram os cananeus, os heteus, os amorreus, os perizeus, os heveus e os jebuseus. Durante este período de apostasia, os matrimônios mistos conduziram a maiores abandonos no serviço e verdadeiro culto a Deus. No curso de uma geração, o populacho de Israel chegou a ser tão idólatra que as bênçãos prometidas por Deus através de Moisés e Josué foram retiradas. Ao renderem culto a Baal, os israelitas romperam com o primeiro mandamento do Decálogo.

O juízo chegou em forma de opressão. Nem o Egito nem a Mesopotâmia eram o bastante fortes para dominar o Crescente Fértil durante esta era. A influência egípcia na Palestina tinha diminuído durante o reinado de Tut-ank-Amon (1360 a.C.). Assíria surgia poderosa (1250 a.C.), mas já não interferia nas questões de Canaã. Isto permitiu aos povos das imediações, assim como as cidades-estado, usurparem as possessões de Israel em Canaã. Os oponentes políticos desta época são os mesopotâmicos, moabitas, filisteus, cananeus, midianitas e amonitas. Estes invasores levaram vantagem dos israelitas, arrebatando-lhes suas propriedades e colheitas. Quando a situação chegou a fazer-se insuportável, se desesperaram o bastante como para voltar-se para Deus.

O arrependimento foi o seguinte passo deste ciclo. Conforme os israelitas perdiam sua independência e se submetiam à opressão, reconheceram que estavam sofrendo as consequências de sua desobediência a Deus. quando se conscientizaram de seu pecado, se voltaram para Deus em penitência. Sua chamada não foi em vão. A libertação chegou através de campeões que Deus enviou para desafiar os opressores.

Chefes militares que conduziram os israelitas a atacar o inimigo, foram, como notáveis, Otniel, Eúde, Sangar, Débora e Baraque, Gideão, Jefté e Sansão. Especialmente dotados com uma divina

capacidade, aqueles chefes rejeitaram os inimigos e Israel de novo gozou de um período de paz e tranquilidade.

Estes ciclos religioso-políticos se sucederam frequentemente nos dias dos Juízes. O pecado, a tristeza, a súplica e a salvação eram coisa corriqueira. Cada geração, aparentemente, tinha bastante gente que era ciente da possibilidade de assegurar-se o favor de Deus e suas bênçãos, e a idolatria era repelida, restaurando-se a adesão aos preceitos de Deus, que ficavam assim instaurados.

Os juízes e as nações opressoras

A opressão por um período de oito anos por uma força de invasão procedente dos planaltos da Mesopotâmia, deu começo ao primeiro ciclo. Cusã-Risataim era um rei heteu que se anexara ao norte da Mesopotâmia, também conhecido como Mitanni, e estendeu seu poder até a terra de Israel. Otniel, da tribo de Judá, tomou a iniciativa em converter-se no campeão da causa de Israel, conforme o Espírito do Senhor caiu sobre ele. Seguiu a isto um período de calma de quarenta anos.

Moabe foi a seguinte nação que invadiu Israel. Apoiados pelos amonitas e os amalequitas, os moabitas ganharam uma posição no território de Israel, e exigiram tributos. Eúde, da tribo de Benjamim, se levantou como libertador nos dezoito anos da dominação moabita. Tendo pagado o tributo, Eúde obteve uma audiência privada com Eglom, o rei de Moabe. Utilizando a espada com a mão esquerda, Eúde o atacou quando estava desprevenido, e o matou, fugindo depois antes que fosse descoberta sua façanha. Os moabitas ficaram desmoralizados, enquanto os israelitas se encorajaram para apoiar Eúde em toda sua ofensiva contra o inimigo. Aproximadamente uns 20.000 moabitas perderam a vida no encontro, o que proporcionou a Israel uma notável vitória. Com a expulsão de Moabe, Israel gozou de um período de tranquilidade de oito anos. Em sua totalidade as condições de paz prevaleceram por algum tempo.

Somente num versículo se faz menção à carreira de Sangar. Não se indica nada a respeito da opressão, nem existem tampouco detalhes referentes à origem de Sangar nem a seu passado. Uma lógica inferência parece ser que os filisteus penetraram dentro do território de Israel e que Sangar se levantou para oferece-lhes resistência, matando a 600 inimigos num valoroso esforço.

O encalço realizado pelos cananeus, seguido de um período de vinte anos, conforme a influência egípcia declinava na Palestina sob Merneptah e outros governantes fracos, aconteceu por volta do século XIII. Enquanto Jabim, rei dos cananeus, perseguiu os israelitas desde Harosete dos Gentios, situada perto do arroio de Quisiom, na entrada noroeste da planície do Esdraelom.

Durante a época desta opressão cananéia, Débora ganhou o reconhecimento como profetisa na terra de Efraim, perto de Ramá e Betel. Tendo enviado por Baraque, não somente o admoestou para que entrasse na batalha, senão que pessoalmente se uniu a ele em Cedes, de Naftali.

Ali, Baraque reuniu uma força combatente e se dirigiu rumo ao sul ao monte de Tabor, situado ao nordeste da planície triangular de Esdraelom. Contudo, devido a que Sísara tinha a vantagem de 900 carros de guerra em sua força combatente, Baraque teve medo de assumir a responsabilidade de combater os cananeus com seus 10.000 infantes. Inclusive ainda quando Débora lhe assegurou a vitória, conforme os cananeus foram atraídos com engano até o Quisiom, Baraque não quis aventurar-se sem sua corajosa acompanhante.

As forças cananéias foram surpreendentemente confundidas. Um cuidadoso exame do relato parece indicar que quando os carros de guerra do inimigo estavam no vale de Quisiom, uma repentina chuvarada reduzia a vantagem dos cananeus. Os carros guerreiros foram abandonados ao ficarem entalados na lama (5.4,20-21; 4.15). Com as forças cananéias derrotadas e Sísara morto por Jael, os israelitas ganharam uma paz que durou quarenta anos. A vitória foi celebrada num cântico que expressa o louvor pela ajuda divina (Juízes 5).

A reversão de Israel à idolatria foi seguida por incursões procedentes do deserto sírio, por nômades hostis montados em camelos, conhecidos como midianitas, amalequitas e Filhos do Oriente, que chegaram a apossar-se das colheitas e do gado dos israelitas. Sete anos de depredação foi um período excessivo, de tal forma que os israelitas precisaram procurar refúgio seguro nas cavernas e nos lugares montanhosos.

Num povoado chamado Ofra, Gideão estava ocupado secretamente buscando grão para seu pai, quando o anjo do Senhor o comissionou para libertar seu povo. Embora Ofra não possa ser definitivamente identificado, provavelmente estava situado perto do vale de Jizreel na Palestina central, onde a pressão midianita era maior. O primeiro que fez Gideão foi destruir o altar de Baal no estado de seu pai. Apesar que os membros da população se alarmaram diante do fato, o pai de Gideão, Joás, não era partidário da idolatria. Por esta memorável ação, Gideão foi chamado Jerubaal, que significa "Baal contenda contra ele" (Jz 6.32).

Quando as forças do inimigo estavam acampadas no vale de Jizreel, Gideão reuniu um exército. Pelo uso de um velo de lã exposto duas vezes à intempérie, teve a certeza de que Deus certamente o havia chamado para libertar Israel (Jz 6.36-40). Quando Gideão anunciou a seu exército de 32.000 homens reunidos, de Manassés, Aser, Zebulom e Naftali, que qualquer que tiver medo podia voltar para sua casa, viu sair 22.000 homens de suas fileiras. Como resultado de uma nova comprobação, perdeu outros 9700 homens. Com uma companhia de somente 300 homens preparou-se para a batalha, e se dispus a atacar as hordas nômades.

Nas ladeiras do monte Nebo, perto da terminação oriental da planície de Megido, permanecia acampada a grande hoste dos midianitas com seus camelos. Gideão, dividindo seu bando de 300 homens em três companhias, realizou um ataque surpresa durante a noite. No princípio da metade da

guarda —após as dez da noite—, quando o inimigo dormia profundamente, os homens de Gideão tocaram as buzinas, e quebraram os cântaros, e deram o grito de batalha, dizendo: "Espada do SENHOR, e de Gideão!" (Jz 7.20). Os midianitas sumidos na maior confusão fugiram através do Jordão. Por sua fé em Deus, Gideão pos assim em fuga o inimigo e libertou os israelitas da opressão (ver Hb 11.32).

Na perseguição dos midianitas, a condição sem lei dos dias dos Juízes se reflete de novo (Juízes 8). Após pacificar os ciumentos efrateus, que não haviam partilhado a grande vitória, Gideão encaminhou os midianitas rumo a Transjordânia, tomando uma apreciável quantidade de objetos valiosos, de ouro, colares de camelos, jóias de todo tipo, igual que ornamentos de púrpura, dos que vestiam os reis midianitas. Como resultado, o povo ofereceu a Gideão o reinado hereditário. A rejeição de Gideão reflete sua atitude de resistência à monarquia. Contudo, Gideão fez um éfode de ouro com os despojos tomados ao inimigo. Se aquilo era um ídolo, um simples memorial de sua vitória, ou uma ação contrária ao éfode com que se ornavam os sumos sacerdotes (Êx 27.6-14), é algo que não fica claro. Em todo caso, o objeto se converteu num símbolo para Gideão e sua família, tanto como para os israelitas, facilitando o caminho à idolatria. Embora Gideão tinha ganho a segurança para Israel contra seus invasores por meio de sua vitória militar, durante quarenta anos, sua influência em religião foi negada. Pouco depois de sua morte, o povo voltou-se abertamente ao culto de Baal, esquecendo-se do Deus que tinha garantido sua liberação.

Abimeleque, um filho da concubina de Gideão, se nomeou rei a si mesmo em Siquem, por um período de três anos após a morte de Gideão. Ganhou a adesão dos habitantes dessa cidade, matando traiçoeiramente a todos os setenta filhos de Gideão, exceto a Jotão. Este último, dirigindo-se aos homens de Siquem, desde o monte Gerizim, por meio de uma parábola, compara a Abimeleque com uma sarça que foi convidada a reinar sobre as árvores. Invocou a maldição de Deus sobre Siquem por sua conduta com a família de Gideão.

A revolta logo explodiu sob Gaal, quem incitou os siquemitas a rebelar-se. No transcurso da luta civil que se seguiu, Abimeleque foi morto finalmente por uma pedra de moinho que uma mulher deixou cair sobre sua cabeça quando se aproximava a uma torre fortificada dentro da cidade. Isto acabou com todas as tentativas de estabelecer a monarquia em Israel nos dias dos Juízes.

Pouco se conhece a respeito de Tola e de Jair. Já que não se conhecem grandes feitos que lhes concernam, suas responsabilidades foram meramente judiciais. Tola, da tribo de Issacar, parou em Samir, situada em algum lugar do país nas colinas de Efraim. Atribui-se a ele um governo de 23 anos.

Jair realizou seu ofício de juiz no território de Gileade, ao leste do Jordão, durante 22 anos. O fato de que tivesse uma família de 30 filhos indica não só uma ostentosa poligamia, senão também seu nível e sua posição de riqueza na cultura da época.

A apostasia de novo prevaleceu em Israel, voltado ao culto de Baal e outras deidades pagãs. A opressão desta época provém de duas direções: os filisteus pressionavam desde o sudoeste e os amonitas invadiram desde o oriente. A liberação da Transjordânia e sua zona chegou sob a liderança de Jefté.

A causa de ser filho de uma prostituta, Jefté foi condenado ao ostracismo desde sua comunidade familiar em idade precoce. Chegou a ser um chefe de bandoleiros ou capitão de foragidos em Tobe, que provavelmente estava situada ao nordeste de Gileade. Quando os gileaditas buscaram um líder, foi chamado Jefté. Antes de aceitar esta nomeação, se fez um solene pacto mediante o qual os anciãos gileaditas o reconheceram como chefe e líder.

Quando Jefté apelou aos amonitas, estes responderam com a força. Antes de apresentar batalha, fez um voto em que se obrigava a cumpri-lo, caso voltar vitorioso. Fortificado pelo Espírito do Senhor, Jefté obteve uma grande vitória, de forma que os israelitas foram liberados dos amonitas, que os haviam oprimido durante dezoito anos. Quando Efraim protestou que não os tinham chamado para tomarem parte da batalha contra os amonitas, Jefté soube responder militarmente com seu exército.

Sacrificou Jefté realmente a sua filha em cumprimento do voto que havia pronunciado? Naquele dilema, não teria agradado certamente a Deus se realizasse um sacrifício humano, ação que em nenhum lugar da Escritura tem a divina aprovação. De fato, este foi um dos grandes pecados pelos quais os cananeus deviam ser exterminados. Por outra parte, como podia agradar a Deus, não cumprindo seu voto? Embora os votos em Israel eram voluntários, uma vez que uma pessoa fazia um voto, estava sob a obrigação de cumpri-lo (Nm 6.1-21). A clara implicação em Juízes 11 indica que Jefté cumpriu o seu (versículo 39). Sua maneira de fazê-lo está sujeita a várias interpretações.

Jefté, que tinha um passado metade cananeu, pôde ter-se conformado com a execução do seu voto, prevalecendo os costumes pagãos, sacrificando sua filha. Devido a que as montanhas eram consideradas como símbolos da fertilidade pelos cananeus, sua filha foi às montanhas a guardar luto por sua virgindade com objeto de evitar qualquer possível cessação da fertilidade da terra. Periodicamente, durante cada ano, as donzelas israelitas empregavam quatro dias lembrando o luto da moça sacrificada. Se a familiaridade de Jefté com a lei o deixou ciente do desgosto de Deus com os sacrifícios humanos, ele pôde ter dedicado sua filha ao serviço do tabernáculo. Assim fazendo, pôde ter cumprido com seu voto e conformado sua atuação à ideia essencial da completa consagração significada na oferta de fogo. Já que sua filha era única, Jefté perdeu todo o direito de suas esperanças na posteridade. Deste modo, pôde ter conjugado suas obrigações do cumprimento do voto pronunciado sem realizar nenhum sacrifício humano, um voto que talvez tivesse sido realizado apressadamente sob uma determinada pressão.

Embora a forma na qual Jefté cumpriu seu voto não está detalhada na narrativa bíblica, enfrentou o desafio de libertar seu povo da opressão e está considerado como um herói da fé (Hb 11.32).

Ibsã julgou em Israel durante sete anos. Se ignora se Belém, o lugar de sua atividade e sepultamento, é a bem conhecida cidade de Judá ou um povo de Zebulom. A menção de trinta filhos e trinta filhas indica sua posição, riqueza e influência.

Dez anos como juiz são atribuídos a Elom. Em Aijalom, na terra de Zebulom, teve seu lar e seu lugar de serviço a seu povo.

Abdom, o seguinte juiz na lista, viveu em Efraim. Estando numa posição de proporcionar asnos para os setenta membros de sua família, Abdom deve ter sido um homem de grandes riquezas, e influenciou em seu país. Julgou em Israel durante oito anos.

Israel foi oprimido simultaneamente pelos amonitas e filisteus (Jz 10.6). Enquanto Jefté derrotou os primeiros, Sansão é o herói que resistiu e desafiou o poder dos últimos.

Devido a que Sansão nunca aliviou completamente a Israel da dominação filistéia, é difícil datar o período de 40 anos que se menciona em Juízes 13.1. vinte anos é o período que se calcula que Sansão ostentou sua liderança (Jz 15.20).

Sansão foi um grande herói dotado de uma força sobrenatural, recordado em primeiro lugar por suas façanhas militares. Que foi um nazireu, foi anunciado a seus pais danitas antes de seu nascimento. Manoá e sua esposa foram instruídos mediante revelação divina de que seu filho começaria a libertação de Israel da opressão filistéia. Através de numerosos relatos, referências, se conhece o fato de que o Espírito do Senhor estava sobre ele (13.25; 14.5,19; 15.14). Suas atividades estiveram limitadas à planície marítima e ao país das colinas de Judá, onde empreendeu a luta contra a ocupação filistéia do território israelita.

Numerosos relatos que somente podem ser uma amostra de tudo o que Sansão fez, estão registrados no livro dos Juízes. Em seu caminho para Timnate, destrocou um leão com suas próprias mãos. Quando foi obrigado a fornecer trinta ornamentos de festa para os filisteus, que desonestamente obtiveram a resposta da charada que ele colocou em suas bodas em Timnate, matou trinta deles em Ascalom. Em outra ocasião, soltou trezentas raposas com ramas incendiadas para destrocar as colheitas dos filisteus. Em resposta a suas represálias, Sansão matou muitos filisteus perto de Etã. Quando os homens de Judá o entregaram amarrado de mãos ao inimigo, suas amarras ficaram frouxas conforme o Espírito do Senhor chegou sobre ele. Sem outras armas que suas mãos, matou mil homens com a queixada fresca de um asno. Em Gaza arrancou as portas durante a noite e as levou consigo quase a 64 quilômetros ao leste, a uma colina perto do Hebrom.

As relações de Sansão com Dalila, cujas simpatias estavam com os filisteus, o conduziram a sua ruína. Por três vezes repeliu com êxito os filisteus, quando a mulher o traiu; não obstante, quando revelou o segredo de sua colossal força e poder a ela, e cortaram seus cabelos, Sansão perdeu sua força. Os filisteus lhe arrancaram os olhos e o forçaram a trabalhar num moinho como um escravo. Porém Deus restaurou sua força para sua façanha final e pôde derrubar as colunas do templo de Dagom, matando mais filisteus dos que havia matado em seus anteriores encontros. A despeito de sua fraqueza, Sansão ganhou renome entre os heróis da fé (Hb 11.32).

Dotado de tão grande força, sem dúvida poderia ter feito muito mais; contudo, envolvido no pecado, fracassou em sua missão de libertar Israel. De todos modos, fez o bastante como para fazer desistir os filisteus para que Israel não fosse despojado da terra prometida.

Condições religiosas, políticas e sociais

Os últimos capítulos do livro de Juízes e o livro de Rute descrevem as condições que existiam nos dias dos heroicos chefes, tais como Débora, Gideão e Sansão. Sem referências misturadas com as atividades de qualquer dos juízes particulares mencionados nos capítulos anteriores, é difícil datar estes acontecimentos especificamente. Os rabinos associam a história de Mica e a emigração danita com a época de Otniel; porém, a causa da falta de detalhes históricos, é impossível ficar certos da confiabilidade disto e das tradições similares dos rabinos. O mais que pode ser feito é limitar tais acontecimentos aos dias "quando os juízes governavam" e "não havia rei em Israel" (Rt 1.1 e Jz 21.25).

Mica e sua casa de deuses são um exemplo da apostasia religiosa que prevaleceu nos dias dos juízes. Quando Mica, um efraimita, devolveu 1160 siclos roubados a sua mãe, ela deu 200 siclos a um ourives, o qual fez uma imagem gravada em madeira e recoberta em prata, juntamente com outra imagem fundida de prata. Com aqueles símbolos idolátricos, Mica estabeleceu um santuário ao que agregou um éfode e terafins, e fez sacerdote a um de seus filhos. Quando um levita procedente de Belém, por acaso se deteve naquela capela no monte Efraim, Mica fez um acordo com ele, alugando seus serviços como seu sacerdote oficial, com a esperança de que o Senhor faria prosperar sua empresa.

Cinco danitas enviados como grupo de reconhecimento para localizar mais terra para sua tribo, se detiveram no santuário de Mica para pedir conselho a este levita. Após ter-lhes assegurado o êxito de sua missão, continuaram seu caminho e encontraram condições favoráveis para a conquista de mais território em Laís, uma cidade situada na vizinhança do manancial do rio Jordão. Como resultado, seiscentos danitas emigraram para o norte. No caminho, convenceram o levita que era melhor para ele servir como sacerdote para uma tribo, antes que para um único indivíduo. Quando

Mica e seus vizinhos objetaram a questão, os danitas, muito mais fortes, se limitaram simplesmente a tomar o levita e os deuses de Mica e levá-los a Laís, desde então chamada Dã. Ali, Jônatas, que indubitavelmente era o levita, estabeleceu um santuário para os danitas como um substituto para Siló. Caso não houver nenhuma omissão na genealogia (18.30) deste Jônatas, é muito verossímil que a emigração tivesse lugar nos primeiros dias do período dos Juízes.

O crime sexual em Gíbea e os acontecimentos que se seguiram conduziram a Israel a uma guerra civil. Um levita das colinas da terra de Efraim e sua concubina, de retorno de uma visita aos pais da mulher em Belém, se detiveram em Gíbea pela noite. Tinham passado por Jebus, esperando receber melhor hospitalidade em Gíbea, que era uma cidade benjamita. Durante a noite, os homens de Gíbea exigiram e obtiveram a concubina do levita. Na manhã ela foi achada morta na porta da casa. Ele tomou o cadáver e a levou a seu lar; e cortando-a em doze peças, a enviou por todo o país. Todo Israel, desde Dã até Berseba, ficou tão horrorizado por semelhante atrocidade, que se reuniram em Mispá. Ali, ante uma reunião de 400.000 homens, o levita falou do que tinham feito com eles os benjamitas.

Quando a tribo de Benjamim recusou entregar os homens de Gíbea que tinham cometido aquele crime, explodiu a guerra civil. Os benjamitas dispuseram de uma força combativa de 26.000 homens, incluindo uma divisão de homens armados de estilingues. O resto de Israel, então, se reuniu em Betel, onde estava situada a Arca do Senhor, para receber conselho de Finéias, o sumo sacerdote, para a batalha. Por duas vezes as forças israelitas foram derrotadas em seu ataque a Gíbea. A terceira vez, porém, a conquistaram e queimaram a cidade, matando a todos os benjamitas, exceto seiscentos deles que fugiram e acharam refúgio na rocha de Rimom. A destruição e devastação de Benjamim foi completa, até o extremo de que a totalidade da tribo foi arrasada. Após quatro meses, se efetuou uma reconciliação com os seiscentos homens que restavam. Tomaram-se medidas para a restauração e o matrimônio daqueles homens, de forma tal que os benjamitas pudessem ser restaurados na nação de Israel.

A história de Rute subministra uma visão rápida de uma era mais pacífica nos dias em que os Juízes governavam. Esta narrativa fala da emigração de uma família israelita —Elimeleque, Noemi e seus dois filhos— para o Moabe, quando havia fome em Judá. Ali, os dois filhos casaram com duas mulheres moabitas, Rute e Orfa. Após a morte de seu marido e ambos os filhos, Noemi voltou a Belém acompanhada de Rute. No curso do tempo, Rute casou com Boaz e, subsequentemente, fogueira na linha genealógica davídica da família real de Israel.

TEMPOS DE TRANSIÇÃO

Nos séculos X e XI, Israel estabeleceu e manteve a mais poderosa monarquia de toda a sua história. Nem antes nem depois a nação teve tão extensas fronteiras e nutriu tanto respeito internacional. Tal expansão foi possível em grande medida a causa da não interferência que podia ter-lhe chegado desde as extremidades do Crescente Fértil durante esta época de sua história. Ou seja, as potências das nações vizinhas, devido questões políticas especificas colaboraram com este período de prosperidade de Israel.

Sob a liderança de Eli e de Samuel

Os tempos de Eli e Samuel marcam a era de transição desde a esporádica e intermitente liderança dos Juízes até a implantação da monarquia israelita. Os dois homens são mencionados no livro de Juízes, porém os primeiros capítulos de 1 Samuel (1.1-8-22) são considerados como uma introdução à narrativa a respeito do primeiro rei de Israel.

A história de Eli serve como fundo para o ministério de Samuel. Como sumo sacerdote, Eli estava encarregado do culto e sacrifício no tabernáculo em Siló. Foi a ele a quem os israelitas consideraram e buscaram para guia dos assuntos civis e religiosos.

A religião de Israel estava num baixo nível nos dias de Eli. Ele mesmo fracassou em ensinar a seus próprios filhos a reverenciarem a Deus; "não tinham conhecimento de Deus" (1 Sm 2.12), e sob sua jurisdição assumiram responsabilidades sacerdotais tirando vantagem do povo, conforme este se aproximava para o culto e o sacrifício. Não só roubavam a Deus solicitando a porção sacerdotal antes do sacrifício, senão que se conduziam de forma tal que o povo aborrecia levar sacrifícios a Siló. Também profanaram o santuário com as ações pagãs próprias da religião cananéia. Como era de esperar, recusaram ouvir a admoestação e a denúncia de semelhante conduta. Não é de surpreender que Israel continuasse degenerando ao se incrementarem tais práticas religiosas corrompidas.

Em semelhante atmosfera corrupta, Samuel foi levado desde sua infância e deixado ao cuidado de Eli. Dedicado a Deus e alentado por uma santa mãe, Samuel cresceu no entorno do tabernáculo, incorruptível à maléfica influência de carência de religiosidade dos filhos de Eli.

Um profeta cujo nome se ignora reprovou a Eli porque honrava seus filhos mais do que honrava a Deus (1 Sm 2.27). Seu relaxamento tinha provocado o juízo de Deus, daí que seus filhos perdessem suas vidas inutilmente e um fiel sacerdote ministrasse em seu lugar. A reiteração deste decreto chegou a Samuel quando Deus lhe falou durante a noite (1 Sm 3.1-18).

Em breve e de forma repentina aquelas proféticas palavras receberam seu total cumprimento, quando os espantados israelitas viram que estavam perdendo seu enfrentamento com os filisteus, se

impuseram sobre os filhos de Eli para levarem a arca da aliança de Deus, o objeto mais sagrado de Israel, ao campo de batalha. A religião tinha chegado a um extremo tal que a arca, que representava o verdadeiro poder de Deus, os salvaria da derrota. Mas não podiam forçar a Deus a que os servisse. Sua derrota foi esmagadora. O inimigo capturou a arca, matando os filhos de Eli. Quando Eli ouviu as surpreendentes notícias de que a arca estava em mãos dos filisteus, sofreu um colapso que lhe custou a vida.

Aquilo foi um dia de catástrofe para Israel. Embora a Bíblia não diz nada a respeito da destruição de Siló, outra evidência respalda que por esse tempo, os filisteus reduziram a ruínas o santuário central que tinha sustentado e mantido unidas a todas as tribos. Quatro séculos mais tarde, Jeremias advertiu aos habitantes de Jerusalém para não depositarem sua confiança no templo (Jr 7.12-24; 26.6-9). Da mesma forma que os israelitas tinham confiado na arca para sua própria segurança, assim, a geração de Jeremias assumiu que Jerusalém, como lugar de residência de Deus, não podia cair em mãos das nações gentias. Jeremias sugeriu que prestassem atenção às ruínas de Siló e aproveitassem daquele histórico exemplo. As escavações arqueológicas puseram ao descoberto o aniquilamento de Siló no século XI. Sua destruição naquele tempo conta pelo fato de que pouco tempo depois os sacerdotes oficiavam em Nobe (1 Sm 21.1). É também digno de perceber em relação a isto que Israel em nenhuma ocasião tentou voltar a levar a arca a Siló.

A vitória filistéia desmoralizou efetivamente os israelitas. Quando a nora de Eli deu à luz um filho, ela lhe deu por nome "Icabode", porque ela sentiu profundamente que as bênçãos de Deus tinham sido retiradas de Israel (1 Sm 4.19-22). O nome do menino significava "Onde está a glória?", e ao mesmo tempo podia demonstrar que a religião cananéia tinha já penetrado no pensamento dos israelitas.

O lugar de Samuel na história de Israel é único. Sendo o último dos juízes, exerceu a jurisdição por toda a terra de Israel. Além disso, ganhou o reconhecimento como o maior profeta de Israel desde os tempos de Moisés. Também oficiou como sumo sacerdote, embora ele não pertencesse à linhagem de Arão, a quem pertenciam as responsabilidades do sacerdócio.

A Bíblia tem conservado comparativamente pouco a respeito do ministério real desde grande líder. Quando Eli morreu e a ameaça da opressão filistéia se fez mais aguda, os israelitas se voltaram naturalmente a Samuel para que lhes servisse de líder. Depois de ter escapado ao despojo e à destruição de Siló, Samuel estabeleceu seu lar em Ramá, onde erigiu um altar. Não há indicação, contudo, de que aquilo se convertesse no centro religioso ou civil da nação. Israel recuperou a arca de mãos dos filisteus (1 Sm 5.1-7-2), mas a guardou em Quiriate-Jearim, na casa privada de Abinadabe, até os dias de Davi. Aparentemente, não esteve em uso público durante este tempo.

Samuel, não obstante, agiu com seus deveres sacerdotais, ao oferecer sacrifícios em Mispá, Ramá, Gilgal, Belém e onde quer que fossem precisos por todo o país. E continuou cumprindo com este dever e esta função inclusive após ter entregado todos os assuntos de estado a Saul.

Com o passar do tempo, Samuel reuniu a seu redor um grupo profético, sobre o qual teve uma enorme influência (1 Sm 19.18-24). É muito aceitável que Natã, Gade e outros profetas ativos na época de Davi recebessem seus ímpetos procedentes de Samuel.

Para executar suas responsabilidades judiciárias, Samuel ia anualmente a Betel, Gilgal e Mispá (1 Sm 7.15-17), e pode inferir-se que nos primeiros anos, antes que delegasse as responsabilidades em seus filhos Joel e Abias (1 Sm 8.1-5) incluísse pontos tão distantes como Berseba em seu circuito pela nação.

Acredita-se a Samuel o fato de que prevalecesse sobre Israel para purgar o culto cananeu de suas fileiras (1 Sm 7.3ss). Em Mispá o povo se reunia para a oração, o jejum e o sacrifício. A palavra da convocação se divulgou até os filisteus, os que por esta causa levaram vantagem da situação, para realizarem um assalto. Em meio do estrondo, uma terrível tormenta de trovões semeou o medo nos corações dos filisteus mercenários, produzindo a confusão e colocando-os em fuga. Evidentemente, o efeito dos trovões adquiriu um caráter miraculoso em seu significado para os filisteus, já que nunca mais tentaram comprometer os israelitas numa batalha enquanto Samuel esteve ao mando das tribos.

Eventualmente, os chefes tribais sentiram que deviam formar uma resistência contra a agressão filistéia e, de acordo com isso, clamaram por um rei. Como escusa para o estabelecimento da monarquia, ressaltaram que somente já era ancião e que seus filhos não estavam moralmente dotados para assumirem seu lugar. Samuel, astutamente, rejeitou a proposta, implorando-lhes eloquentemente o "não impor sobre si mesmo uma instituição cananéia, estranha a sua forma de vida". Quando, a despeito daquilo, persistiram em sua demanda, Samuel aceitou; porém só após a divina intervenção (1 Sm 8).

Quando Samuel consentiu com certa repugnância à inovação do reinado, não tinha ideia de a quem Deus poderia escolher. Um dia, enquanto estava oficiando num sacrifício, foi encontrado por um benjamita que chegou para consultá-lo de algo concernente à localização de uns asnos perdidos de seu pai. Advertido de sua chegada, Samuel advertiu que Saul era o escolhido de Deus para ser o primeiro rei de Israel. Não só Samuel atendeu a Saul como hóspede de honra na festa sacrificial, mas privadamente o ungiu como "príncipe sobre seu povo", indicando mediante aquelas palavras que o reinado era uma questão sagrada de fé. Enquanto voltava a Gibeá, Saul foi testemunha do cumprimento da predição feita por Samuel em suas palavras em confirmação de ser escolhido para aquela responsabilidade. Numa subsequente convocação em Mispá, Saul publicamente foi escolhido

e entusiasticamente apoiado pela maioria em sua aclamação popular de "Viva o rei!" (1 Sm 10.17-24). Devido a que Israel não tinha cidade capital, voltou a sua cidade nativa de Gibeá, em Benjamim.

A ameaça amonita a Jabes-Gileade proporcionou a Saul a oportunidade de afirmar sua chefia. Em resposta a seu chamamento nacional, o povo acudiu em seu apoio, resultando uma impressionante vitória sobre os amonitas. Numa assembleia de todo Israel em Gilgal, Samuel publicamente proclama a Saul como rei. Os lembrou que Deus tinha aprovado seu desejo. Sobre a base da história de Israel, lhes assegurou a prosperidade nacional, sob a condição de que o rei e todos os cidadãos deviam obedecer a lei de Moisés. Esta mensagem de Samuel foi divinamente confirmada aos israelitas com uma súbita chuva, um fenômeno acontecido durante a colheita do trigo. O povo ficou profundamente impressionado e agradeceu a Samuel por aquela continuada intercessão. Embora os israelitas tinham um rei para seu governo, as palavras de seguridade de Samuel, o profeta que tinha varrido a maré da apostasia e iniciado um efetivo movimento profético em seu ensino e ministério, deixou-os conscientes de seu sincero interesse por seu bem-estar: "Longe de mim que peque eu contra o Senhor cessando de rogar por vós outros" (1 Sm 12.23).

O primeiro rei de Israel

Saul gozou do entusiástico apoio de seu povo, após uma inicial vitória sobre os amonitas em Jabes-Gileade. É verdade que nem todos consideraram seu acesso ao reinado com a mesma satisfação, porém aqueles contrários não puderam suportar sua extraordinária popularidade (1 Sm 10.27; 11.12-13). E assim, mediante uma deliberada desobediência, Saul logo estragou suas oportunidades para obter o êxito desejado. A causa das suspeitas ocasionadas pelo ódio, seus esforços estiveram tão mal dirigidos e a força nacional se desagregou de forma tal que seu reinado acabou num completo fracasso. O relato bíblico do reinado de Saul que se dá em 1 Sm 13.1-31.13.

Saul foi um guerreiro que conduziu sua nação a numerosas vitórias militares. Em lugar estratégico sobre uma colina a 3 km ao norte de Jerusalém, Saul fortificou Gibeá para contra-atacar a superioridade militar dos filisteus. Aproveitando o vitorioso ataque realizado por seu filho Jônatas, Saul pôs em fuga os filisteus na batalha de Micmás (1 Sm 13-14). Entre outras nações derrotadas por Saul (1 Sm 14.47-48) estavam os amalequitas (1 Sm 15.1-9).

O êxito inicial do primeiro rei de Israel não escureceu sua debilidade pessoal. O rei de Israel tinha uma posição única entre os governantes contemporâneos, na qual ele foi o responsável de conhecer o profeta que representava a Deus. A este respeito, Saul falhou por duas vezes. Esperando impacientemente a chegada de Samuel a Gilgal, Saul mesmo oficiou o sacrifício (1 Sm 13.8). Em sua vitória sobre os amalequitas, se entregou às pressões do povo, em lugar de executar as instruções de Samuel. O profeta o advertiu solenemente que Deus não se comprazia mediante sacrifícios, que

deviam ser substituídos pela obediência. Mediante uma desobediência, Saul tinha perdido o direito ao trono.

A unção de Davi por Samuel numa cerimônia privada foi desconhecida para Saul. Com a morte de Golias, Davi emerge no cenário nacional. Quando foi enviado por seu pai para levar fornecimentos a seus irmãos que serviam no exército israelita acampado contra os filisteus, ouviu as blasfêmias e as ameaças de Golias. Davi arrazoou que Deus, que o havia ajudado a ele a matar ursos e leões, também seria capaz de matar seu inimigo, quem desafiava os exércitos de Israel. Quando os filisteus comprovaram que Golias, o gigante de Gate, tinha sido morto, fugiram ante Israel. O reconhecimento nacional de Davi como herói foi expressado subsequentemente no ditado popular: "Saul feriu os seus milhares, porém Davi os seus dez milhares" (1 Sm 18.7).

Em anteriores ocasiões, Davi tinha ostentado suas dotes musicais na corte do rei, para acalmar o espírito turbado de Saul, tão grave era o desordem mental do rei, que inclusive tentou matar o músico. Após esta heroica façanha, Saul não só tomou consciência do reconhecimento de Davi, possivelmente para premiar sua família com a isenção de tributos, mas também o agregou permanentemente em sua corte real.

Livrado a seus próprios recursos, Saul virou extremamente ciumento de Davi, suspeitando dele. Com numerosas e sutis artimanhas, Saul tratou de suprimir o jovem herói nacional.

Exposto aos lançamentos da lança de Saul ou aos perigos da batalha, Davi escapou com êxito de todas as manobras concebidas para sua perdição. Inclusive quando Saul foi pessoalmente a Naiote, onde Davi tinha-se refugiado com Samuel, foi influenciado com o espírito dos profetas até o extremo de que resultou difícil danificar ou capturar a Davi. Estando agregado na corte real, resultou vantajoso para Davi em vários aspectos. Em façanhas militares se distinguiu por si mesmo, conduzindo as unidades do exército de Israel em vitoriosos ataques contra os filisteus. Em suas relações pessoais com Jônatas, partilhou uma das amizades mais nobres que se advertem nos tempos do Antigo Testamento. Mediante sua íntima associação com o filho do rei, Davi esteve em condições de captar os malignos desígnios de Saul mais minuciosamente e, desta forma, assegurar-se contra qualquer perigo desnecessário. Quando Davi e Jônatas comprovaram que tinha chegado o momento de que Davi fugisse, ambos selaram sua amizade mediante uma aliança (1 Sm 20.11-23).

Davi fugiu com os filisteus, buscando seguridade. Negado o refúgio por Aquis, rei de Gate, foi para Adulão, onde quatrocentos companheiros das tribos se reuniram a sua volta. Estando ao cuidado de semelhante grupo, procurou fazer os arranjos convenientes para algumas de suas gentes que residiam no país moabita. Entre os conselheiros associados com ele estava o profeta Gade.

Quando Saul ouviu que Abimeleque, o sacerdote de Nobe, tinha fornecido a Davi em sua rota rumo aos filisteus, ordenou sua execução com oitenta e cinco sacerdotes. Abiatar, o filho de Abimeleque, escapou e se reuniu ao bando fugitivo de Davi.

Fazia já tempo que Saul dava liberdade a seus maliciosos sentimentos para com Davi mediante uma aberta perseguição. Várias vezes Davi esteve seriamente em perigo. Após socorrer a cidade de Queila dos ataques filisteus, residiu ali até ser desalojado por Saul.

Escapando a Zife, 6 km ao sul de Hebrom, foi traído pelos zifeus e rodeado pelo exército de Saul. Um ataque dos filisteus impediu a Saul de capturar dessa vez a Davi. Depois, em outra expedição em En-Gedi (1 Sm 24), e finalmente em Haquilá, Saul também foi frustrado em seus esforços para matá-lo.

Davi teve muitas ocasiões para matar o rei de Israel. Em cada ocasião recusou fazê-lo, tendo a consciência e o reconhecimento de que Saul estava ungido por Deus, embora Saul costumava reconhecer temporariamente sua aberração, logo voltava à sua aberta hostilidade.

Enquanto que Davi e seu grupo estavam nos desertos de Parã, rendiam serviços aos residentes daquela zona, protegendo suas propriedades contra os ataques dos bandos de ladrões e bandidos. Nabal, um pastor de Maom que pastoreava suas ovelhas perto do povo de Carmelo, ignorou a demanda de Davi de "proteção monetária". Para encobrir sua própria cobiça, recusando partilhar sua riqueza, nabal protestava que Davi tinha fugido de seu amo. Percebendo que a situação era grave, Abigail, a esposa de nabal, judiciosamente conjurou a vingança por uma apelação pessoal a Davi com presentes. Quando nabal se recuperou de sua intoxicação e compreendeu quão perto tinha estado da vingança a mãos de Davi, ficou tão impressionado que morreu dez dias depois. Como consequência, Abigail se converteu na esposa de Davi.

Davi temia que qualquer dia Saul pudesse surpreendê-lo inesperadamente. Para assegurar-se a si mesmo e a seu grupo de quase seiscentos homens, além de mulheres e crianças, lhe foi concedida permissão por Aquis para residir em território filisteu e na cidade de Ziclague. Permaneceu ali aproximadamente durante o último ano e meio do reinado de Saul. Perto deste período, Davi acompanhou os filisteus a Afeque para lutar contra Israel. Porém, foi-lhe negada sua participação. Então voltou a Ziclague, a tempo para recuperar suas possessões perdidas num ataque por surpresa realizado pelos amalequitas.

Os exércitos de Israel acampados no monte de Gilboa para lutarem contra os filisteus, aos que tinha derrotado outras várias vezes, se encontraram com que mais que o medo ao inimigo era a turbação do rei de Israel o que complicava as coisas naquele momento. Samuel, fazia tempo ignorado por Saul, não estava disponível para uma entrevista; Saul se voltou a Deus, mas não houve resposta para ele, nem em sonhos, nem por Urim ou por profeta. Estava doente de verdadeiro pânico. Em seu

desespero se voltou aos médios espiritualistas que ele mesmo tinha banido no passado. Localizando a mulher de En-Dor, Saul perguntou por Samuel. Fosse qual for o poder que tinha esta mulher, se faz aparente o que se registra em 1 Sm 28.3-25, que a intervenção do poder sobrenatural em mostrar o profeta Samuel em forma de espírito estava além de seu controle. A Saul foi-lhe recordado mais uma vez, por Samuel, que a causa de sua desobediência tinha perdido o direito à legitimidade do reino. Em sua mensagem a Saul, a profeta predisse a morte do rei e de seus três filhos, assim como a derrota de Israel.

Com o coração endurecido e o pensamento de tais trágicos acontecimentos que iriam cair sobre ele, Saul voltou ao acampamento naquela amaldiçoada noite. No curso da batalha na planície de Jizreel, as forças israelitas foram derrotadas, retirando-se ao monte Gilboa. Durante a perseguição, os filisteus tomaram a vida dos três filhos do rei. O próprio Saul foi ferido por flecheiros inimigos. Para evitar um bestial tratamento a mãos do inimigo, se lançou contra sua própria espada, acabando assim com sua vida. Os filisteus venceram com uma vitória definitiva, ganhando o indisputável controle do fértil vale desde a costa do rio Jordão. Ocuparam também muitas cidades, das quais os israelitas se viram forçados a fugirem. Os corpos de Saul e seus filhos foram mutilados e pendurados na fortaleza filistéia de Bete-Sã, mas os cidadãos de Jabes-Gileade os resgataram para seu sepultamento. Mais tarde, Davi fez o necessário para transferir os restos à propriedade da família de Saul em Zela, na tribo de Benjamim (2 Sm 21.14).

Certamente trágica foi a terminação do reinado de Saul como primeiro rei de Israel. Embora escolhido por Deus e ungido pela oração do profeta Samuel, fracassou em pôr em prática aquela obediência que era essencial no sagrado e único princípio de fé que Deus lhe permitiu: o de ser "príncipe sobre seu povo".

UNIÃO DE ISRAEL SOB DAVI E SALOMÃO

A idade de ouro de Davi e Salomão não teve repetição nos tempos do Antigo Testamento. A expansão territorial e os ideais religiosos, como foram imaginados por Moisés, foram executados num grau máximo, superior ao que antes ou depois aconteceria na história de Israel. Em séculos subsequentes, as esperanças proféticas para a restauração da fortuna de Israel repetidamente se remetem ao reino de Davi como ideal supremo.

A união davídica e a expansão

Os esforços políticos de Davi estiveram marcados com o selo do êxito. Em menos de uma década após a morte de Saul, todo Israel acudia em apoio de Davi, que tinha começado seu reinado com somente o pequeno reino de Judá. Mediante êxitos militares e amistosas alianças, logo controlou o território existente entre o rio do Egito e o golfo de Ácaba, até a costa fenícia e a terra de Hamate. O respeito internacional e o reconhecimento que Davi ganhou para Israel não foi desafiado por poderes estrangeiros até o final dos últimos anos de Salomão.

O novo rei também se distinguiu como líder religioso. Apesar de ter-lhe sido negada a permissão de construir o templo, ele fez as mais elaboradas provisões para sua ereção sob seu filho Salomão. Com a liderança real de Davi, os sacerdotes e levitas fora extensamente organizados para uma efetiva participação nas atividades religiosas da totalidade da nação. O segundo livro de Samuel detalha e explica o reino de Davi com grande minudência. Uma longa seção (11-20) subministra o relato exclusivo do pecado, o crime e a rebelião na família real. A transferência do reinado a Salomão e a morte de Davi estão relatadas nos primeiros capítulos do primeiro livro de Reis. O primeiro livro de Crônicas também faz referência ao período davídico e representa uma unidade independente, enfocando a atenção sobre Davi como o primeiro governante de uma continuada dinastia. A modo de introdução para o estabelecimento do trono de Davi, o cronista traça o fundo genealógico das doze tribos sobre as quais governava Davi. Saul não está senão muito brevemente mencionado, após o qual Davi é apresentado como rei de Israel. A organização de Israel, tanto politicamente como no aspecto religioso, está mais elaborada e aprimorada, devido à supremacia de Davi sobre as nações circundantes, e recebe maior ênfase. Antes de concluir com a morte de Davi, os últimos oito capítulos neste livro dão uma extensa descrição de sua preparação para a construção do templo. Em consequência, 1 Crônicas é um valioso complemento para o registrado em 2 Samuel.

Nascido em tempos turbulentos, Davi esteve sujeito a um rude período de treinamento para o reinado de Israel. Foi requerido pelo rei para o serviço militar após ter matado a Golias e ganhou uma experiência inapreciável em façanhas militares contra os filisteus. Após ter sido forçado a deixar a corte, conduziu um grupo fugitivo e se ganhou o agrado dos latifundiários e donos de grandes rebanhos na parte meridional de Israel, proporcionando-lhes um eficaz serviço. Ao mesmo tempo, negociou com êxito diplomático as relações com os filisteus e os moabitas, enquanto era considerado em Israel como um indivíduo à margem da lei.

Davi esteve na terra dos filisteus quando o exército de Saul foi decisivamente derrotado em monte Gilboa. Muito pouco tempo depois de que Davi resgatasse suas esposas e recuperasse o que tinha sido tomado pelos assaltantes amalequitas, um mensageiro o informou dos desgraçados acontecimentos que haviam tido lugar em Israel. Pasmado pela dor, Davi deu um imortal tributo a Saul e a Jônatas numa dos maiores lamentos que existem no Antigo Testamento. Não só Israel tinha

perdido a seu rei, senão que Davi tinha perdido seu mais íntimo amigo de sempre, a Jônatas. Quando o portador das notícias, um amalequita, reclamou uma recompensa pela morte de Saul, Davi ordenou sua execução por ter tocado no Ungido de Deus.

Após estar seguro da aprovação de Deus, Davi voltou à terra de Israel. Em Hebrom, os chefes de sua própria tribo (Judá) o escolheram e reconheceram como seu rei. Davi era bem conhecido em todos os clãs da zona, tendo protegido os interesses dos proprietários das terras e partilhado com eles o despojo obtido ao atacar seu inimigos (1 Sm 30.26-31). Como rei de Judá, Davi enviou uma mensagem de felicitação aos homens de Jabes-Gileade por darem ao rei Saul um respeitável sepultamento. Não há dúvida de que este amistoso e gentil gesto tinha também implicações políticas, pois Davi sentia-se necessitado de procurar-se todo tipo de apoio.

Israel esteve em serias dificuldades quando acabou o reinado de Saul. A capital em Giboá experimentou a destruição ou então, gradualmente foi caindo até ficar em ruínas. Eventualmente Abner, o chefe do exército israelita, esteve em condições de restaurar a ordem para ter a Isbosete (Is-Bosete, Isbaal) ungido como rei. A coroação teve lugar em Gileade, já que os filisteus tinham o controle sobre a terra situada ao oeste do Jordão. Devido a que o filho de Saul reinava sobre as tribos do norte só por dois anos (2 Sm 21), durante os sete anos e meio que Davi reinou sobre Hebrom aparece como que o problema com os filisteus demorou o acesso do novo rei por aproximadamente cinco anos.

Foi assim como o povo de Judá apoiou sua aliança com Davi, enquanto que o resto dos israelitas permanecia leal à dinastia de Saul, sob a liderança de Abner e Isbosete. O resultado foi que prevalecesse a guerra civil. Após ser severamente reprovado por Isbosete, Abner apelou a Davi e lhe ofereceu o apoio de Israel em sua totalidade. De acordo com a petição de Davi, Mical, a filha de Saul, lhe foi devolvida como esposa. Aquilo teve lugar sob a supervisão de Abner, com o consentimento de Isbosete. Daqui ficou patente publicamente que Davi não mantinha nenhuma animosidade para com a dinastia de Saul. O próprio Abner foi a Hebrom, onde prometeu a Davi a lealdade de seu povo. Após esta aliança e uma vez completada, Abner foi morto por Joabe em luta civil. A morte de Abner deixou Israel sem um forte e poderoso líder militar. Fazia tempo já que Isbosete tinha sido assassinado por dois homens procedentes da tribo de Benjamim. Quando os assassinos apareceram ante Davi, foram imediatamente executados. Desaprovava assim a morte de uma pessoa justa. Sem malícia nem vingança, Davi ganhou o reconhecimento de todo Israel, enquanto que a dinastia de Saul foi eliminada do poder político.

Não há indicação de que os filisteus interferiram com a ascendência de Davi como rei em Hebrom. É possível que eles o considerassem como a um vassalo, em tanto que o resto de Israel, revolvido pela guerra civil, não oferecia resistência unificada. Porém se alarmaram seriamente

quando Davi ganhou a aceitação da totalidade da nação. Um ataque filisteu (2 Sm 5.17-25; 1 Cr 14.8-17) teve lugar muito verossimilmente antes da conquista e ocupação de Sião. Davi os derrotou por duas vezes, prevenindo assim sua interferência na unificação de Israel sob o novo rei. Sem dúvida, a ameaça filistéia em si mesma teve um efeito unificador sobre Israel.

Buscando um lugar central para a capital do reino unido de Israel, Davi se voltou à Jerusalém. Era um lugar estratégico e menos vulnerável para ser atacado. Como uma fortaleza cananéia ocupada pelos jebuseus, tinha resistido com êxito a conquista e a ocupação pelos israelitas.

Nos registros egípcios, por volta do 1900 a.C. esta cidade já era conhecida como Jerusalém. Quando Davi convidou seus homens a conquistar a cidade e expulsar os jebuseus, Joabe aceitou e foi recompensado com a nomeação de chefe dos exércitos de Israel. Com a ocupação da fortaleza por Davi, ficou conhecida como "a cidade de Davi" (1 Cr 11.7).

Quando Davi assumiu o reinado sobre as doze tribos, escolheu Jerusalém como sua capital política. Durante seus dias como um marginado da lei, tinha sido seguido por centenas de homens. Tais homens foram bem organizados sob seu mando em Ziclague e mais tarde em Hebrom (1 Cr 11.10-12-.22). Aqueles homens tinham-se distinguido em façanhas militares de tal forma que foram nomeados príncipes e chefes. Quando Israel apoiou a Davi, a organização foi aumentada para incluir a totalidade da nação, com Jerusalém como centro (1 Cr 12.23-40). Mediante contrato com os fenícios, foi construído um magnífico palácio para o rei Davi (2 Sm 5.11-12).

Ao mesmo tempo, Jerusalém se converteu no centro religioso de toda a nação (1 Cr 13.1-17.27; 2 Sm 6.1-7.29). Quando Davi tratou de levar a arca de Deus desde o lar de Abinadabe em Quiriate-Jearim por meio de um carro, em lugar de ser levada pelos sacerdotes (Nm 4), Uzá foi morto repentinamente. Em lugar de levar a arca a Jerusalém, Davi a deixou no lar de Obede-Edom, em Gibeá. Quando sentiu que o Senhor estava abençoando sua casa, Davi transferiu imediatamente o objeto sagrado a Jerusalém para ser alojado numa tenda ou tabernáculo, e um culto apropriado se restaurou então para Israel a escala nacional. Com o renovado interesse na religião de Israel, Davi ficou desejoso de construir um local permanente para o culto. Quando partilhou sua ideia com Natã, o profeta, encontrou sua imediata aprovação. Na noite seguinte, contudo, Deus comissionou a Natã para informar o rei que a construção do templo seria postergada até que o filho de Davi fosse estabelecido em seu trono. Aquilo foi uma certeza divina para Davi, de que seu filho o sucederia e que ele não estaria sujeito a um fado tal fatal como tinha acontecido com o rei Saul. A magnitude desta promessa para Davi, não obstante, se estende muito além do tempo e do alcance do reinado de Salomão. A semente de Davi incluía mais que a Salomão, já que a ordem divina claramente estabelecia que o trono de Davi seria estabelecido para sempre. Inclusive se a iniquidade e o pecado

prevalecessem na posteridade de Davi, Deus temporariamente julgaria e castigaria, porém não deixaria que se perdesse o direito à promessa nem retiraria sua mercê definitivamente.

Esta certeza, dada a Davi mediante o profeta Natã, constitui outro elo na série de promessas messiânicas dadas nos tempos do Antigo Testamento. Deus ia desenvolvendo gradualmente o compromisso inicial de que a última vitória chegaria através da semente da mulher (Gn 3.15). Uma revelação completa do Messias e seu reinado eterno se dá pelos profetas em séculos subsequentes.

Por que foi negado a Davi o privilégio de construir o templo? Nos anos de seu reinado, ele chegou à comprobação de que tinha sido comissionado como um homem de estado e um líder militar para estabelecer o reino em Israel (1 Cr 28.3, 22.8). Enquanto que o reinado de Davi foi caracterizado por uma situação de estado de guerra, Salomão gozou de um extenso período de paz. Talvez a paz prevalecesse na época em que Davi expressou sua intenção de construir o templo, mas não há forma de discernir com certeza na Escritura como as guerras relatadas estão relacionadas cronologicamente a esta mensagem dada por Natã. Possivelmente, até que não chegasse o fim do reinado de Davi, não se perceberia que os dias de Salomão eram uma melhor oportunidade para a construção do templo.

A expansão do governo de Davi desde a zona tribal de Judá até um vasto império, estendendo seus domínios desde o Egito até as regiões do Eufrates, recebe escassa atenção na Bíblia.

Davi foi imediatamente desafiado pelos filisteus quando foi reconhecido como rei de todo Israel (2 Sm 5.17-25). Os derrotou duas vezes, mas durante um longo período de tempo é completamente verossímil que houvesse frequentes batalhas antes de reduzi-los a um estado tributário e submetido. A captura de um chefe de suas cidades, Gate, e a morte dos gigantes filisteus (2 Sm 8.1 e 21.15-22) não são mais que exemplos e mostras de encontros neste período crucial em que Israel ganhou sua hegemonia.

Bete-Sã foi conquistada durante este período. Em Debir e em Bete-Semes, muralhas com casamatas sugerem que Davi construiu uma linha de defesa contra os filisteus. As observações de que os filisteus tinham o monopólio do ferro nos dias de Samuel (1 Sm 3.19-20) e de que Davi o utilizava livremente perto do final de seu reinado (1 Cr 22.3) sugerem que pôde ter sido escrito um longo capítulo na revolução econômica de Israel. O período de banimento e a residência dos filisteus não só proporcionaram a Davi a preparação para a liderança militar, e indubitavelmente lhe deram um conhecimento de primeira mão com a fórmula e os métodos utilizados pelos filisteus na produção de armamento. Talvez muitos dos planos para a expansão econômica e militar tenham sido elaborados enquanto Davi estava em Hebrom, porém realmente executados depois de que Jerusalém foi convertida em capital. Os filisteus tinham razão para estarem alarmados quando a desolada e derrotada Israel foi unificada sob a proteção de Davi.

A conquista e a ocupação de Edom tiveram uma grande importância estratégica. Deu a Davi uma valiosa fonte de recursos naturais. O deserto árabe, que se estende para o sul do Mar Morto e até o golfo de Ácaba, era rico no ferro e o cobre necessário para quebrar o monopólio filisteu. Para estarem seguros de que todos estes fornecimentos não sofreriam perigos, os israelitas estabeleceram guarnições por todo o Edom (2 Sm 8.14).

Aparentemente, Israel teve pouca interferência procedente de Moabe e dos amalequitas naquela época. Estavam incluídos entre os estados tributários que enviavam prata e ouro a Davi.

No nordeste, o ressurgir do poderio de Davi expandindo o estado de Israel, foi desafiado pelas tribos amonitas e aramaicas. As primeiras tinham-se estabelecido desde Carquemis sobre o Eufrates até os limites orientais da Palestina. Já eram considerados como inimigos nos dias de Saul (1 Sm 14.47). Quando Davi foi considerado um homem fora da lei, pelo menos um daqueles estados aramaicos deve ter sido amigo dele, já que Talmai, o rei de Gesur, tinha-lhe dado sua filha Maaca como esposa (2 Sm 3.3). Depois que Davi derrotasse os filisteus e tivesse concluído um tratado com os fenícios, os arameus temeram o ressurgir do poder de Israel. A expansão de Israel colocou em perigo suas riquezas e desafiava seu controle das férteis planícies e seu grande comércio. Após a vergonhosa recepção e tratamento dos mensageiros de boa vontade enviados por Davi, os amonitas imediatamente implicaram os aramaicos em sua oposição a Israel, mas suas forças combinadas foram espalhadas pelas tropas de Davi.

Mais tarde, a cidade de Rabá, em Amom, foi capturada pelos israelitas (1 Cr 20.1). As forças aramaicas então se organizaram sob Hadade-ezer, que empregou e reuniu forças desde tão longe como Aram-Naharaim ou Mesopotâmia (1 Cr 19.6). Esta vez as forças israelitas avançaram para Elão, derrotando sua forte coalizão. Aquilo expandiu a condenação para a aliança amonita. Após isto, Davi atacou a Hadade-ezer uma vez mais quando os sírios estavam ao alcance do Eufrates para reclamar o território sob controle assírio (2 Sm 8.3).

Damasco, que estava tão intimamente aliada com Hadade-ezer (1 Cr 18.3-8), caiu sob o controle de Davi, adicionando assim outra vitória para os israelitas. Suas guarnições ocuparam a cidade, colocando-a sob um forte tributo, e Hadade-ezer concedeu grandes quantidades de ouro e bronze a Davi. A dominação dos estados aramaicos de Hamate, sobre o Orontes, agregou grandemente muitos mais recursos que enriqueceram Israel. A administração de Damasco por parte dos israelitas não foi desafiada até os anos seguintes do reinado de Davi.

Nos dias da expansão nacional, as provisões feitas para Mefibosete ilustram a magnânima atitude de Davi para com os descendentes de seu predecessor (2 Sm 9.1-13). Quando Davi soube da desgraça que se havia abatido sobre o filho de Jônatas, Mefibosete, lhe concedeu uma pensão

procedente de seu tesouro real. Ao invalido lhe foi entregue um lar em Jerusalém e foi colocado sob o cuidado do servo Ziba.

Mefibosete recebeu especial consideração numa crise subsequente (2 Sm 21.1-14), quando a fome se produziu na terra de Israel. Deus revelou a Davi que a fome era um juízo pelo terrível crime de Saul de atentar com o extermínio dos gibionitas com os que Josué tinha feito uma aliança (Js 9.3ss). Percebendo que aquilo só podia ser expiado (Nm 35.31), Davi permitiu que os gibionitas executassem a sete dos descendentes de Saul. Mefibosete, porém, foi excluído. Quando Davi foi informado do luto de Rispa, uma concubina de Saul, tomou as medidas necessárias para o adequado sepultamento dos restos daquelas vítimas no sepulcro familiar de Benjamim. Os restos de Saul e Jônatas também foram trasladados àquele lugar, com isso, a fome chegou a seu fim.

Como rei do império israelita, Davi não falhou em reconhecer que Deus tinha sido o único que garantira as vitórias militares de Israel, e o autor de sua prosperidade material. Num salmo de ação de graças (2 Sm 22.1-51), Davi expressa seu louvor ao Deus Onipotente pela libertação dos inimigos de Israel. Este Salmo também se cita no capítulo 18 do livro dos Salmos. Isto representa um exemplo de muitos dos que ele compôs em várias ocasiões durante sua acidentada carreira de jovem pastor, servo da corte real, proscrito de Israel, e finalmente como arquiteto e construtor do grande império de Israel.

O pecado da família real

O crime de Davi e seu arrependimento	2 Sm 11.1-12.31
O crime de Amnom e seus resultados	2 Sm 13.1-36
Derrota de Absalão na rebelião	2 Sm 13.37-18.33
Davi recupera o trono	2 Sm 19.1-20.26

As imperfeições no caráter de um membro da família real não estão minimizadas na Sagrada Escritura, um rei de Israel que caiu no pecado não podia escapar aos juízos de Deus, ao mesmo tempo, Davi, como pecador, arrependido, reconheceu sua iniquidade e desta forma se qualificou como um homem que agradava a Deus (1 Sm 13.14).

Davi praticava a poligamia (2 Sm 3.2-5; 11.27), e embora isto esteja definitivamente proibido na mais ampla revelação do Novo Testamento, era tolerada no Antigo e em seu tempo, a causa da dureza de coração de Israel. A poligamia era igualmente praticada por todas as nações circundantes. Um harém na corte era uma coisa aceitável. Embora advertido da multiplicidade de esposas na lei de Moisés (Dt 17.17), Davi se fez de várias. Alguns daqueles matrimônios tinham, indubitavelmente,

implicações de tipo político, tal como por exemplo o casamento com Mical, a filha de Saul, e com Maaca, a filha de Talmai, rei de Gesur.

Como outros, Davi teve de sofrer as consequências dos crimes de incesto, assassinato e rebelião efetuados na vida de sua família. O pecado de assassinato e adultério de Davi constituía um crime perfeito desde o ponto de vista humano. Foram executados nos dias dos êxitos militares e da expansão do império.

Os filisteus já tinham sido derrotados e a coalizão aramaico-amonita tinha sido quebrantada no ano anterior. Enquanto Davi permaneceu em Jerusalém, os exércitos israelitas, sob o mando de Joabe, foram enviados a conquistar a cidade amonita de Rabá. Davi cometeu adultério com Bate-Seba. Ele sabia que ela era a esposa de Urias, o heteu; um mercenário leal do exército de Israel. O rei enviou a Urias na frente de batalha, e depois mandou chamá-lo, ordenando a Joabe seu regresso mediante uma carta, arranjando as coisas para que fosse morto pelo inimigo.

Quando chegaram a Jerusalém os informes de que Urias tinha morrido na batalha contra os amonitas, Davi casou com Bate-Seba. Talvez os feitos que deram lugar ao repugnante crime de Davi ficaram no segredo, já que uma baixa na línea do frente de batalha era algo comum e corrente. Inclusive se isso era conhecido por Joabe, quem era o que reprovaria ou desafiaria o poder do rei?

Embora Davi não fosse responsável perante ninguém em seu reino, falhou em não perceber que este "crime perfeito" era conhecido por Deus. Numa nação pagã, uma ação criminosa de adultério e morte poderia ter passado ignorada; mas aquilo não podia acontecer em Israel, onde um rei sustentava sua posição de realeza mediante uma fé sagrada. Quando Natã descreve o crime de Davi na dramática história do homem rico que leva vantagem de seu pobre servo, Davi se enfureceu protestando de que semelhante fato pudesse acontecer em seu reino. Natã claramente declarou que Davi era o homem culpável de assassinato e adultério. Afortunadamente para Natã, o rei se arrependeu. As crises espirituais de Davi encontram sua expressão na poesia (Salmos 32 e 51). Foi-lhe concedido o perdão, mas as consequências foram certamente graves no doméstico (2 Sm 12.11).

A imoralidade e o crime dentro da família logo envolveram a Davi numa luta civil e uma rebelião. A falta de disciplina de Davi e sua auto-limitação foram um pobre exemplo para seus filhos. A conduta imoral de Amnom com sua meia-irmã acabou em seu assassinato por Absalão, outro filho de Davi. Naturalmente, Absalão incorreu no desfavor de seu pai. Como consequência, achou uma única saída em fugir de Jerusalém, refugiando-se com Talmai, seu avô, em Gesur. Ali permaneceu durante três anos.

Entretanto, Joabe estava buscando uma reconciliação entre Davi e Absalão. Empregando uma mulher de Tecoa (2 Sm 14), Joabe obteve a autorização do rei para que Absalão voltasse a Jerusalém, porém deixando bem claro que não poderia aparecer mais na corte real. Depois de dois anos, Absalão,

finalmente, recebeu permissão para ir à presença de seu pai. Tendo ganhado de novo o favor do rei, se assegurou para si uma guarda real de cinquenta homens com cavalos e carros de combate. Durante quatro anos, o gracioso Absalão foi ativo com excesso nas relações públicas nas portas de Jerusalém, vencendo e ganhando o favor e a aprovação dos israelitas. Pretendendo dar cumprimento a um voto, se assegurou de ter permissão do rei para marchar para Hebrom. A rebelião que Absalão estabeleceu em Hebrom foi uma completa surpresa para Davi.

Espias foram enviados por toda a terra de Israel para proclamar que Absalão seria rei ao som das trombetas. Muito verossimilmente, muitas das gentes que tinham sido impressionadas por Absalão chegaram à conclusão de que, como filho de Davi, ia apossar-se do reino. A qualquer preço, eram muitos os que apoiavam Absalão, incluído Aitofel, conselheiro de Davi. As forças rebeldes, conduzidas por Absalão, marcharam sobre Jerusalém e Davi, que não estava preparado para resistir, fugiu a Maanaim, do outro lado do Jordão. Husai, um amigo devoto e conselheiro, seguiu o conselho de Davi e permaneceu em Jerusalém para repelir o conselho de Aitofel. Este último, que pôde ter planejado a totalidade da rebelião e oferecido seu apoio a Absalão desde o princípio, aconselhou que lhe for permitido perseguir a Davi imediatamente, antes que pudesse organizar uma oposição. Porém Absalão solicitou conselho a Husai, quem o persuadiu de pospor semelhante perseguição, ganhando assim um tempo precioso que necessitava Davi para organizar suas forças. Tendo-se convertido num traidor, e comprovando que Davi seria restabelecido em seu trono, Aitofel se enforcou.

Davi foi um brilhante militar. Preparou suas forças para a batalha e logo deu fuga aos exércitos de Absalão. Joabe, contrariamente às ordens de Davi, matou a Absalão enquanto perseguia o inimigo. Davi, tendo perdido o sentido da prioridade, levou luto por seu filho em vez de celebrar a vitória. Este desenrolar dos acontecimentos deram como resultado que Joabe encarasse o rei por descuidar o bem-estar dos israelitas que lhe haviam prestado seu mais leal apoio.

Com Absalão fora de combate, o povo voltou de novo a Davi, aceitando sua chefia. A tribo de Judá, que tinha apoiado a rebelião do filho perturbador de Davi, foi o último grupo em voltar a ele, após ter feito uma rápida concessão de substituir Amasa por Joabe.

Quando Davi voltou à capital, outra rebelião surgiu como consequência da confusão reinante. Seba, um benjamita, tomando como base que Judá tinha trazido de novo a Davi a Jerusalém, flagelou a oposição contra ele. Joabe matou a Amasa e depois conduziu a perseguição de Seba, quem foi decapitado na fronteira assíria pelo povo de Abel de Bete-Maaca. Joabe fez soar a trombeta, retornou a Jerusalém e continuou servindo como comandante do exército sob Davi.

Através de quase uma década do reinado de Davi, as solenes palavras pronunciadas por Natã foram realmente cumpridas. Começando com a imoralidade de Amnom e continuando com a supressão da rebelião de Seba, o mal tinha fermentado na própria casa de Davi.

Um projeto favorito de Davi, durante os últimos anos de sua vida, foi fazer os preparativos para a construção do Templo. Planos muito elaborados e arranjos dispostos em seus mais mínimos detalhes, foram cuidadosamente executados na aquisição dos materiais de construção. O reino estava bem organizado para o eficiente uso do trabalho local e estrangeiro. Davi inclusive perfilou os detalhes para o culto religioso na estrutura proposta.

A organização militar e civil do reino se desenvolveu gradualmente, durante todo o reinado de Davi, conforme o império se expandia. A pauta básica de organização utilizada por Davi pôde ter sido similar à praticada pelos egípcios. O registrador ou cronista estava ao cuidado dos arquivos e, como tal, tinha a muito importante posição de ser o homem das relações públicas entre o rei e seus oficiais. O escriba ou secretário era o responsável da correspondência própria ou alheia, tendo grandes conhecimentos em questões diplomáticas.

Num período avançado do reinado de Davi (2 Sm 20.23-25), um oficial adicional estava encarregado dos trabalhos forçados. Muito verossimilmente, outros oficiais de alta categoria estavam agregados ao governo, conforme se multiplicavam as responsabilidades. As questões da judicatura parecem ter sido manejadas pelo próprio rei (2 Sm 14.4-17; 15.1-6).

O comandante em chefe das forças militares era Joabe. Homem sobressalente em capacidade e condições de liderança, não somente era responsável das vitórias militares, senão que exercia considerável influência sobre o próprio Davi. Uma unidade de tropas estrangeiras ou mercenárias, composta por quereteus e peleteus, sob o mando de Benaia, pôde ter sido o exército de Davi. O rei também tinha um conselheiro privado, Aitofel tinha servido neste posto até que apoiou Absalão com motivo da rebelião deste último. Os homens poderosos que se haviam agregado a Davi antes que se convertesse em rei, eram então conceituados como formando um Conselho ou Legião de honra (1 Cr 11.10-47; 2 Sm 23.8-39). Quando Davi organizou seu reino com Jerusalém como capital, havia trinta homens neste grupo. Com o tempo, foi aumentando a quantidade e a categoria dos homens que se distinguiram por feitos heroicos. Deste seleto grupo de heróis, foram escolhidos doze homens para encarregar-se do exército nacional, consistente em doze unidades (1 Cr 27.1-24). Em todo o reino, Davi nomeou supervisores das granjas, dos cultivos e dos gados (1 Cr 27.25-31).

O censo militar de Israel e as punitivas consequências para o rei e seu povo estão detalhadamente relatados nos elaborados planos de Davi para a construção do Templo. A razão para o divino castigo sobre Davi, assim como para a totalidade da nação, não se estabelece explicitamente. O rei ordenou que se realizasse um censo. Joabe protestou mas foi ignorado a esse respeito (2 Sm 24). Em menos de dez meses, completou o censo de Israel com a exceção das tribos de Levi e Benjamim. A força militar de Israel era aproximadamente de um milhão e meio, o que sugere uma

população total de cinco ou seis milhões de pessoas. Davi estava firmemente consciente do fato de que tinha pecado ao realizar o censo.

Já que ambos relatos precedem este incidente com uma lista de heróis militares, o censo pôde ter sido motivado por orgulho e uma seguridade e confiança sobre a força militar de Israel em seus logros nacionais. Ao mesmo tempo, o estado da mente de Davi ao impor este censo foi considerado como um juízo sobre Israel (2 Sm 24.1 e 1 Cr 21.1). talvez Israel fosse castigado pelas rebeliões de Absalão e Seba durante o reinado de Davi.

Davi, arrependido de seu pecado, foi informado mediante Gade, o profeta, que podia escolher um dos seguintes castigos: a fome por três anos, um período de três meses de reveses militares ou uma peste de três dias. Davi se resignou a si mesmo e a sua nação à misericórdia de Deus, escolhendo o último. A peste durou um dia, mas morreram 70.000 pessoas em todo Israel.

Enquanto isso, Davi e seus anciãos, vestidos de saco, reconheceram o anjo do Senhor no lugar da eira, ao norte de Jerusalém, sobre o monte Moriá. Reconhecendo que era o anjo destruidor, Davi ofereceu uma oração intercessora por seu povo. Mediante instruções dadas por Gade, Davi comprou de Ornã (ou Araúna), o jebuseu, a eira. Enquanto oferecia o sacrifício ante Deus, Davi era ciente da divina resposta, quando cessou a peste, terminando assim o juízo sobre seu povo. O anjo destruidor desapareceu e Jerusalém foi salvada.

Davi ficou tão impressionado, que determinou fazer da eira o lugar para o altar dos holocaustos. Ali deveria ser erigido o Templo. Pode muito bem ter sido o mesmo lugar onde Abraão, quase um milênio antes, se prestou a sacrificar seu filho Isaque, e igualmente teve a revelação e a aprovação divinas.

Ainda que o monte de Moriá estava no exterior da cidade de Sião (Jerusalém) em tempos de Davi, Salomão o incluiu na cidade capital do reino. Davi havia trazido previamente a arca a Jerusalém, alojando-a dentro de uma tenda. O altar do holocausto e o tabernáculo construído sob a supervisão de Moisés foram colocados em Gibeom, num lugar alto, a 8 km ao noroeste de Jerusalém. Já que a Davi fora-lhe negado o privilégio de construir realmente o templo, é muito aceitável que não se tivessem desenvolvido planos anteriormente, como a colocação do santuário central. Mediante a teofania da eira, Davi chegou à conclusão de que aquele era o lugar aonde deveria ser construída a casa de Deus.

Davi refletiu sobre o fato de que tinha sido um homem sangrento e guerreiro. Durante a seguinte década, Jerusalém ficou estabelecida como a capital nacional, enquanto a nação estava sendo unificada a conquista das nações circundantes. É muito possível que Salomão nascesse durante aquela época. Deve ter sido por volta do fim da segunda década do reinado de Davi, quando Absalão assassinou Amnom, já que Absalão nasceu enquanto Davi se encontrava em Hebrom. As dificuldades

domésticas, que culminaram com a rebelião de Absalão, duraram quase dez anos e provavelmente coincidiram com a terceira década do reino de Davi.

Quando Davi houve estabelecido com êxito a supremacia militar de Israel e organizado a nação, parecia que tinha chegado a hora de concentrar-se nos preparativos para a construção do templo.

Com o monte Moriá como lugar do levantamento, Davi imaginou a casa do Senhor construída sob Salomão, seu filho. Fez um censo dos estrangeiros no país e imediatamente os organizou para trabalhar a pedra, o metal e a madeira. Anteriormente, e em seu reinado, Davi já havia tratado com o povo de Tiro e Sidom para construir seu palácio em Jerusalém (2 Sm 5.11), os cedros para o projeto do edifício foram subministrados por Hiram, rei de Tiro.

Salomão recebeu o encargo de acatar a responsabilidade de obedecer a lei como tinha sido promulgada através de Moisés. Como rei de Israel, contava com Deus e, se era obediente, gozaria de suas bênçãos.

Numa assembleia pública, Davi encarregou aos príncipes e aos sacerdotes e reconhecerem a Salomão como seu sucessor. Então, procedeu a delinear cuidadosamente os serviços do templo. Os 38.000 levitas foram organizados em unidades e designados ao ministério regular do templo. Pequenas unidades receberam a responsabilidade de guardadores das portas e os músicos, todo o concernente à música vocal e instrumental. Outros levitas foram designados como tesoureiros para cuidarem dos luxuosos presentes dedicados pelos príncipes israelitas, procedentes de toda a nação (1 Cr 26.20ss). Aquelas doações eram essenciais para a execução dos planos cuidadosamente realizados para o templo (1 Cr 28.11-29.9). A realização se colocava assim sob o glorioso reinado de Salomão.

As últimas palavras de Davi (2 Sm 23.1-7) revelam a grandeza do herói mais honrado de Israel. Outro cântico (2 Sm 22), expressando sua ação de graças e louvor por toda uma vida repleta de grandes vitórias e liberações, pôde ter sido composto no último ano de sua vida e intimamente associado com este poema. Aqui, ele fala profeticamente a respeito da eterna duração de seu reino. Deus tinha-lhe falado, afirmando uma aliança eterna. Este testemunho por Davi teria constituído um apropriado epitáfio para seu túmulo.

A era dourada de Salomão

A paz e a prosperidade caracterizaram o reino de Salomão. Davi tinha estabelecido o reinado; agora Salomão ia recolher os benefícios dos trabalhos de seu pai.

O relato desta era está brevemente dado em 1 Reis 1.1-11.43 e 2 Cr 1.1-9.31. O ponto focal em ambos livros é a construção e dedicação do templo, que recebe muita mais consideração que qualquer outro aspecto do reinado de Salomão. Outros projetos, o comércio e os negócios, o progresso

industrial e a sabia administração do reinado, estão só brevemente mencionados. Muitas dessas atividades, escassamente mencionadas nos registros da Bíblia, têm sido iluminadas através de escavações arqueológicas durante as décadas passadas. Exceção no que diz respeito à construção do templo, que se atribui à primeira década do reinado, e à construção de seu palácio, que foi completado treze anos mais tarde, há pouca informação que possa utilizar-se como base para um analise cronológico do reinado de Salomão.

Estabelecimento do trono

O acesso ao trono de seu pai não foi sem oposição. Devido a que Salomão não tinha sido publicamente coroado, Adonias concebeu ambições para suceder a Davi. Em certo sentido, estava justificado. Amnom e Absalão tinham morrido, Quileabe, o terceiro filho mais velho de Davi, aparentemente tinha morrido também, já que não é mencionado, e Adonias era o seguinte na línea sucessória. Por outra parte, a debilidade inerente a Davi em seus problemas domésticos era evidente na falta de disciplina de sua família (1 Reis 1.6). Evidentemente, Adonias não tinha sido ensinado a respeitar o direito divinamente revelado de que Salomão devia ser o herdeiro do trono de Davi (2 Sm 7.12; 1 Rs 1.17). Seguindo a pauta de Absalão, seu irmão Adonias se apropriou de uma escolta de cinquenta homens com cavalos e carros de guerra, e pediu o apoio de Joabe, convidando a Abiatar, o sacerdote de Jerusalém, para proceder a ser ungido como rei. Este acontecimento teve lugar nos jardins reais de En-Rogel, ao sul de Jerusalém. Notavelmente ausentes naquela reunião dos oficiais governantes e da família real, estavam Natã o profeta, Benaia o comandante do exército de Davi, Zadoque o sacerdote oficiante em Gibeá e Salomão com sua mãe, Bate-Seba.

Quando as notícias daquela reunião de festa chegaram ao palácio, Natã e Bate-Seba imediatamente apelaram a Davi. Como resultado, Salomão cavalgou sobre a mula do rei Davi até Giom, escoltado por Benaia e o exército real. Ali, na ladeira oriental do monte Ofel, Zadoque ungiu a Salomão e assim, publicamente o declarou rei de Israel. O povo de Jerusalém se uniu na pública aclamação de "Viva o rei Salomão!". Quando o barulho da coroação ressoou pelo vale de Cedrom, Adonias e seus adeptos ficaram grandemente confundidos e consternados. A celebração cessou imediatamente, o povo se dispersou e Adonias buscou seguridade nas pontas do altar no tabernáculo de Jerusalém. Somente depois de que Salomão lhe deu sua palavra de respeitar sua vida, sujeita a boa conduta, deixou Adonias o sagrado refúgio.

Em uma reunião subsequente, Salomão foi oficialmente coroado e reconhecido como rei (1 Cr 28.1ss). Com os oficiais e homens de estado da totalidade da nação presente, Davi fez entrega de seu poder, confiando suas responsabilidades a Salomão, e explicou ao povo a realidade do realizado, já que Salomão era o rei escolhido por Deus.

Numa conversa privada com Salomão (1 Rs 2.1-12), Davi recordou a seu filho sua responsabilidade de obedecer a lei de Moisés. Em suas últimas palavras no leito de morte, fez saber a Salomão o fato de que sangue inocente tinha sido derramada por Joabe na morte de Abner e Amasa, do tratamento desrespeitoso de Simei quando teve de fugir de Jerusalém, e da hospitalidade que lhe foi concedida por Barzilai, o gileadita, nos dias da rebelião de Absalão.

Após a morte de Davi, Salomão reforçou seu direito ao trono, eliminando qualquer possível conspirador. A petição de Adonias de desposar Abisague, a donzela sunamita, foi interpretada por Salomão como uma traição. Adonias foi executado. Abiatar foi suprimido de seu lugar de honra que tinha mantido sob o reinado de Davi e foi desterrado a Anatote. Devido a que era da linhagem de Eli (1 Sm 14.3-4), a deposição de Abiatar marcou o cumprimento das solenes palavras emitidas a Eli por um profeta sem nome que chegou a Siló (1 Sm 2.27-37).

Embora Joabe tinha sido culpável de conduta traiçoeira em seu apoio a Adonias, foi executado principalmente pelos crimes durante o reino de Davi. Simei, que estava em liberdade sob palavra, fracassou pelas restrições que lhe foram impostas e de igual forma sofreu a pena de morte.

Salomão assumiu a liderança de Israel a uma precoce idade. Certamente tinha menos de trinta anos, quem sabe somente vinte. Sentindo a necessidade da sabedoria divina, reuniu os israelitas em Gibeon, onde estavam situados o tabernáculo e o altar de bronze, e fez um grande sacrifício. Mediante um sonho, recebeu a divina certeza de que sua petição para a sabedoria lhe seria concedida. Além de uma mente privilegiada, Deus também o dotou de riquezas, honras e uma longa vida, condicionado tudo isso a sua obediência (1 Reis 3.14).

A sagacidade de Salomão se converteu numa fonte de feitos maravilhosos. A decisão dada pelo rei quando duas mulheres contenderam pela maternidade de um bebê (1 Reis 3.16-28), sem dúvida representa uma amostra dos casos em que demonstrou sua extraordinária sabedoria. Quando esta e outras notícias circularam por toda a nação, os israelitas reconheceram que a oração do rei em súplica por sabedoria tinha sido escutada e concedida.

Organização do reino

Comparativamente, é muito pouca a informação que se dá a respeito da organização do vasto império de Salomão. Aparentemente, foi simples em seus princípios, mas indubitavelmente se fez mais complexa com o passar dos anos, de responsabilidade sempre crescente. O próprio rei constituía por si mesmo o tribunal supremo de apelação, como está exemplificado na famosa contenda das duas mulheres. Em 1 Reis 4.1-6, as nomeações estão estabelecidas pelos seguintes cargos: três sacerdotes, dois escribas ou secretários, um chanceler, um supervisor de oficiais, um cortesão da casta sacerdotal,

um supervisor de palácio, um oficial a cargo dos homens forçados e um comandante do exército. Isto não representa senão uma ligeira expansão dos cargos instituídos por Davi.

Para a questão tributária, a nação foi dividida em doze distritos (1 Rs 4.7-19). O oficial a cargo de cada distrito devia fornecer provisões para o governo central, um mês de cada ano. Durante os outros onze meses, devia coletar e depositar as provisões nos depósitos situados em cada distrito. A provisão de um dia para o rei e sua corte, o exército e o resto do pessoal, consistia em 11.100 litros de farinha, quase 22.200 de comida, 10 bois cevados, 20 bois de pasto e 100 ovelhas, além de outros animais e aves (1 Rs 4.22-23). Aquilo requeria uma extensa organização dentro de cada distrito.

Salomão manteve um grande exército (1 Rs 4.24-28). Além da organização do exército estabelecido segundo Davi, Salomão também utilizou uma força de combate de 1400 carros de batalha e 12000 cavalheiros, aos que instalou em Jerusalém e em outras cidades por toda a nação (2 Cr 1.14-17). Aquilo adicionava à carga tributária um fornecimento regular de cevada e palha. Uma organização eficiente e uma sábia administração eram essenciais para manter um estado de prosperidade e progresso.

Construção do templo

O mais importante no vasto e extenso programa de construções do rei Salomão foi o templo. Enquanto que outros edifícios apenas são mencionados, aproximadamente 50% do relato bíblico do reinado de Salomão se dedica à construção e dedicação deste centro focal na religião de Israel. Isso marcou o cumprimento do sincero desejo de Davi, expressão nos começos de seu reinado em Jerusalém, o estabelecer um lugar central para o culto divino.

Os arranjos do tratado que Davi tinha feito com Hiram, o rei de Tiro, foram continuados por Salomão. Como "rei dos sidônios", Hiram governou sobre tiro e Sidom, que constituíam uma unidade política procedente dos séculos XII ao VII a.C. Hiram era um rico e poderoso governante com extensos contatos comerciais por todo o Mediterrâneo. Já que Israel tinha um poderoso exército e os fenícios uma grande frota, resultava de mútuo benefício manter relações amistosas. Como os fenícios estavam muito avançados em construções arquitetônicas e no manejo de custosos materiais de construção, foi particularmente um ato de sabedoria política atrair-se o favor de Hiram.

Arquitetos e técnicos da Fenícia foram enviados a Jerusalém. O chefe de todos eles era Hiram (Hurão-Abi, Hirão), cujo pai procedia de tiro e cuja mãe era uma israelita da tribo de Dã (2 Cr 2.14). Para ajudar os hábeis trabalhadores e abonar a madeira do Líbano, Salomão efetuou pagamentos em grão, vinho e óleo.

A labor para a construção do templo foi cuidadosamente organizada. Trinta mil israelitas foram recrutados para preparar os cedros do Líbano, com destino ao templo. Sob Adonirão, que estava

a cargo daquela leva, somente dez mil homens trabalhavam cada mês, voltando a seus lares durante dois meses. Dos estrangeiros residentes em Israel, se utilizaram um total de 150.000 homens, como portadores de carga (70.000) e cortadores de pedra (80.000), além de 3600 capatazes (2 Cr 2.17-18). No segundo livro de Crônicas 8.10, um grupo de 250 governadores são mencionado como sendo israelitas. Sobre a base de 1 Reis 5.16 e 9.23, houve 3300 encarregados, dos quais 550 eram oficiais chefes. Aparentemente, 250 destes últimos eram israelitas. Ambos relatos têm um total de 3850 homens para supervisionar o grande trabalho de 150.000 trabalhadores.

Não existem restos do templo salomônico conhecidos pelas modernas escavações. Além disso, e abundando no problema, nem um simples templo tem sido descoberto na Palestina que date dos quatro séculos durante as quais a dinastia davídica governou em Jerusalém (100-600 a.C.). O topo do monte Moriá, situado ao norte de Jerusalém e ocupado por Davi, foi nivelado suficientemente para o templo de Salomão. É difícil captar o tamanho de semelhante área naquele tempo, já que o edifício foi destruído no ano 586 a.C. pelo rei da Babilônia. Após ter sido reconstruído no 520 a.C., o templo foi de novo demolido no ano 70 de nossa era. Desde o século VII da era cristã, a mesquita maometana, a Cúpula da Rocha, tem permanecido nesse lugar, que é considerado como o lugar mais sagrado da história do mundo. Hoje, a zona do templo cobre uns 140.000 a 160.000 m², indicando que o topo do monte Moriá é consideravelmente maior agora que nos dias de Salomão. O templo era duas vezes maior que o tabernáculo de Moisés em sua área básica.

A questão da influência contemporânea no templo e sua construção tem sido reconsiderada nas recentes décadas. Os relatos bíblicos foram cuidadosamente examinados à luz dos restos arqueológicos com relação a templos e religiões das civilizações contemporâneas no Egito, na Mesopotâmia e na Fenícia. Embora Edersheim (1880) escreveu que o plano e desígnio do templo de Salomão era estritamente judaico, é de geral consenso dos arqueólogos de hoje que a arte e a arquitetura eram basicamente fenícios. Está claramente indicado na Escritura que Davi empregou arquitetos e técnicos de Hiram, rei de Tiro. Enquanto que Israel provia o trabalho, os fenícios supriam o papel dos artesãos e supervisores da construção real. Desde a escavação do sítio Tell Tainat (antiga Hattina) em 1936 pela Universidade de Chicago, ficou aparente que o tipo de arte e arquitetura do templo de Jerusalém era comum na Fenícia no século X a.C. Portanto, parece razoável conceder o crédito aos artesãos fenícios e a seus arquitetos pelos planos finais do templo, já que Davi e Salomão os empregavam para este serviço particular.

Dedicação do templo

Devido a que o templo foi completado no oitavo mês do ano décimo segundo (1 Rs 6.37-38), é completamente verossímil que as cerimônias da dedicação tivessem sido efetuadas no sétimo mês

do ano décimo segundo e não um mês antes de ser terminado. Isto teria permitido um tempo para o elaborado planejamento deste grande acontecimento histórico (1 Rs 8.1-9; 2 Cr 5.2-7.22), para esta ocasião, todo Israel estava representado pelos anciãos e os chefes.

A festa dos tabernáculos, que não somente lembrava os israelitas que uma vez foram peregrinos no deserto, senão que também era uma ocasião para agradecer depois do tempo da colheita, que começava no dia décimo quinto do mês sétimo. Edersheim conclui que as cerimônias da dedicação tiveram lugar durante a semana precedente à festa dos tabernáculos. A totalidade da celebração durou duas semanas (2 Cr 7.4-10), e valia para todo Israel, que acudiu por meio de seus representantes desde Hamate até a fronteira do Egito. Keil, em seu comentário sobre 1 Reis 9.63, sugere que houve 100.000 pais e 20.000 anciãos presentes. Isto explica o motivo pelo qual milhares de animais foram levados até ali para esta ocasião que não tinha precedentes. Salomão era a pessoa chave nas cerimônias das dedicações. Sua posição como rei de Israel era única. Sob a aliança, todos os israelitas eram servos de Deus (Lv 25.42, 55; Jr 30.10, e outras passagens), e considerados como reino de sacerdotes em relação a Deus (Êx 19.6). Mediante os serviços dedicatórios, Salomão toma o lugar de um servo de Deus, representando a nação escolhida por Deus para ser seu povo. Esta relação com Deus era comum ao profeta, ao sacerdote, ao laico, igual ao rei, em verdadeiro reconhecimento da dignidade do homem. Nesta capacidade, Salomão ofereceu a oração, deu a mensagem dedicatória e oficiou nas oferendas dos sacrifícios.

Na história religiosa de Israel, a dedicação do templo foi o acontecimento mais significativo desde que o povo abandonou o Sinai. A repentina transformação desde a escravidão do Egito a uma nação independente no deserto, foi uma demonstração do poder de Deus em nome de sua nação. Naquele tempo, o tabernáculo foi erigido para ajudá-los em seu reconhecimento e serviço a Deus. Agora, o templo tinha sido levantado sob o poder de Salomão. Isto constitui a confirmação do estabelecimento do trono davídico em Israel. Como a presença de Deus era visível, mediante a coluna de fumaça sobre o tabernáculo, assim a glória de Deus pairava sobre o templo e significava a bênção de Deus. Isto confirmava de forma divina o estabelecimento do reino que tinha sido antecipado por meio de Moisés (Dt 17.14-20).

Projetos de construção extensiva

O palácio de Salomão (ou a casa do bosque do Líbano) não está senão brevemente mencionado (1 Rs 7.1-12; 2 Cr 8.1), foi completado em treze anos, havendo um período de construção de vinte anos para o templo e o palácio. Muito verossimilmente estava situado na ladeira meridional do monte Moriá, entre o templo e Sião, a cidade de Davi. Este palácio era complexo e elaborado, contendo

escritórios de governo, habitações para a filha de Faraó, e a residência privada do próprio rei Salomão, e cobria uma área de 46 x 23 x 14 m.

Incluído neste grande edifício e seu programa de construções, estava a extensão das muralhas de Sião (Jerusalém) para o norte, de forma que se unissem o palácio e o templo dentro das muralhas da cidade capital de Israel. O poderoso exército em armas de Salomão também requeria muita atividade nas construções por todo o reino. A construção de cidades de armazenamento para propósitos administrativos e de sistemas de defesa, foram intimamente integrados. Uma impressionante lista de cidades, que sugere o extenso programa de construções de Salomão, é dada em 1 Rs 9.15-22 e 2 Cr 8.1-11. Gezer, que tinha sido uma praça forte cananéia, foi capturada pelo Faraó do Egito e utilizada como fortaleza por Salomão, após tê-la recebido como dote. Escavações feitas no lugar de 5,8 hectares de Megido, indicam que Salomão tinha adequado ali acomodações para 450 cavalos e 150 carros de batalha. Esta fortaleza guardava a importante Megido ou o vale do Esdraelom, através do qual passava o caminho mais importante entre Egito e a Síria. Desde um ponto de vista militar e comercial, este caminho era vital para Israel. Igualmente foi escavada Hazor, primeiro por Garstang e mais recentemente sob a supervisão de Israel. Outras cidades mencionadas na Bíblia são Bete-Horom, Baalate, Tamar, Hamate-Zobá e Tadmor. Além destas, outras cidades funcionaram como quartéis ou capitais de distritos administrativos (1 Rs 4.7-19). Achados arqueológicos em Bete-Semes e Laquis indicam que existiam edifícios com grandes habitações nessas cidades para serem utilizados como armazéns. Sem dúvida devem ter-se escrito longas descrições a respeito dos programas de construções executados pelo rei Salomão, porém os relatos bíblicos somente sugerem sua existência.

Comércio, negócios e rendas públicas

Eziom-Geber e Elate estão brevemente mencionadas em 1 Rs 9.26-28 e 2 Cr 8.17-18 como portos marítimos no golfo de Ácaba. Tell-el-Kheleifeh no extremo norte deste golfo é o único lugar conhecido que mostra a história ocupacional de Elate, Eziom-Geber. Tell-el-Kheleifeh, como um centro marítimo industrial, fortificado, de armazenamento e caravaneiro para tais cidades, pôde ter tido igual importância que outros distritos fortificados e cidades com guarnições de carros de batalha, tais como Hazor, Megido e Gezer. Os jazigos de cobre e ferro eram numerosos por todo o Wadi-Arabah. Davi já tinha estabelecido fortificações por toda a terra de Edom quando instaurou seu reinado (2 Sm 8.14).

Numerosos centros de fundição em Wadi-Arabah puderam ter provido a Tell-el-Kheleifeh de ferro e cobre para processos de refinamento e a produção de moldes com propósitos comerciais. No

vale do Jordão (1 Rs 7.45-46), e em Wadi-Arabah, Salomão deve ter comprovado a verdade das declarações de Deuteronômio 8.9, de que a terra prometida tinha recursos naturais de cobre.

Ao desenvolver e controlar a indústria dos metais na Palestina, Salomão esteve em posição de comercializar. Os fenícios, sob Hiram, tinham contatos com refinarias de metal em distantes pontos do Mediterrâneo, tais como a Espanha, e assim estavam em situação de construir não só refinarias para Salomão, senão também para aumentar o comércio. Os barcos de Israel traficaram com o ferro e o cobre tão longe como até o sudoeste da Arábia (o moderno Iêmen) e a costa africana da Etiópia. Em troca, eles levaram ouro, prata, marfim e asnos a Israel. Aquela extensão naval com suas expedições levando ouro desde Ofir durou "três anos" (2 Cr 9.21), ou um ano completo e parte de dois anos mais. Proporcionou a Salomão tais riquezas, que foi classificado como o mais rico de todos os reis (2 Cr 9.20-22; 1 Rs 10.11-22).

Os israelitas obtiveram cavalos e carros de combate dos governantes heteus na Cilícia e seu vizinho Egito. Os intermediários e agentes representantes dos cavalos e carros guerreiros entre a Ásia Menor e o Israel foram os arameus (1 Rs 10.25-29; 2 Cr 1.14-17).

Embora Davi lesava ou inutilizava todos os cavalos que capturava, com a exceção de uma centena (2 Sm 8.4), é obvio que Salomão acumulou uma força considerável. Aquilo resultava importante para a proteção, tanto como controle de todo o comércio que cruzava o território de Israel. As rendas e tributos de Salomão foram incrementados pelas vastas caravanas de camelos empregadas no comércio das especiarias procedente do sul da Arábia e encaminhado à Síria e a Palestina, assim como para o Egito.

O rei Salomão ganhou tal respeito internacional e reconhecimento, que suas riquezas foram grandemente incrementadas pelos presentes que recebia de lugares próximos e longínquos. Em resposta a sua petição inicial, tinha sido divinamente dotado com a sabedoria de forma tal que as gentes de outras terras iam ouvir seus provérbios, seus contos e seus discursos sobre vários assuntos (1 Rs 4.29-34). Se o relato da visita da rainha de Sabá não é senão uma amostra do que acontecia frequentemente durante o reinado de Salomão, pode apreciar-se o motivo pelo qual o ouro não cessava de chegar à capital de Israel. O fato de que a rainha atravessasse diversos territórios e viajasse 1931 km em camelo pôde também ter sido motivado por interesses comerciais. As expedições navais desde Eziom-Geber podem ter estimulado as negociações para acordos favoráveis de intercâmbio comercial. Sua missão teve êxito (1 Rs 10.13), embora Salomão, além de garantir as petições da rainha, lhe devolveu tudo o que ela tinha levado, resulta duvidoso que fizesse o mesmo com todos os reis e governantes da Arábia, os quais lhe levavam presentes (2 Cr 9.12-14). Ainda que seja difícil valorizar o importe das riquezas descritas, não há dúvidas de que Salomão representou o epítome em riqueza e sabedoria de todos os reis que governaram em Jerusalém.

Apostasia e suas consequências

O capítulo final do reino de Salomão é trágico (2 Rs 11). O motivo pelo qual o rei de Israel, que alcançou êxitos em sabedoria, riqueza, fama e prestígio internacional sob a bênção divina, terminasse seus quarenta anos de reinado sob augúrios de fracasso, é mais que surpreendente. Com base nesta consideração, alguns têm achado que o relato não é confiável e até é contraditório, e buscaram outras explicações. A verdade da questão é que Salomão, que jogou o papel mais destacado na dedicação do templo, se afastou da devoção que com todo o coração tinha dedicado a Deus; uma experiência paralela à de Israel no deserto após a construção do tabernáculo. Salomão rompeu o mesmíssimo primeiro mandamento por sua política de permitir a adoração dos ídolos e seu culto na própria Jerusalém.

A mistura de alianças matrimoniais entre as famílias reais era uma prática comum no Próximo Oriente. A princípios de seu reinado, Salomão fez uma aliança com Faraó, aceitando uma filha deste último em matrimônio. Embora a levou a Jerusalém, não existe indicação de que lhe fora permitido levar com ela a idolatria (1 Rs 3.1). No auge de seus triunfos, Salomão tomou esposas dos moabitas, edomitas, sidônios e heteus. Além disso todo, se fez de um harém de 700 esposas e 300 concubinas. Se isto foi motivado por causas diplomáticas e políticas, para assegurar a paz e a segurança, ou por uma tentativa de superar os outros soberanos de outras nações, é algo que não está indicado. Não obstante, era contrário ao expressado nos mandamentos de Deus (Dt 17.17). Salomão permitiu que a multiplicidade de esposas fosse sua ruína, ao afastar seu coração de Deus. Não somente tolerou a idolatria, senão que ele mesmo prestou reconhecimento a Astarote, a deusa da fertilidade dos fenícios, conhecida como Astarté entre os gregos, e Ishtar para os babilônicos. Para o culto de Milcom ou Moloque, o deus dos amonitas, e para Quemós, o deus dos moabitas, Salomão erigiu um lugar sobressalente numa montanha ao leste de Jerusalém, que não foram suprimidos como lugares desses cultos durante três séculos e meio, senão que permaneceram como uma abominação nas proximidades do templo, até os dias de Josias (2 Rs 23.13). Além disso, construiu altares para outros deuses estranhos não mencionados pelos seus nomes (1 Rs 11.8).

A idolatria, que era uma violação às palavras de apertura do Decálogo (Êx 20), não podia ser tolerada. A repulsa de Deus (1 Reis 11.9-13) foi provavelmente entregada a Salomão mediante o profeta Aías, que aparece mais tarde no capítulo. A causa de sua desobediência, o reinado de Israel devia ser dividido. A dinastia de Davi continuaria governando parte do reino por graça a Davi, com quem Deus tinha feito uma aliança, e porque Jerusalém tinha sido escolhida por Deus. Deus não romperia sua promessa, incluso apesar de que Salomão tivesse perdido seus direitos e suas bênçãos.

Também, por amor a Davi, o reino não seria dividido enquanto vivesse Salomão, embora surgiriam adversários e inimigos que ameaçassem a paz e a segurança, antes da terminação do reinado.

Hadade, o edomita, foi um líder que se opos a Salomão. Na conquista do Edom por Joabe, hadade, que era um membro da família real, tinha sido resgatado por servos e levado ao Egito quando criança. Ali casou com uma irmã da rainha do Egito, e gozou do favor e dos privilégios da corte real. Depois da morte de Joabe e Davi, voltou ao Edom e com o passar do tempo se fez o suficientemente forte como para ser uma ameaça para Salomão em seus últimos anos (1 Rs 11.14-23). A posição de Salomão como "rei do cobre" ficou precária, igual que o lucrativo negócio da Arábia e o comércio sobre o Mar Vermelho.

Rezom de Damasco significou talvez uma ameaça maior (1 Rs 11.23-25). A formação de um reino independente arameu ou sírio constituiu uma séria ameaça política que implicava consequências comerciais. Embora Davi tivesse conquistado Hamate, quando o poder de Hadade-ezer foi quebrado, Salomão o achou necessário para suprimir uma rebelião ali e construir cidades de armazenamento (2 Cr 8.3-4). Inclusive controlou Tifsa, sobre o Eufrates (1 Rs 4.24), que era extremamente importante para o domínio das rotas do comércio, no curso do reinado de Salomão, Rezom esteve em condições de estabelecer-se por si mesmo em Damasco, aonde chegou a ser o maior dos constantes perigos para a paz e a prosperidade de Israel nos últimos anos do reinado de Salomão.

Conforme mudavam as coisas, um dos homens do próprio Salomão, Jeroboão, filho de Nabate, demonstrou ser o fator real devastador em Israel. Sendo um homem verdadeiramente capaz, tinha sido colocado ao mando dos trabalhos forçados que reparavam muralhas de Jerusalém, e construiu Milo. Utilizou aquela oportunidade para sua própria vantagem política e para ganhar seguidores. Um dia Aías, o profeta, o encontrou e rasgou seu manto novo em doze pedaços, entregando-lhe dez deles. Mediante este ato simbólico, informou a Jeroboão que o reino de Salomão seria dividido, não sobrando senão duas tribos para a dinastia davídica, enquanto que as outras dez constituiriam um novo reino. Sob a condição de sua obediência de todo coração, Jeroboão recebeu a certeza de que seu reino ficaria permanentemente estabelecido, como o de Davi.

Aparentemente, Jeroboão não quis esperar os acontecimentos, o que implicava abertamente sua oposição ao rei. Por todas as coisas, Salomão suspeitou uma insurreição e buscou a Jeroboão para matá-lo. Em consequência, Jeroboão fugiu ao Egito, onde encontrou asilo com Sisaque, até a morte de Salomão.

Inclusive quando o reino se susteve e não foi dividido até depois se sua morte, Salomão esteve sujeito à angústia de uma rebelião interna e da secessão de várias partes de seu reino. Como resultado de ter falhado em obedecer e servir a Deus de todo coração, o bem-estar geral e a prosperidade pacífica do reino ficaram seriamente ameaçados e em constante perigo.

Ênfases da narrativa na história do reino unificado

	SAUL	DAVI	SALOMÃO
NOMEAÇÃO	1. Por Samuel 2. Processo público 3. Ação do Espírito	1. Por Samuel 2. Processo longo 3. Pelo povo	1. Por Davi 2. Por Zadoque e Natã
SUCESSOS E POTENCIAIS	Vitória sobre os amonitas	1. Conquista de Jerusalém 2. Derrota dos filisteus 3. Captura da arca 4. Aliança 5. Expansão do império	1. Sonho e pedido de sabedoria 2. Sabedoria e administração do império 3. Construção do templo
FRAQUEZAS	1. Oferta impaciente 2. Colocou o povo sob um juramento impróprio 3. Desobedeceu às instruções na batalha contra os amalequitas	1. Adultério com Bate-Seba e assassinato de Urias 2. Levantamento errôneo do censo	1. Acomodou as práticas religiosas das esposas estrangeiras 2. Trabalho forçado e imposto sobre o povo
RESULTADOS DAS FRAQUEZAS	Mal julgamento, incompetência e ciúmes	1. Derramamento de sangue dentro da família (Amnon, Absalão, Adonias) 2. Revolta no reino (Absalão, Seba)	1. Problemas militares 2. Divisão do reino

BIBLIOGRAFIA

BRIGHT, John. **História de Israel**. São Paulo: Paulus, 2003.

MERRILL, Eugene H. **História de Israel no Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

MESQUITA, Antônio Neves de. **Povos e Nações do Mundo Antigo**. São Paulo: Hagnos, 2002.

SCHULTZ, Samuel J. **A História de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1995

VAUX, Roland de, **Instituições de Israel**. São Paulo : Vida Nova, 2004.